

JOAQUIM CORREIA DE ANDRADE

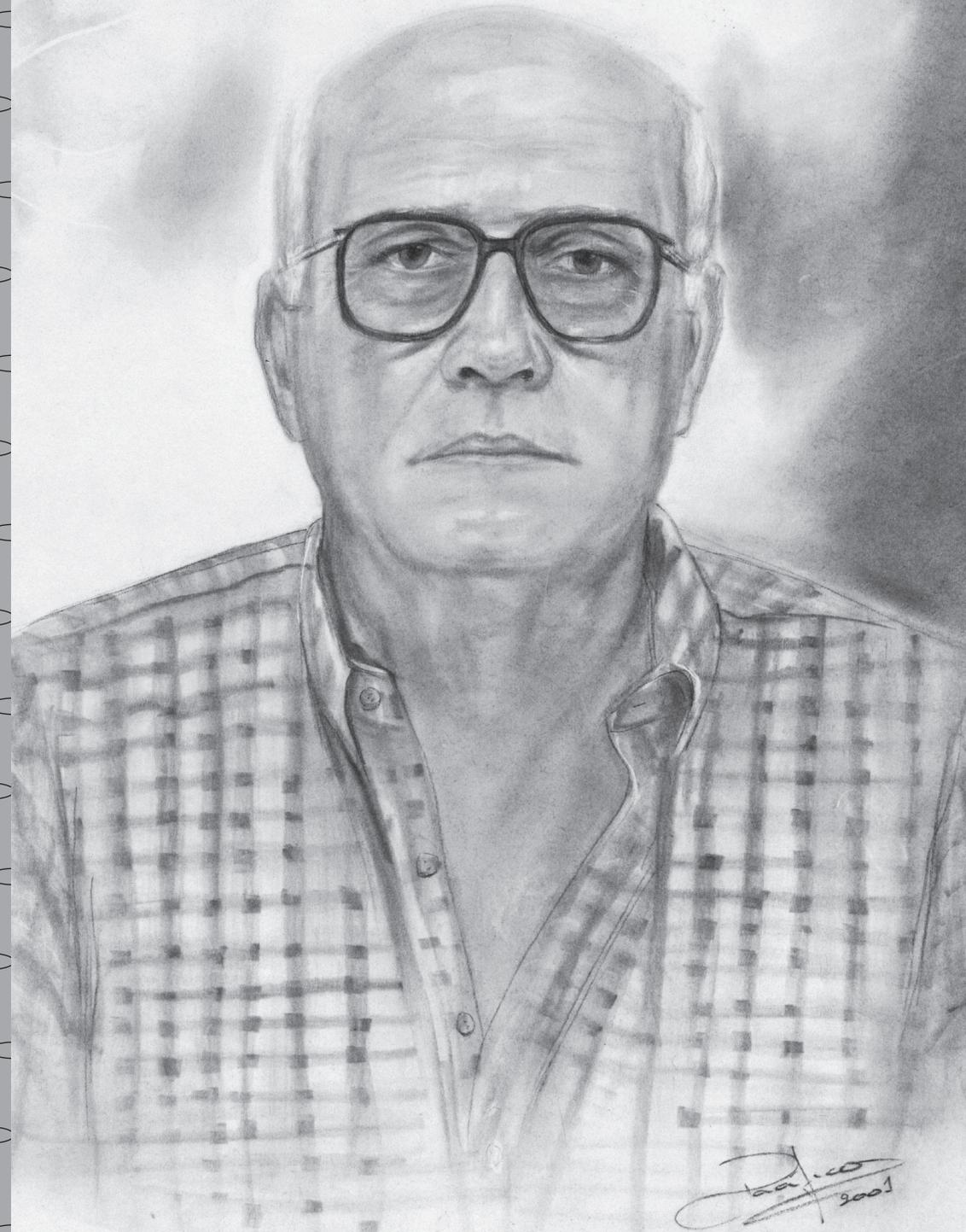
saber
e
saber fazer

TECOMAT
Engenharia 

Flávia de Gusmão



JOAQUIM CORREIA DE ANDRADE



Copyright © 2018 Tecomat
Coordenação Editorial
Joaquim Correia Xavier de Andrade Filho

Pesquisa e Texto
Flávia de Gusmão

Projeto Gráfico e Capa
Zabad Design
Gisela Abad
Designer Assistente
Talita Lima

Revisão de Texto
Cecília Beltrão

Fotos
Acervo pessoal, de familiares e da Tecomat

Tratamento de Imagem
Robson Lemos

JOAQUIM CORREIA DE ANDRADE

saber
e
saber e fazer

TECOMAT
Engenharia 

Flávia de Gusmão

G982f Gusmão, Flávia de
Joaquim Correia de Andrade e Tecomat Engenharia: Saber e saber
fazer/ Flávia de Gusmão. - Recife: Caleidoscópio, 2018.
160p.

ISBN 978-85-63055-31-6
Inclui fotografias do acervo pessoal, de familiares e da Tecomat.

1. Joaquim Correia de Andrade - Biografia 2. Empresa Tecomat -
Engenharia - Pernambuco I. Título

CRB4/1544
CDU 929 (81)



RECIFE
2018



Dedico este livro
aos meus pais,
à Fernanda, companheira de toda a vida,
e aos meus filhos
e netos.

fernando

Certo dia, em meio ao caos de mobilidade que se instaurou na capital pernambucana por conta de uma paralisação no setor de transportes, pude observar, um a um, os funcionários da Tecomat chegarem para ocupar suas funções. Com maior ou menor esforço, mais cedo ou mais tarde, todos fizeram questão de comparecer, empenhados em não deixar as atividades cessarem.

É a este comprometimento, a esta dedicação, que agradeço todos os dias, desde que fundei mais do que uma empresa, uma família.

A Tecomat é um organismo vivo, pulsante. E, se alguns compõem o seu cérebro, outros são os braços e pernas que se movem e avançam, o sangue que bombeia sem interromper o fluxo. Todos são coração.

Eternamente, o meu muito obrigado.

Joaquim Correia Xavier de Andrade Filho

Parte da Família Tecomat, outubro de 2018.





Em cima: Equipe Tecomat Engenharia.
Embaixo: Tibério, Claudio, Joaquim e Ivanildo.

Em cima: Atual diretoria da Tecomat Engenharia.
Embaixo: Joaquim Correia e Fernanda Wanderley.

AO RECEBER o convite do professor Joaquim para escrever o prefácio deste livro, fiquei inteiramente surpreso e lhe afirmei que não me via com mérito suficiente para cumprir tão honrosa missão. Afinal, este livro retrata não apenas a trajetória da empresa Tecomat, por ele criada e que hoje é uma referência da engenharia pernambucana e brasileira, mas também a sua brilhante história de vida. O professor Joaquim Correia Xavier de Andrade Filho é um ícone da engenharia e uma das pessoas que me serviram como referência de profissional. Julguei-me – e ainda me julgo –, então nessa sua escolha, distinguido apenas pela generosidade do mestre, a quem, ao longo dos anos, aprendi a conhecer e a admirar.

Tive a satisfação de conhecê-lo no início do ano de 1973, como meu professor na disciplina materiais de construção no 4º ano do curso de graduação em Engenharia Civil da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. A minha turma foi a última do regime seriado do curso (a partir da turma seguinte e até hoje, o curso é oferecido em regime de créditos). Àquela época, as disciplinas eram anuais e não semestrais como hoje. Assim, durante todo aquele ano, fui seu aluno e, desde então, aprendi com o mestre não apenas os aspectos relacionados à ciência e à tecnologia dos materiais, mas também importantes lições de vida.

Pouco tempo depois, no ano de 1975, fui promovido à condição de seu colega de magistério no Departamento de Engenharia Civil da UFPE, chefiado, à época, pelo saudoso professor Amaro José do Rego Pereira. Encontrávamo-nos frequentemente pelos corredores da Escola e sempre vinha a conversa agradável e de muito proveito para mim, pelos sempre presentes conhecimentos que ele transmitia.

Vi a sua tristeza no ano de 2004 quando, ao completar 70 anos de idade, teve de se aposentar compulsoriamente do serviço público. Ensinar era para ele um sacerdócio e uma paixão. Então, o forçado afastamento das suas atividades docentes (coisas do

serviço público) foi para ele um motivo de inconstância e também para todos os seus colegas e amigos professores e demais alunos que vieram depois e que ficaram privados do seu convívio e da sua sapiência.

No ano de 2005, tive a satisfação de estar à frente, juntamente com um grupo de colegas, da elaboração de uma nota de apoio ao Prof. Joaquim Correia, a respeito da sua irrepreensível conduta nos trabalhos junto à Comissão Parlamentar de Inquérito que investigava, na Assembleia Legislativa de Pernambuco, as causas do desabamento de prédios em Pernambuco. Essa nota foi publicada em página inteira nos jornais de maior circulação no Recife e foi assinada por mais de 900 engenheiros, que fizeram questão de subscrever o documento com os seus nomes completos e os seus respectivos números de registro no Crea.

Tenho apenas uma divergência com o Prof. Joaquim, porém no campo futebolístico. Ele é rubro-negro de quatro costados, e eu, alvirrubro de coração. Mas ele também tem fortes laços alvirrubros, pois o seu sogro foi presidente do glorioso Clube Náutico Capibaribe.

Sobre a Tecomat, acompanhei a distância o seu nascimento, a sua consolidação e a sua expansão. Inspirada pelos ideais do seu criador, a empresa foi criada em 1992 e, pela qualidade dos seus serviços, veio a se tornar a primeira e ainda hoje a única empresa privada em todo o Norte e Nordeste do País a ser acreditada pelo Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia (INMETRO) para a realização de serviços de controle tecnológico de concreto. Foi também homologada, pelo Ministério das Cidades, como uma Instituição Técnica de Avaliação (ITA) para sistemas construtivos convencionais e inovadores.

O lema da Tecomat, “Saber e Saber Fazer”, representa muito bem o pensamento e as atitudes de vida do Prof. Joaquim Correia. Ele tem uma frase que expressa a questão dos aspectos indissociáveis entre o magistério (“o saber”) e a prática da engenharia (“o saber fazer”). Ao fazer referência a quem vai ensinar engenharia sem

possuir a indispensável experiência profissional, diz ele, com bom humor: “Ensina Engenharia, mas nunca na vida construiu sequer uma casinha de cachorro!”

Cada vez são mais raras pessoas como o Prof. Joaquim Correia, que exerceu a engenharia e o magistério e conseguiu, com isso, transmitir aos alunos a sua vasta experiência profissional. A universidade hoje privilegia apenas a titulação e a dedicação exclusiva, ignorando que deveria alcançar uma proporção adequada entre os professores pesquisadores de dedicação exclusiva à academia (de indiscutível importância pela produção do saber) e os profissionais que de fato exercem a profissão e assim conseguem mostrar aos alunos a boa prática, no caso, da engenharia.

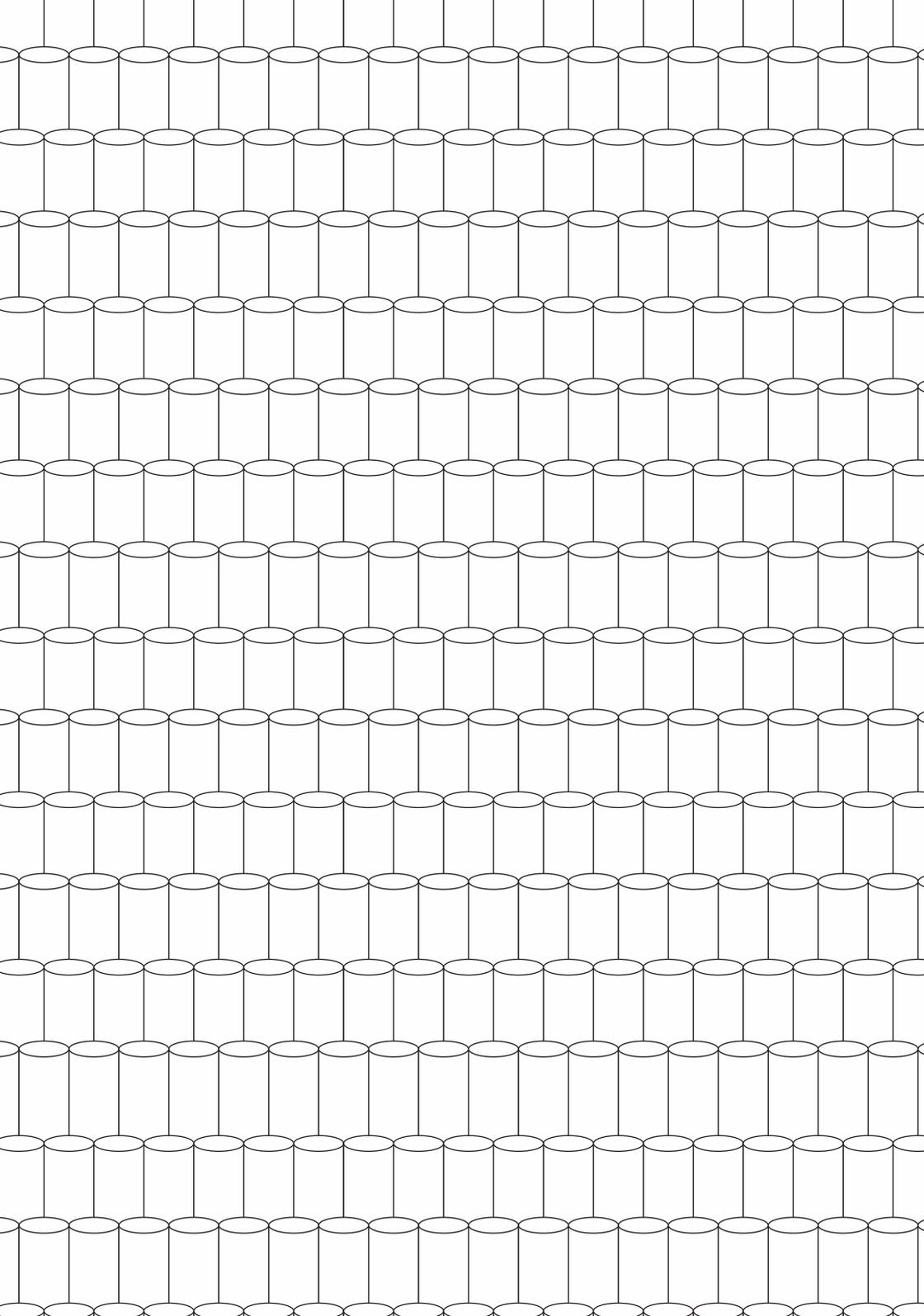
Entre os grandes patrimônios imateriais da Tecomat está o seu capital humano, constituído por uma equipe técnica de elevada competência, da qual aqui destaco, entre outros, a engenheira Sandra Maria Carneiro Leão e os engenheiros e professores Tibério Andrade e Angelo Just (todos meus ex-alunos na UFPE), além do irrequieto engenheiro José Neto.

Outro grande patrimônio é a sua credibilidade, tanto técnica quanto na confiança da relação com o cliente. Há, a esse respeito, uma frase interessante no livro: “O engenheiro sabia que precisaria entregar dois produtos ao seu cliente, um tangível e outro intangível, e este último era a palavra empenhada.” O compromisso com a verdade e o respeito aos princípios resumem assim a missão da empresa criada pelo Prof. Joaquim, sempre fiel às raízes do recanto onde nasceu, em Vicência, município situado na Zona da Mata Norte de Pernambuco.

Considero-me, pois, um privilegiado por ter sido convidado, imerecidamente, a escrever o prefácio deste livro, cuja leitura, amena e agradável, será com certeza de muito proveito para todos aqueles que valorizam a boa engenharia e a ética profissional.

Mauricio Renato Pina Moreira

Engenheiro Civil, Mestre em Engenharia Civil, Professor da UFPE e da UNICAP e Membro Titular das Academias Nacional e Pernambucana de Engenharia



SUMÁRIO

- 17 A construção do sonho
- 27 Os Anos de Faculdade
- 37 Volta às Aulas
- 43 O Início da Vida Profissional
- 52 O Ingresso na Hadan
- 59 O Voo para a Independência
- 71 Tecomat: a Obra de uma Vida
- 77 Os Primeiros Passos
- 81 Concreto: um Campo Fascinante
- 87 Implantação
- 90 A Expansão
- 95 Sangue Novo
- 101 O Planejamento
- 105 Obra do Aeroporto: é Preciso Saber e Saber Fazer
- 111 Passaporte para o Futuro
- 115 Edifício Areia Branca, Outra Lição
- 119 Luta pela Sobrevivência
- 125 Década de Ouro
- 135 Expansão: Sempre um Passo à Frente
- 143 Manutenção: a Palavra por trás da Qualidade
- 147 Solidez, Confiança, Inovação: Missão Cumprida
- 150 Homenagens
- 155 Em Nome da Grande Família Tecomat (Depoimentos)

JOAQUIM CORREIA XAVIER DE ANDRADE FILHO foi o primeiro engenheiro da família criada a partir do casamento entre Joaquim Correia Xavier de Andrade (2/4/1882) e Zulmira Azevedo Correia de Andrade (9/12/1900). Foi o sétimo filho dos nove gerados pelo casal, nascido no dia 23 de novembro de 1934, no Engenho Jundiá, em Vicência, Zona da Mata Norte de Pernambuco.

As três filhas mais velhas – Maria Letícia, Lygia e Maria de Lourdes – casaram-se antes de se formarem. O irmão Manuel Correia de Andrade tornou-se um dos mais respeitados geógrafos, pesquisador da realidade nordestina, com mais de 100 livros publicados, professor emérito da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), membro da Academia de Letras de Pernambuco e Doutor Honoris Causa por três universidades federais (Rio Grande do Norte, Alagoas e Sergipe). Lucíola graduou-se em história e geografia; Maria Livani cursou contabilidade e Maria Lúcia, seguindo os passos do irmão Quinca, também optou pela engenharia como profissão. João Antônio não quis prosseguir com os estudos, e passou a empreender como autônomo.

Depois de concluir os primeiros anos de estudo nas escolas de Vicência e do vizinho município de Aliança, o destino da prole era a capital pernambucana. E para Quinca não foi feita exceção. O pai, advogado e pecuarista, não abria mão de uma educação primorosa. Tinha recursos para isso e estava disposto a dar-lhes bom uso.

A mudança de ares abalou o menino acostumado com a tranquilidade do ambiente rural, com a segurança da companhia paterna e o aconchego materno. O ambiente do campo não apenas fazia-lhe bem, como também combinava com seu temperamento introspectivo, expressado em poucas palavras e gestos discretos, apesar da sua estatura, que, já na infância, indicava o que ele viria a se tornar: um homem grande, 1,90 m de altura.

A adaptação foi difícil. Transferido para o Recife, Joaquim, então com 10 anos de idade, passou a morar com a irmã Lygia, casada com

o médico Nilton Cireno, na residência que ambos compartilhavam no bairro da Torre, Zona Norte do Recife. Essa casa, aliás, na Rua José de Holanda, 442, foi adquirida por Nilton Cireno em parceria com o sogro, Joaquim, também com o propósito de ir recebendo os irmãos de Lygia quando eles seguissem para o Recife.

A matrícula no Ginásio da Madalena foi feita pelo irmão mais velho, Manuel. Aos poucos, a nostalgia do engenho foi dando lugar à conformidade com a nova situação. Para aliviar, sempre existiriam as férias. Joaquim foi se deixando levar com menos resistência até que, ao alcançar a quarta série, já se mostrava bem aclimatado. As notas, que no início oscilaram, ganhavam estabilidade. A atenção do rapazinho já se descolava das questões interiores para se fixar no colorido e oportunidades do novo cenário. Era a vida dizendo que a ela ninguém consegue resistir.

Foi nesse voo de cruzeiro que chegou a decisão de mudar de colégio. O Ginásio da Madalena era satisfatório, mas a implantação das turmas que então correspondiam ao científico (hoje ensino médio) era recentíssima, e ele desejava algo mais consolidado. Foi quando surgiu a indicação do Colégio Oswaldo Cruz. Desta vez, como que acentuando o fato de ter abraçado a independência recém-adquirida, Joaquim foi, ele mesmo, tratar da documentação de transferência e matrícula.

Grandes mudanças o aguardavam no novo educandário, embora ele sequer tivesse ideia do quão profundas e definitivas elas seriam. Para começar, as turmas eram mistas, o que configurava sua primeira experiência em dividir os bancos escolares com garotas. Uma delas, inclusive, chamou-lhe mais atenção do que as outras. Fernanda Wanderley não era nem mais nem menos alta, ou mais bela, ou mais isso ou mais aquilo, do que as suas colegas. Mas, para o jovem, pareceu que ela era, sim, o resumo amplificado das qualidades que mais apreciava. Além do mais, a adolescente, filha do médico pediatra Fernando Wanderley com a dona de casa

Altimira Pinto Lapa, tinha um jeito todo seu e uma inteligência que se destacava.

Quando começaram a namorar, ficou evidente para Joaquim que, se ele não quisesse ficar para trás nas metas traçadas por Fernanda, teria que estudar, e muito. Nanda colocava os estudos como prioridade, estava sempre entre os primeiros da classe e, desde cedo, sabia que queria ser pediatra como o pai. Joaquim já não tinha tanta certeza da trilha que o levaria a uma plena satisfação profissional. Antes, foi descobrindo seu caminho aos poucos, a despeito da pressão paterna, que desejava ver o filho se formando em medicina.

Muitos dos seus colegas do Oswaldo Cruz se encontravam na mesma situação de dúvida, compreensível em tão pouca idade e maturidade. Eram longas as conversas sobre o que fazer, que destino tomar, embora a engenharia sempre despontasse como uma escolha plausível. Ao lado das faculdades de direito e medicina, engenharia compunha a pirâmide de alto prestígio entre as profissões da época. Todo pai queria ter um filho médico, advogado ou engenheiro, de maneira que Joaquim, o senhor do engenho Jundiá, não ficou de todo decepcionado com a escolha do filho que lhe herdara o nome.

No entanto, era mais fácil falar do que fazer. A disputa para obter uma vaga na instituição de ensino superior era acirradíssima, exigindo dos candidatos um preparo que extrapolava as horas em sala de aula. Paulo Júlio de Melo, Cláudio Belém, Paulo Pacheco e Roberto Pires Ferreira eram os amigos mais chegados que estavam no mesmo barco. Eles passaram a contratar aulas particulares de matemática com o professor Meyer Mesel. O foco estava voltado para conquistar o grande prêmio que era poder desfilar com uma régua de cálculo no bolso da camisa – indicação meio acintosa de que ali estava um futuro engenheiro, objeto de inveja e cobiça entre os rapazes da época.

O curso de engenharia era, de fato, considerado o bicho-papão que ceifou a esperança de muitos no meio do caminho. Não tinha isso de preencher as vagas disponíveis. Se não ultrapassassem as barreiras das provas escrita e oral, submetidas a três examinadores, o concorrente estava fora, não importando quantos lugares não preenchidos restassem.

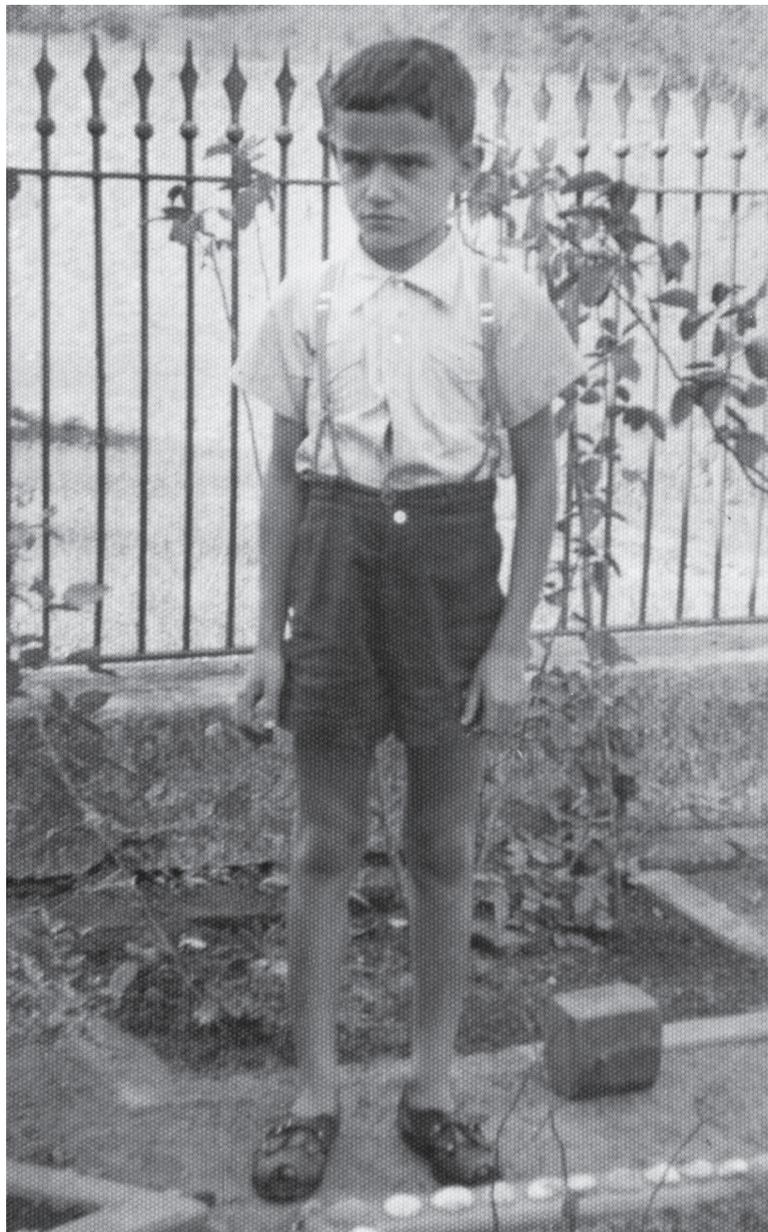
A despeito dos esforços empreendidos, Joaquim não passou no primeiro vestibular, aliás, do grupo original, apenas Pacheco e Belém entraram de primeira. O abalo emocional foi forte, mas Fernanda estava ao seu lado para lhe dar suporte e ajudá-lo a manter-se firme, de olho no prêmio. O esforço foi recompensado quando, no ano seguinte, em 1955, ambos puderam comemorar o ingresso de Joaquim na tão sonhada faculdade. Comemoração dupla, aliás, pois ficaram noivos no Natal de 1955, com planos de casarem quando se formassem. E assim foi: concluíram seus cursos quase simultaneamente, ele colando grau em 18 de dezembro de 1959; ela, no dia 8 do mesmo mês, e o casamento foi realizado na véspera do novo ano, dia 31 de dezembro de 1959.

Joaquim costuma dizer que o Colégio Oswaldo Cruz foi o terreno onde foi plantada a semente que terminou por germinar duas grandes paixões: sua mulher, Fernanda, e a engenharia. Foi também ali que iniciou amizades que se consolidariam pela vida inteira e que não poucas vezes viriam em seu auxílio quando necessário.

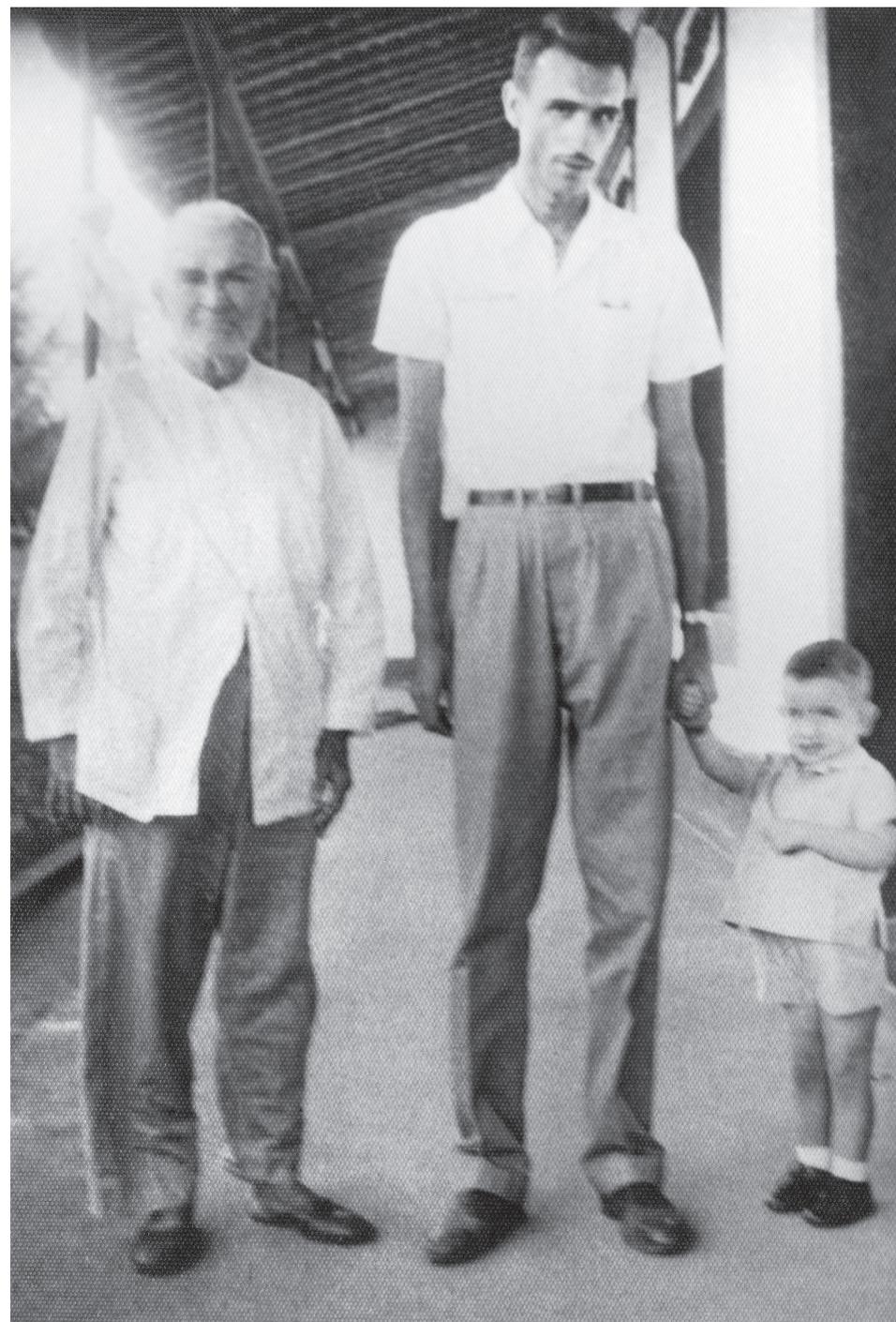


Acima: Joaquim na infância.
Ao lado: No Engenho Jundiá, com a irmã Liviani.





Acima: Joaquim nos jardins da casa grande do Engenho Jundiá.
Ao lado: Os três Joaquins, pai, filho e neto.





Em cima: No Engenho Jundiá, com os irmãos João e Manuel.
Embaixo: 81 anos do pai Joaquim – Joaquim Filho, Fernanda, Tibério, Joaquim,
Zulmira, Altemira e Fernando Wanderley, 1963

À esquerda: Joaquim dançando com a irmã Maria Lúcia.

UMA COISA EM TORNO DA QUAL Joaquim Correia sempre fechou questão foi pleitear, exclusivamente, uma vaga na Universidade do Recife, a mais prestigiada entre as instituições de ensino. Ela foi formada em agosto de 1946, a partir da união da Faculdade de Direito do Recife (fundada em 1827), da Faculdade de Medicina do Recife (1927), da Faculdade de Filosofia de Pernambuco (1941), da Escola de Belas Artes (1932) e da Escola de Engenharia de Pernambuco (1895), sendo o primeiro centro universitário do Norte e Nordeste do Brasil, depois passando a chamar-se Universidade Federal de Pernambuco, em 1965, como autarquia ligada ao Ministério da Educação.

Considerava a seleção um ponto de honra, uma forma de retribuir ao pai todo o esforço que ele havia empregado para lhe proporcionar a melhor formação possível. Foi com muita emoção, então, que, ao se precipitar para conferir o listão, que ficava afixado na Escola de Engenharia, localizada na Rua do Hospício, ouviu da boca do engenheiro Eleumar Martorelli – que viria a ser seu professor e um dos profissionais mais admirados por ele – o anúncio de que havia passado.

Aquele, no entanto, era apenas o primeiro passo para uma jornada que Joaquim sabia ser longa e íngreme. Afinal, era lendário o rigor aplicado aos estudantes, especialmente por alguns mestres que o que tinham de brilhantes, tinham de severos.

Já no segundo ano do curso, Joaquim sentiu na pele e nos nervos a presença imponente de Luiz Freire, professor de física, homem de grande cultura. Foi à sua presença para se submeter a um exame oral com quatro questões, precisando obter a nota 8, um feito considerado impossível. A data ficou gravada em sua memória: 27 de dezembro de 1957. O professor havia se ausentado por 15 dias, tempo que foi aproveitado pelo aluno para se trancar em casa e estudar como se não houvesse amanhã.

Chegada a hora tão temida, ouviu de Luiz Freire a pergunta:

“Você acredita em milagres?” Terminada a prova e tendo sido aprovado com nota 9, o aluno ouviu do mestre um gracejo, que era também um cumprimento disfarçado: “Sua cara era a de uma donzela na noite de núpcias”, disse-lhe Feire, aludindo à ansiedade misturada ao receio estampados na face do aprendiz.

A partir do segundo ano, até o quinto, Joaquim enfronhou-se na política estudantil, ocupando as funções de representante de classe, secretário e vice-presidente do Diretório Acadêmico (DA). O rapaz havia sido criado num ambiente liberal pelo pai, que não se incomodou nem quando seu outro filho, Manuel Correia de Andrade, declarou-se comunista.

Joaquim (pai) acreditava que a liberdade monitorada contribuía mais para a evolução pessoal dos filhos do que a rédea curta. Foi por isso que, ao saber da adesão de Manuel ao PC, o senhor do engenho Jundiá deu apenas um sorriso de Mona Lisa. Não demorou para que, ao ser repreendido pelo partido por estar lendo um livro de Trotsky, o literato Manuel dissesse adeus à filiação. A um homem com tanto amor pela leitura não poderia jamais ser negado o acesso a qualquer título ou autor. Quando faleceu, em 22 de junho de 2017, aos 84 anos, os 70 mil volumes de sua lendária biblioteca foram doados à Universidade de São Paulo (USP).

A metade final dos anos 1950, se comparada com as décadas que se seguiam, no Brasil e no mundo, foi uma espécie de calma que antecede a turbulência. O trauma da morte de Getúlio Vargas, em 1954, havia sido superado; o presidente Juscelino Kubitschek, que assumiria o governo em 1956, prometera em campanha um crescimento nunca testemunhado: “Cinquenta anos em Cinco”, slogan que marcou sua administração, até 1961, calcada no desenvolvimentismo.

Na Escola de Engenharia de Pernambuco, mais do que saber calcular, os alunos se reconheciam, pela primeira vez de forma

conjunta e coesa, como cidadãos atuantes e politicamente responsáveis pela construção de um Brasil melhor e mais justo. O Diretório Acadêmico, ao qual Joaquim dedicava boa parte do seu tempo, era o laboratório onde se dava a fusão de ideias emanadas da população eclética que compunha aquele corpo discente.

A EEP era um microcosmo do Brasil. Em seus corredores cruzavam-se os filhos da aristocracia canavieira, os descendentes da classe média abastada, mas, também, alguns alunos com recursos financeiros parcos, geralmente vindos do interior ou de outros estados, atraídos pela fama da instituição de ensino, considerada uma das melhores do Norte/Nordeste, tendo como rival apenas a Escola Politécnica da Bahia.

Não se estudava na Escola de Engenharia de Pernambuco, vivia-se nela e nela aprendia-se a viver, como narra o senador Cristovam Buarque, ex-governador do Distrito Federal (1995 a 1999), um ex-aluno emérito que galgou ainda as posições de ministro da Educação no governo Lula (2003 a 2004) e reitor da Universidade de Brasília (1985 a 1989):

“Não quero esquecer os ensinamentos de solidariedade e de cidadania, de compromisso de cada um daqueles jovens com os quais eu tive o privilégio de viver os intensos anos da primeira metade da década de 60 e que me ensinaram o que sei, sinto e desejo como cidadão... Nós éramos tudo: heróis que resistiam à ditadura para libertar nosso povo, os sábios que construiriam o desenvolvimento para abolir a pobreza, os dionísíacos que tomavam cerveja até não poder mais, os acadêmicos no sentido grego que discutiam tudo numa pretensa profundidade”, registrou Cristovam Buarque em seu artigo para o livro *Memórias da Escola de Engenharia de Pernambuco*.

Como membro do Diretório Acadêmico, Joaquim Correia esteve no epicentro de um dos mais relevantes episódios desta instituição com mais de 120 anos de serviços prestados: a greve de 1958.

O corpo de alunos da Escola de Engenharia de Pernambuco formava uma comunidade de laços muito estreitos. A proximidade entre todos era especialmente ampliada por causa da migração de alunos veteranos que, devido a algum eventual atraso, terminavam por se misturar à leva de calouros que entrava anualmente. Não era nada fácil manter o avanço constante lá dentro. A rigor, o aluno que não quisesse atrasar o ano letivo não poderia, em hipótese alguma, dedicar-se a outras tarefas. Mas, na prática, a teoria afundava. Havia o CPOR, serviço obrigatório para o Exército, ao qual muitos se submetiam, inclusive Joaquim; havia o diretório e suas ações que envolviam tanto aqueles que estavam diretamente ligados a ele, os militantes, quanto os diletantes; os estágios e, claro, a vida social esperada de rapazes em plena força da juventude.

“O regime de exercícios escolares frequentes e provas parciais de participação obrigatória em dois terços do primeiro semestre e média acima de 7 pontos para aprovação era exigência que só conseguia ser cumprida pelos reconhecidos CDBs”, escreve o ex-aluno Norman B. Costa para o livro *Memórias da Escola de Engenharia de Pernambuco*.

O clima entre alunos e professores era de admiração e respeito, o que não significava que não houvesse dissenso. Nesse contexto, o Diretório Acadêmico (DA) representava todo o corpo discente, independentemente das posições político-ideológicas de cada um. O DA era o vínculo entre os estudantes, a diretoria da escola e, ainda, fazia a ponte com instâncias superiores tais como o Diretório Central dos Estudantes (DCE), a União dos Estudantes de Pernambuco (UEP) e a União Nacional dos Estudantes (UNE).

Em 1958, a insatisfação por parte do alunado em relação a algumas questões se avolumava. Entre as principais reivindicações da categoria estava a ausência de livros didáticos para as respectivas áreas da engenharia. Os professores eram excelentes

na aplicação de problemas práticos, mas a turma se ressentia da escassez de bibliografia mais consistente, que aportasse base intelectual. A substituição, que se mostrava um mero paliativo, era feita pelas cópias mimeografadas de excertos de obras maiores.

Levantada a primeira questão, outras se seguiam com igual premência, exigindo uma tomada de posição tanto por parte do alunado quanto da direção da escola. Uma vez atingindo o impasse, coube ao Diretório Acadêmico, com o apoio maciço dos estudantes, de parte dos professores e até de alguns diretores, deflagrar a greve, que se deu com a ocupação do icônico prédio da Escola de Engenharia de Pernambuco.

O apoio recebido por parte da imprensa e de órgãos de classe, como o Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura (Crea-PE), deu fôlego extra aos grevistas, que passaram a exercer vigília constante no interior da escola, na Rua do Hospício. A ocupação foi inteiramente pacífica e ordeira. Ao fim do movimento, as instalações foram entregues não apenas em perfeito estado, mas faxinadas e com seus preciosos arquivo e biblioteca preservados.

O nome de Joaquim Correia Xavier de Andrade estava entre aqueles escolhidos pela Assembleia Geral de Greve para integrar a comissão que iria negociar com a Direção. Na formação constavam também Enandro César Menezes, Ayrton Belo Lopes, Manoel Dantas Vilar e o presidente do Diretório, Norman B. Costa. Na defesa dos interesses da faculdade, a comissão era composta pelo reitor Joaquim Amazonas, assessorado pelos professores Arnaldo Barbalho, Antônio Bezerra Baltar e Arlindo Pontual.

Entre avanços e recuos, a negociação se alongou por 34 dias (de 06/10/1958 a 10/11/1958). A certa altura, aproveitando uma visita do então presidente Juscelino Kubitschek ao Nordeste, os alunos negociadores, quando impedidos de abordá-lo no Recife, dirigiram-se à capital paraibana, João Pessoa, onde conseguiram fazer chegar às mãos de assessores de JK a pauta com as

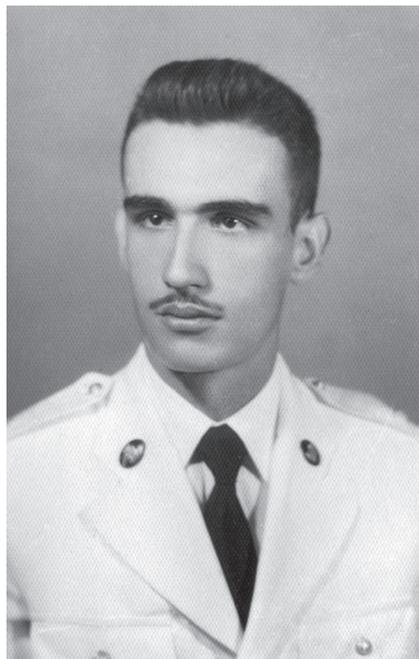
reivindicações. Como resultado do passo ousado, pouco tempo depois foi enviado ao Recife o embaixador Pascoal Carlos Magno como representante do Governo Federal, com autonomia para intermediar o conflito. Diante do cenário de uma greve conduzida pacificamente, mas com resistência, o fiel da balança pendeu um pouco mais para os grevistas, que conseguiram a implementação imediata dos principais itens reivindicados. Entre eles, aquele que viria a ser o ponto crucial: a reforma de um currículo que estava defasado em relação às instituições de ensino superior do sudeste do Brasil.



Acima, carteiras de estudante da Escola de Engenharia.

Página ao lado, em cima: Elmano Amorim de Morais, Enandro Cezar de Menezes, Joaquim Correia de Andrade Filho, Manoel Dantas Vilar Filho, Paulo Júlio de Mello. Embaixo: Congresso de Estudantes de Engenharia, Curitiba, 1958.





Em cima: Turma de Aspirantes de Engenharia do CPOR.
Embaixo: Joaquim na formatura do CPOR.
Ao lado: Dia da formatura de Joaquim na UFPE.

DESDE CEDO, o que Joaquim mais aguardava com ansiedade era uma oportunidade de exercer a prática, por isso sempre buscou oportunidades de estágio. O marco inicial do contato corpo a corpo com a profissão que estava aprendendo nos bancos da faculdade surgiu no quarto ano da graduação, em 1958, sob a forma de um estágio na Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima (RFFSA), uma posição obtida por indicação da colega Ana Luiza Pernambucano da Costa, cujo pai, Otávio da Costa, ocupava o cargo de diretor da estatal, criada mediante autorização da Lei nº 3.115, de 16 de março de 1957.

O dia de Joaquim era longo e corrido. De manhã, dirigia-se à Rua do Hospício, 371, onde funcionava a Escola de Engenharia, para assistir às aulas. Depois de uma refeição às pressas, tomava o trem que o levava à Estação Edgard Werneck, em Areias, onde permanecia até o fim da tarde. Sua atividade como estagiário era circunscrita às oficinas encarregadas da manutenção das locomotivas, mecânica e a vapor, que ligavam o Recife a Jaboatão.

No fim da tarde, encerrado o expediente, Joaquim fazia o caminho de volta, para a Escola de Engenharia, onde, a partir das 17 horas, assumia seu papel como monitor do Laboratório de Materiais de Construção, sob a supervisão do professor José Maria Cabral de Vasconcelos. A vaga foi conquistada pela crença que, desde sempre, norteou as ações de Joaquim: “Só se aprende fazendo”. Era o que repetia para si mesmo, de maneira que, quando o mestre se dirigiu à turma para saber quem se voluntariava para a monitoria, sem qualquer remuneração, Joaquim levantou a mão. Na verdade, cinco se ofereceram, mas todos, exceto ele, desistiram.

“Era um outro tempo, em que se respeitavam os professores. O aluno não se sentava enquanto o mestre não assumisse seu posto e só deixava a sala de aula depois da saída dele”, recorda-se Joaquim Correia. Apesar de os educadores exercerem

suas funções com rigor que, por vezes, parecia demasiado, os educandos se submetiam porque entendiam estarem sendo ali forçados profissionais de alto calibre. Sem dúvida, o quociente de reprovação era alto, pois não se abonavam faltas injustificadas ou se concediam pontos extras por meio de arredondamento de nota. Afinal, aquele era um curso em que décimos na conta precisavam fazer a diferença. Já no primeiro ano, de uma turma formada por 120 alunos, 90 deles foram deixados para trás.

O aluno era submetido a uma incrível pressão, sentida principalmente nos dois primeiros anos do curso, considerados cruciais para o ame-o ou deixe-o, fase em que não poucos estudantes jogavam a toalha e iam fazer outra coisa da vida. Com Joaquim não foi diferente. Até alcançar a etapa em que passou a se sentir como um peixe dentro d'água, o rapaz de Vicência penou com dúvidas e uma vaga sensação de que talvez não fosse adequado para a profissão. As provas de fogo pelas quais teve que passar, especialmente aquela vivenciada sob a batuta do professor Luiz Freire, fortaleceram-lhe o caráter e construíram a segurança que, até então, andava em baixa.

Os competentes professores com quem cruzou caminho, segundo o próprio Joaquim, foram grandemente responsáveis para que seu amor pela engenharia crescesse e se consolidasse. Nomes como Luiz Freire, Amaro Pereira, Arlindo Pontual, Newton Maia, Antônio Pereira Gomes, Arnaldo Barbalho e Eleumar Martorelli. Carinho e respeito especiais são devotados ao mestre José Maria Cabral de Vasconcelos, grande mentor e responsável por sua futura nomeação como professor da Universidade Federal de Pernambuco, onde permaneceu na docência por 45 anos. “Se fosse começar, faria tudo de novo”, garante Joaquim.

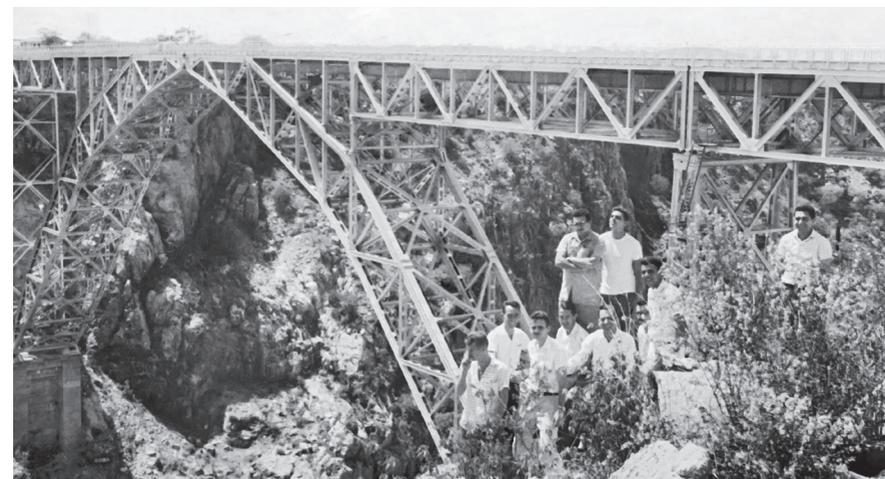
Página ao lado, em cima: Turma da UFPE em aula prática de saneamento com o Prof. Antônio Figueiredo.
Embaixo: Enando, (Irmão de Antão), Hélio Magalhães e Joaquim, na aula prática.





Joaquim também guardou com carinho na memória a ocasião de sua própria formatura, quando ele e os colegas tiveram a iniciativa de convidar o engenheiro civil e poeta pernambucano Joaquim Cardoso – então residente no Rio de Janeiro – para paraninfar a turma. Recebido com toda pompa por Newton da Silva Maia, então diretor da Escola de Engenharia, Cardoso era uma lenda entre seus pares, e não sem razão.

Conhecido como o poeta do concreto, Cardoso era uma figura taciturna, com inteligência acima da média. Falava 13 línguas, inclusive o latim puro e o sânscrito, e foi o engenheiro que tornou possível, com seus cálculos, a materialização de alguns dos mais importantes projetos do arquiteto Oscar Niemeyer, a exemplo dos palácios Alvorada, Planalto, Congresso Nacional e Itamaraty e da Catedral de Brasília, além do conjunto da Pampulha, em Minas Gerais.



Acima: Ponte sobre o Rio São Francisco, 1959.

Página ao lado, em cima: Enando e Joaquim em aula prática de saneamento. Abaixo, Henrique Malheiros, Gilvan Carvalho, Joaquim, Reginaldo e a esposa, no encontro de colegas da Rede Ferroviária na casa do engenheiro Reginaldo.

JOAQUIM MANTEVE ESSE RITMO FRENÉTICO até o fim de 1959, ano em que colou grau e, no mesmo mês, casou-se com a médica Fernanda Wanderley. Com as novas responsabilidades assumidas, era mister conseguir um emprego, e ele chegou até bem rápido, embora sua duração tenha sido igualmente breve.

Depois de formado, em 1960, Joaquim foi imediatamente convidado para ocupar o cargo de engenheiro da RFFSA. Nomeado para uma posição em Maceió, assinou contrato com a estatal no dia 31 de dezembro de 1959 e seguiu para tomar posse no dia 15 de janeiro de 1960. Pegou o trem em Palmares, ao lado do colega Henrique Malheiros, também recém-empregado.

No caminho, seguiu pensando em como seria a vida sozinho naquela cidade que, embora geograficamente próxima (a 260 km do Recife), parecia-lhe ficar a milhares de quilômetros da jovem esposa. Fernanda já estava integrada ao grupo liderado pelo médico Fernando Figueira, que iria fundar o Imip, de modo que, para ela, ausentar-se da cidade natal para acompanhar o marido seria impossível. Embora fosse um homem que sempre lidara bem com o estado de solidão, sendo uma pessoa mais introspectiva do que gregária, o afastamento forçado da vida que ele havia planejado com Fernanda durante tanto tempo lhe pareceu pesado demais.

O fato de a empresa estatal estar em decadência, somado à distância que o emprego o forçava a manter da esposa, fez Joaquim renunciar depois de passados três meses. Pedir demissão de um emprego cuja estabilidade era vista por muitos como algo de que não se deveria abdicar não foi argumento suficiente para segurar Joaquim. A felicidade era, para ele, mais importante. E ela estava ao lado de Fernanda, o mais perto possível. E Fernanda, como sempre, apoiou o marido.

De volta ao Recife, desempregado, Joaquim viu um anúncio em jornal, oferecendo trabalho para engenheiro na empresa Oscar

Amorim, representante dos equipamentos rodoviários da marca Cartepillar, como tratores e outras máquinas pesadas – ainda hoje uma das mais fortes no segmento.

A seu favor estava o fato de que, com o estágio e contratação pela RFFSA, ele já possuía intimidade com conserto e manutenção de máquinas. Por outro lado, também essa colocação obrigaria Joaquim a se deslocar constantemente para dar assistência aos clientes que necessitavam do produto. A profissão que ele escolhera, aliás, o levou, durante muito tempo, para longe do lugar onde ele mais desejava estar. Para não afligir a esposa, escondia dela o fato de que algumas vezes os percursos eram feitos nos pequenos aviões Bandeirante dizia que ia de ônibus.

Para iniciar na empresa do grande comerciante Oscar Amorim, na época presidente da Associação Comercial de Pernambuco (ACP), era necessário cumprir um estágio em São Paulo que durava três meses. Por sorte, Fernanda, que também precisava se reciclar nos hospitais da capital paulista, pôde acompanhá-lo, de forma que o casal ganhou uma espécie de segunda lua de mel (a primeira foi passada em Poços de Caldas, Minas Gerais), hospedando-se em hotéis, trabalhando durante o dia e usufruindo a companhia um do outro à noite.

Tão bem foram as coisas, que Joaquim recebeu um convite para se estabelecer na cidade paulistana. Mas um colega engenheiro que lá nascera e vivera desde sempre lhe deu uma avaliação realista, alertando-o sobre a qualidade de vida, ou falta dela, na megalópole. "Eu só consigo ver meus filhos nos finais de semanas", confirmou.

A Oscar Amorim foi, de fato, o primeiro emprego assumido pelo jovem engenheiro. Suas obrigações consistiam em fazer a entrega das máquinas que os clientes adquiriam, observar seu desempenho, dar a primeira assistência sobre o seu funcionamento e fazer visitas às cidades atendidas – Maceió, Campina Grande e

Natal – de duas a três vezes por ano. Também era obrigação do engenheiro notificar a matriz quando algum defeito inédito era apresentado.

A Cartepillar, marca representada por Oscar Amorim, não contratava mecânicos experientes. Em vez disso, ela preferia formá-los do zero, para que eles não viessem impregnados por hábitos passados e experiências de outros contextos. O próprio Joaquim chegou a ser professor de uma turma de dez novos mecânicos, homens que iriam aprender aquela nova profissão sob sua orientação. Esta, aliás, foi uma lição que levou para a vida e aplicou, quando, no futuro, inaugurou a sua própria empresa, a Tecomat. Valorizar a prata da casa, aqueles que, desde o começo, dedicaram-se a aprender, é um valor que Joaquim Correia de Andrade aprecia.

O tempo passado na Oscar Amorim foi não apenas prazeroso, mas também muito compensador do ponto de vista da aquisição de novos conhecimentos. Engenheiros norte-americanos vinham ao Brasil duas vezes por ano para compartilhar experiência e fiscalizar o que estava sendo praticado pelos representantes. Eles não apenas eram extremamente rigorosos com os procedimentos como vinham abastecidos de um excelente material didático. A Oscar Amorim lhe valeu como um curso relâmpago de especialização.

Joaquim permaneceu como funcionário da Oscar Amorim até fevereiro de 1961. No dia 19 de setembro de 1960, seu empenho como estudante da cadeira de materiais de construção, sob a tutela do professor José Maria Cabral de Vasconcelos, foi recompensado com o convite para se tornar professor auxiliar, nomeação que foi oficializada em março de 1961. Na nova função, que lhe exigiria presença em tempo integral no Recife, as viagens impostas pela rotina de vendas da concessionária Cartepillar tornavam-se impraticáveis.

A contratação, no entanto, foi atrelada à condição de que ele permanecesse por um ano como voluntário no Instituto de Tecnologia de Pernambuco (Itep), como forma de aprimorar suas habilidades como docente. O dia era puxado. Das 7h às 13h, Joaquim se dedicava ao laboratório do órgão mantido pelo Governo do Estado. Criado em 1942, o Itep, organização social sem fins econômicos, tem sido um centro de referência na oferta de soluções tecnológicas para diversos setores. Na engenharia, por exemplo, o instituto disponibilizava uma gama de serviços nas áreas de tecnologia habitacional, construção civil, inspeção de produtos e serviços, mais metrologia industrial.

Naquela época, o Itep se localizava na Avenida Conde da Boa Vista, área central do Recife, conectado à Escola de Engenharia por um portão que dava para a Rua do Hospício. Era uma mão na roda. Joaquim passava muitas horas usando a vasta biblioteca do espaço, afim de preparar as aulas que daria à noite, das 19h às 21h, para os alunos de engenharia.

No início, o professor estreante se mostrava muito fechado, travado e ansioso. Era cerca de 30 alunos com a atenção completamente voltada para ele, e Joaquim, que gostava de tudo menos de ser o centro das atenções, sentia-se desconfortável a princípio. A prática se encarregou de soltar-lhe as amarras. Como auxiliar de ensino, dava aulas práticas no Laboratório de Materiais de Construção. Aquele era seu habitat natural, com o qual se acostumara desde o tempo de estudante e no qual se sentia à vontade. À vontade o suficiente para agir com transparência quando não possuía a resposta para alguma dúvida que porventura surgisse. Prometia ao aluno que iria estudar o assunto e retornar com a resposta.

Um encontro com o engenheiro e professor Jaime Kitover lhe proporcionou mais um emprego, dessa vez para ocupar um terceiro expediente, à tarde. A proposta era que Joaquim fosse ajudar na

manutenção da frota de veículos e máquinas da Prefeitura do Recife. Ele topou, mas a passagem foi curta – cerca de um ano – também por causa de um encontro, não ao acaso, mas provocado pelo engenheiro Glauco Melibeu.

Diretor do Departamento de Estradas de Rodagem (DER) em Alagoas, Glauco Melibeu soube que Joaquim Correia estava na Prefeitura do Recife e foi lá, visitá-lo com o objetivo claro de atraí-lo para a Sudene, onde ele passaria a executar o mesmo serviço. Queriam-no tomando conta dos equipamentos da autarquia que, naqueles anos, vivia seu melhor momento. Joaquim aceitou e lá permaneceu de 1962 a 1968.

O salário era duas vezes maior do que aquele pago pela administração municipal. Além do mais, era a glória trabalhar numa instituição que se dedicava ao desenvolvimento da região Nordeste, principalmente sob o comando do economista Celso Furtado, um dos mais destacados intelectuais que o Brasil já conheceu.

Ingressar na Sudene era, também, para Joaquim, um certificado de sua idoneidade e credibilidade. A aprovação do nome não se dava sem antes submetê-lo a um escrutínio cuidadoso, de honestidade e competência.

A Sudene foi uma grande escola, reconhece Joaquim, e uma das grandes iniciativas para que o Nordeste deixasse de ser tratado como uma colônia atrelada ao Sul e Sudeste. A função principal da autarquia era providenciar um diagnóstico das situações encontradas nos estados por ela abarcados. E elas eram tão diversas quanto eram os sotaques, traços culturais e costumes de cada um deles. Uma pátria dentro da pátria era o Nordeste. A partir dessa anamnese feita pela Sudene, estratégias de intervenção eram traçadas para mitigar o sofrimento secular do seu povo. “Desde a época do Império, o Nordeste tem sido uma região muito injustiçada. Gastou-se mais na construção

da ponte Rio–Niterói do que em todas ações implementadas pelo Departamento Nacional de Obras Contra a Seca (Dnocs)”, costuma pontuar Joaquim, que, em um de seus vários discursos como paraninfo de turmas de engenharia, escolheu como tema, justamente, “O Nordeste Independente”.

Em 1964, Joaquim estava lotado no Departamento de Transportes da Sudene, com a missão de equipar os Departamentos de Estradas de Rodagem (DER) dos estados atendidos pela autarquia. Sua experiência com o tema fazia dele o homem ideal para o cargo. De cara, surgiu-lhe o primeiro desafio: elaborar as especificações dos equipamentos que seriam adquiridos, graças a uma vultosa verba liberada pela Usaid (U.S. Agency for International Development). Cabia ao engenheiro pernambucano preparar tecnicamente a concorrência, que depois seria encaminhada a outras equipes, como o departamento jurídico, para finalização do documento.

Muito dinheiro estava envolvido nas negociações e, por isso, às vezes suas mãos chegavam a tremer na hora de anunciar o vencedor da concorrência. Era muita responsabilidade para alguém tão jovem, e havia muita pressão por parte de quem queria vender. Era preciso escolher as especificações técnicas dos equipamentos e abrir a concorrência para sua aquisição; o passo seguinte era efetuar a compra e, depois, despachar as máquinas para os locais onde seriam necessárias. Além de entregar o equipamento, sua função exigia também que fiscalizasse se estavam sendo utilizadas devidamente, e isso fazia com que passasse 15 dias ausente do Recife.

Os seis anos passados na Sudene abriram para Joaquim uma janela com vista para um Brasil imenso e diverso. Deram-lhe também a certeza de estar no caminho certo. Algumas de suas qualidades inatas, como a seriedade e o apego ao compromisso assumido, foram reforçadas e valorizadas na autarquia, permitindo a costura de uma rede de relacionamentos que lhe seria de muito

valor ao longo da vida. As habilidades dormentes, por outro lado, foram desenvolvidas pela constante exposição a uma gama variada de situações, necessidades e pessoas.

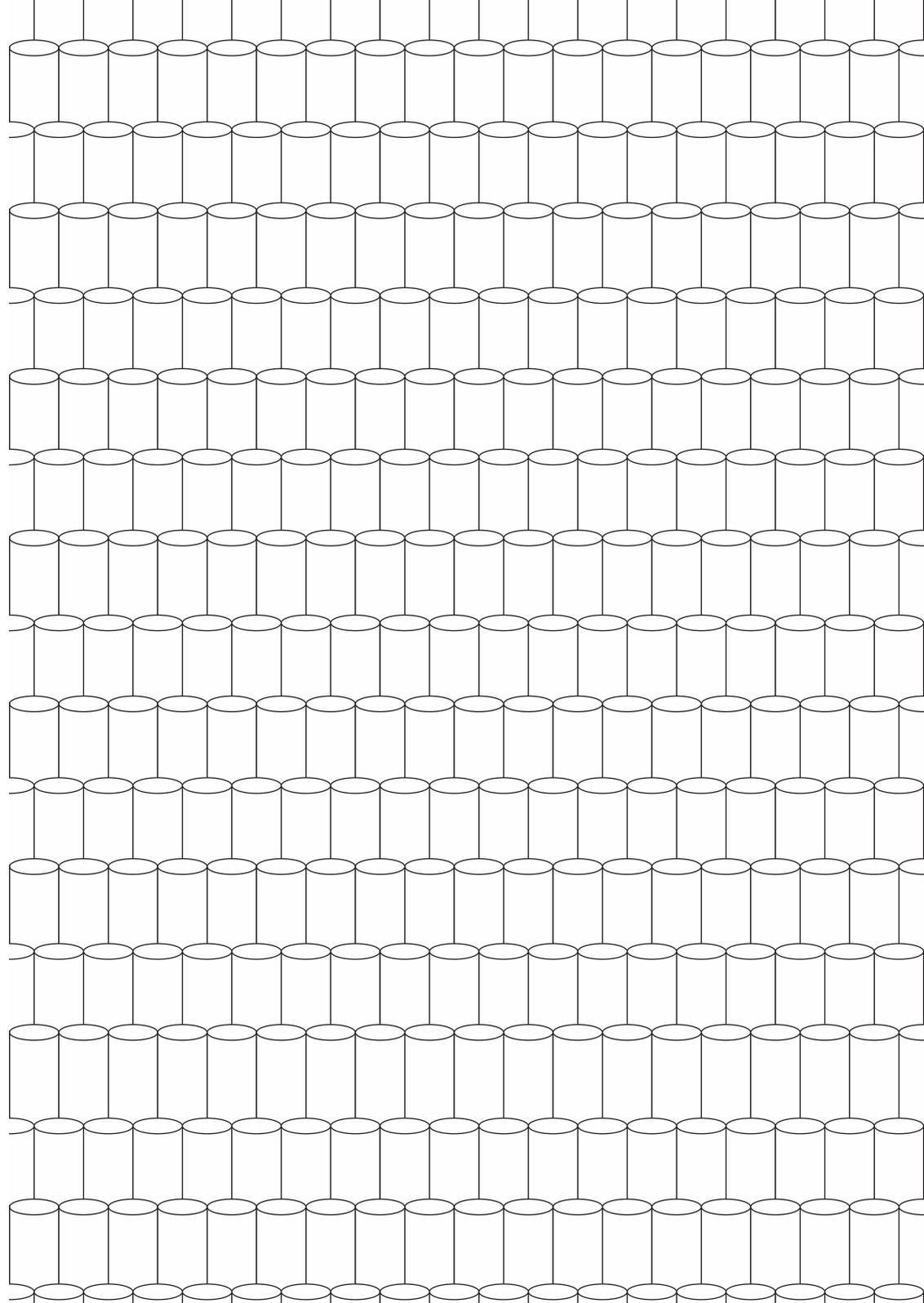
Como o homem designado para cair em campo, Joaquim viveu a realidade pobre de várias localidades recônditas do Nordeste. Nada comparado ao conforto que ele havia experimentado na sua estada em São Paulo quando trabalhava para a Oscar Amorim. Em Currais Novos (RN), por exemplo, hospedado na Pensão Brasil, a dormida era em redes, na companhia dos porcos, que se aboletavam exatamente embaixo para compartilhar da soneca. Em sua companhia, ainda mais deslocado, um americano almoçou carne de tatu sem saber e, ao tomar conhecimento da procedência do que havia acabado de ingerir, colocou tudo para fora.

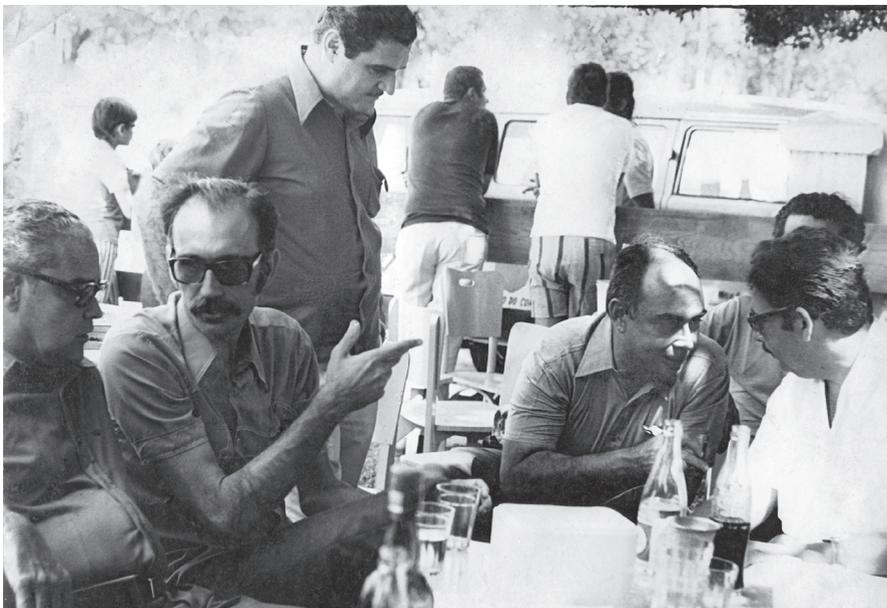
Seu chefe direto era o engenheiro Erasto Neves Pedrosa, um gestor firme, um tanto rústico em suas decisões, extremamente rigoroso com horário – 15 minutos para ele já era um atraso intolerável. Joaquim conquistou-lhe a confiança e o respeito ao ganhar fama de “resolvedor de broncas”, mas era acompanhado de perto e atendia às mais minuciosas exigências do seu superior, como a de elaborar um gráfico de desempenho que analisasse o funcionamento de um trator.

Tudo indicava que Joaquim Correia Xavier de Andrade Filho faria uma carreira longa e sólida na Sudene, que o conduziria, ao final, à aposentadoria. Mas a verdade é que o engenheiro já não andava tão feliz com a situação. Com a ascensão dos militares ao poder, e a saída de Celso Furtado, coração e mente da Sudene, o entusiasmo arrefeceu. De mais a mais, Joaquim sentia falta do canteiro de obras. A engenharia civil já havia se entranhado em seu DNA e, por mais que as viagens e situações desafiadoras fossem compensadoras, seu trabalho, na maior parte das vezes, era mesmo burocrático, de gestão.

A inquietação coincidiu com o reencontro com um amigo dos tempos do Colégio Oswaldo Cruz e da Escola de Engenharia. Paulo Júlio de Melo trabalhava para a Hadan Engenharia, empresa fluminense que aportava na capital pernambucana decidida a se consolidar e expandir. Com esse propósito, carecia de profissionais locais para compor seu quadro. Joaquim e Paulo Júlio se cruzaram nas dependências da Sudene porque a Hadan havia ganhado concorrência para realizar reparos nos sistemas elétrico e hidráulico na sede da autarquia. Conversa vai, conversa vem, Joaquim externou a insatisfação que se insinuava, e foi a deixa para o convite de sua estreia na iniciativa privada.

A decisão de pedir demissão da Sudene pegou todo mundo de surpresa, exceto a esposa, Fernanda, claro, que sempre foi sua única confidente e incondicional apoiadora. Mas, amigos e familiares arregalavam os olhos surpresos diante de medida tão drástica. A condição de funcionário público, com a estabilidade que proporcionava, era almejada pela maioria dos brasileiros. Ainda mais num órgão como a Sudene, que se já não mostrava o vigor dos anos iniciais, seguia sendo um imponente modelo de burocracia oficial. Seu próprio chefe, Erasto Neves Pedrosa, concedeu o desligamento a contragosto. Não se conformava em perder funcionário tão dedicado. Mas não havia o que fazer. No credo de Joaquim, o “ser” sempre prevalecia sobre o “ter”. Ele acreditava em aplicar paixão como forma de alcançar a felicidade.





A HADAN, empresa de engenharia com base no Rio de Janeiro, tinha grandes planos para o Nordeste, e Pernambuco era sua porta de entrada. O recrutamento de Joaquim Correia pelo colega Paulo Júlio de Melo, que era o responsável técnico em Pernambuco, fazia parte dessa estratégia expansionista. A Hadan havia chegado timidamente na região, mas já começava a colecionar obras de grande porte, e o aumento do estafe era primordial.

Joaquim começou na Hadan como engenheiro auxiliar numa obra de construção de três mil casas populares, uma Vila da Cohab, no bairro de Jardim Brasil, município de Olinda, e, nos 13 anos em que esteve na empresa (de 1969 a 1982), chegou a supervisor de obras. A formação societária era composta pelos romenos Dan Negulescu e Stefani Dumitrescu, além do próprio Paulo Júlio, que com o tempo ascendeu à condição de sócio.

Joaquim abraçou a oportunidade oferecida pela Hadan com entusiasmo porque aquela seria a sua primeira experiência de fato com a engenharia civil desde que havia se formado, dez anos antes. É bem verdade que poucos engenheiros da sua turma poderiam afirmar que possuíam o mesmo conhecimento que ele em equipamentos. As passagens pela RFFSA, pela oficina da Prefeitura do Recife e, por último, pelas oficinas da Sudene haviam-lhe garantido uma reserva considerável de entendimento da área.

A Hadan provou ser uma grande escola, especialmente porque lhe proporcionou a oportunidade de trabalhar como auxiliar do engenheiro José Bushatsky, homem de grande conhecimento que, por sua vez, havia auxiliado o engenheiro Abdias de Carvalho, chefe das obras da prefeitura e uma lenda na profissão. Bushatsky havia aprendido com seu mentor a ser extremamente rigoroso com seus subordinados. Se um funcionário chegava às 6h15 em vez das 6h em ponto era imediatamente saudado com um desdenhoso “Boa tarde!”.

A obra da Cohab em Jardim Brasil, financiada pelo Banco Nacional da Habitação (BNH), estendeu-se ao longo de 3 anos, até 1971. Com o trabalho da Hadan, Joaquim ainda acumulava suas obrigações como professor assistente da cadeira de materiais de construção, na UFPE, e, em 1964, passou a lecionar também na Escola Politécnica de Pernambuco (Poli), da Universidade de Pernambuco (UPE), uma das 10 mais antigas escolas de engenharia do país.

Em 1975, Joaquim foi alçado ao cargo de diretor técnico numa indústria de produção de lima, a Librasa, em Carpina, que a Hadan havia incorporado aos seus negócios. Negulescu, um germanófilo assumido, havia conseguido o licenciamento para a fabricação da ferramenta e enviou Joaquim e mais dois alunos de engenharia mecânica da Poli para um estágio de dois meses numa cidade próxima a Düsseldorf.

A chegada não foi muito auspiciosa. Nos primeiros 15 dias, Joaquim foi acolhido por uma gripe forte que evoluiu para uma pneumonia. Febre alta, de 41 graus, obrigava o uso de antibiótico e, além da náusea como efeito colateral, havia ainda o estranhamento dos hábitos alimentares estrangeiros. Voltar estava fora de cogitação; naquele estado, o pernambucano não podia sequer encarar as longas horas de voo com conexão até chegar ao Recife.

Do lado de cá, Fernanda se preocupava muito, mas não havia o que fazer. A preocupação, aliás, era mútua. Afinal, Joaquim havia deixado a mulher com os filhos pequenos na casa que ambos haviam construído no Prado – Tibério, nascido em 1962; Fernanda, em 1963, e Tatiana, em 1966. Para ajudar durante o período de ausência do chefe da família, o sobrinho Flávio Cyreno foi fazer companhia à tia e primos.

Passada a provação, Joaquim se lançou na tarefa de aprender o máximo que pudesse no período além-mar. Observava não apenas as informações técnicas sobre a fabricação da ferramenta,

mas, com igual atenção, a cultura daquele povo tão diferente do brasileiro. Ficou impressionado, por exemplo, com a eficiência dos serviços prestados. No hotel em que se hospedou, o melhor da cidade, mãe e filha davam conta de tudo. O genro vinha apenas nos fins de semana para ajudar na cozinha. O padrão se repetia nos restaurantes, onde não eram necessários muitos garçons para atender às mesas. Produtividade era palavra de ordem.

Até na fábrica tal comportamento era verificado. Não havia a figura do “ajudante” porque todos “se ajudavam”. O chefe era visto varrendo o chão como qualquer trabalhador sob seu comando. Tampouco havia grandes discrepâncias entre os salários. Apesar de existir, sim, um escalonamento hierárquico no contracheque, os empregados menos graduados ganhavam o suficiente para garantir uma vida digna, inclusive com acesso aos bens de consumo, como o cobiçado automóvel da marca alemã BMW.

No retorno, em vez de refazer a rota Düsseldorf–Frankfurt–Recife, como acontecera na ida, Joaquim preferiu uma escala em Lisboa. Desejava aproveitar a parada para adquirir equipamentos para hóquei sobre patins, prática esportiva à qual o filho Tibério se dedicava no Sport Club do Recife, já se revelando como atleta de grande futuro. Passaria uma semana em Lisboa para esse fim, mas a decisão o colheu no contrapé da reverberação da Revolução dos Cravos.

Portugal voltava a ser uma democracia e era grande a afluência de patrícios retornando à terrinha, sobretudo aqueles que estavam fixados em Angola. O aeroporto estava transformado num pequeno caos, com pessoas se estapeando para conseguirem passagem. Ia todos os dias ao terminal batalhar por seu bilhete para regressar à família. A saudade já era insuportável.

Em 1976, a Hadan já tocava grandes obras, entre elas a do Hotel Quatro Rodas, em Olinda. Joaquim chegou a acompanhar esse empreendimento colossal, o primeiro inspirado nos resorts

européus. Voltado para o mar, com impressionante parque aquático e habitações luxuosas, não por acaso era parada obrigatória para as tripulações de várias companhias aéreas estrangeiras, a exemplo da Air France, que ali hospedava seu estafe.

Ao mesmo tempo em que inflava em tamanho e demandas de obras portentosas, a Hadan via crescer a sua folha de pagamento, recheada por engenheiros recém-formados, em torno dos 30 anos de idade. Dez anos mais velho, Joaquim despontava entre eles como uma liderança natural, por isso, Paulo Júlio pediu ao amigo que deixasse a Librasa e voltasse para os quadros da Hadan por um período de seis meses, o suficiente para colocar um pouco de ordem na casa.

Joaquim aceitou ao pedido, mas com a condição de o convite não ser em caráter temporário, mas definitivo. Foi-lhe, então, oferecido o cargo de diretor técnico, que não lhe impressionava em absoluto. Seu lugar de trabalho ideal era no corpo a corpo com a equipe da construção. Viajava muito a São Paulo, contando com autonomia e total confiança por parte da empresa, para pesquisar inovações que pudessem ser úteis aos trabalhos realizados em Pernambuco.

A Hadan, que já produzia lajes e blocos pré-moldados desde 1968, decidira entrar na área da construção industrializada e, para tanto, montou uma fábrica de casas pré-moldadas que eram erguidas por uma grua. A nova tecnologia permitia a construção de 16 apartamentos por dia, uma velocidade impensável se comparada com o método anterior. A empresa depositou suas fichas no contínuo crescimento da construção civil, que vinha sendo impulsionado pelos financiamentos liberados pelo BNH, por meio da Companhia de Habitação Popular do Estado de Pernambuco (Cohab). A indústria de casas pré-moldadas foi pensada, principalmente, para atender a um novo contrato assinado pelos diretores da Hadan: a construção de mais um

gigantesco projeto habitacional, desta vez localizado em Rio Doce, Olinda, a ser empreendido entre 1978 e 1982.

Antes que o investimento feito para montar a fábrica de paredes pré-moldadas pudesse se pagar, houve uma retração na economia nacional, configurando o fim do chamado “milagre brasileiro”, e a Hadan começou a enfrentar dificuldades. Das 5.508 casas encomendadas, 4.480 foram entregues, mas as restantes, 928, precisaram ser erguidas com blocos de concreto, jogando o tempo e o custo para além do orçado. A desvalorização da UPC, unidade monetária utilizada pelo extinto BNH e pelos bancos ligados ao Sistema Financeiro de Habitação, para servir de base ao financiamento de moradias, fez o resto. Apesar das tentativas de negociação com o BNH, a Hadan não resistiu ao déficit e faliu.

O ANO DE 1982 encontrou o engenheiro civil Joaquim Correia de Andrade, aos 48 anos, decidido a empreender por conta própria. Com o desligamento da Hadan, considerou que era chegada a hora de se estabelecer como consultor. Não foi um período profícuo, no entanto. Os clientes não chegaram com a rapidez que ele havia calculado, de maneira que, em 1983, a indicação do seu nome para fazer parte do time envolvido nas obras do incipiente consórcio do Metrô do Recife (Metrorec) foi considerado um presente.

A lembrança partiu de José Maria de Vasconcelos, seu ex-professor e mentor que havia se tornado, depois, colega de docência. A recomendação foi repassada ao engenheiro Emir Glasner, diretor técnico responsável pela contratação da equipe. Como professor adjunto da cadeira de materiais de construção do curso de engenharia civil da UFPE, queridíssimo pelos alunos, Joaquim despontava como a pessoa ideal para a função necessária: fazer o controle de qualidade do concreto que seria usado na obra pública. Joaquim ficou vinculado ao Metrorec por meio da Astep Engenharia, que o contratou como consultor.

A Astep, que tinha Emir Glasner como peça-chave em seus quadros, era uma empresa de consultoria voltada para projetos rodoviários. Naquele ano, a Astep havia assumido a consultoria técnica e controle de qualidade na implantação das edificações e obras de arte especiais do Metrorec, e da infra e superestrutura ferroviária no trecho entre as estações 0 (Recife) e 103 (Coqueiral), no sentido Recife-Jaboatão, obra que duraria até 1985. Joaquim passaria a responder pelo controle de qualidade do concreto para a obra como consultor contratado. Eram dois expedientes, com permissão para se ausentar no horário das aulas que ministrava no curso de engenharia, na UFPE.

A maturidade pessoal e profissional havia forjado em Joaquim algumas qualidades que se mostrariam importantes no novo

cargo. O consórcio Metrorec foi criado em setembro de 1982 pelo Ministério dos Transportes. Faziam parte dele a RFFSA velha conhecida de Joaquim, e a Empresa Brasileira de Transportes Urbanos. A construção propriamente dita só teve início em 1983.

Joaquim pôde, assim, acompanhar a construção desde o seu início, tornando a experiência, que durou dois anos, num intenso aprendizado. A saída do engenheiro pernambucano do canteiro de obras só se deu em 1985 quando os primeiros trens passaram a circular. A missão havia sido cumprida, e com louvor.

O Metrorec é considerado por Joaquim Correia como o campo de prova que lhe garantiu a maioria em concreto. Depois de vários testes, Joaquim e sua equipe apresentaram um concreto até então inédito: os dormentes desenvolvidos para o Metrô do Recife alcançavam 60 MPa, aos 28 dias, uma resistência até então não atingida no país. Entretanto, esse não era o único desafio, pois, para protensão e desforma dos dormentes, o concreto deveria atingir 35 MPa, resistência que precisava ser obtida com apenas 12 horas para que a construtora pudesse atender ao cronograma da obra. O Brasil havia, por muito tempo, deixado suas ferrovias em estado de abandono e os dormentes, que até então eram feitos de madeira, precisavam ser substituídos por outros, e a melhor opção era o concreto.

Se fossem fabricados no sul-sudeste brasileiro, esses dormentes custariam o triplo e, como costumava repetir Joaquim, em engenharia, a economia é uma quarta dimensão ou, melhor explicando: “Não adianta chegar a uma solução excepcional do ponto de vista da obra se ela não for economicamente viável”, sentenciava Joaquim.

Com esses níveis de resistência requeridos para o dormente de concreto, principalmente levando-se em consideração o fator tempo, a escolha do cimento certo era fundamental. Alguns meses antes do início da produção dos dormentes, começou-se

a estudar os cimentos disponíveis na região e a dosagem do concreto a ser empregada. O processo envolvia cura a vapor para atender ao nível elevado de resistência a baixas idades, sendo uma experiência extraordinária, que trouxe para Joaquim um acúmulo de conhecimentos para desafios futuros.

“Foi a obra de concreto mais controlada de que já tive notícia, e duvido que haja outra igual. Foi montado um laboratório no próprio canteiro de obra, ao lado da fábrica dos dormentes, na estação do bairro do Jiquiá, Zona Oeste do Recife, próximo à antiga torre do Zeppelin. Esse laboratório chegou a ter em torno de 50 profissionais, entre laboratoristas e auxiliares que cuidavam do controle de qualidade da fábrica dos dormentes, além do concreto de toda a obra, cujo volume total girou em torno 400.000 m³. Nesse laboratório, que trabalhava 24 horas por dia em três turnos, faziam-se ensaios físicos diários de cimento, granulometria dos agregados e ensaios de resistência à compressão de mais de 300 CP's, além de acompanhar todas as frentes de concretagem da obra. A cobrança por parte da fiscalização pela análise estatística dos concretos era tão grande, que foi necessária a locação de um laboratorista, Fernando, que trabalhava integralmente para análise e elaboração dos relatórios datilografados. Posso afirmar que atingi a maioria na tecnologia do concreto nessa obra”, atesta Joaquim Correia de Andrade.

Embora não pudesse enxergar com a clareza que o distanciamento hoje permite, a trajetória de Joaquim estava sendo cuidadosamente traçada para que, no futuro, ele fosse capaz não só de fundar a tão sonhada empresa própria como de torná-la sólida e longa. A multiplicidade de vivências foi sendo misturada da mesma forma como se obtém um concreto de qualidade: os ingredientes adequados na medida certa.

O conhecimento absorvido ao lidar com máquinas, nas oficinas por onde passou, não apenas lhe permitia apreender com mais

facilidade a lógica dos equipamentos, mas também lhe trazia o conhecimento do elemento humano. A palavra empenhada é a argamassa que mantém uma equipe unida, seja o gestor ou o trabalhador braçal na função mais humilde na hierarquia de uma empresa.

Ao enfrentar a burocracia inerente à máquina pública, contato travado tanto na RFFSA quanto na Prefeitura do Recife e na Sudene, Joaquim fortaleceu a certeza que carregava consigo desde tenra idade: as soluções mais simples são sempre as melhores. O ocaso da Hadan lhe ensinou, inclusive, que se fosse para trabalhar para o governo, melhor seria que fosse de forma indireta, como fornecedor terceirizado.

Como docente das escolas de engenharia – UFPE e Politécnica –, consolidou-se nele a certeza de que quanto mais se compartilha o saber, mas ele volta, transformado em oportunidades. Na Poli, onde ingressou em 1964, Joaquim doou seu tempo como professor durante 10 anos, dando aulas nas segundas, quartas e sextas-feiras à noite. Com a expansão de seus negócios particulares, gerada pela reputação que se consolidava, sua saída da Poli foi motivada pela falta de tempo para se dedicar aos alunos como desejava. Deixou saudades e partiu com saudades. “Antes de ser um bom professor, sou um bom aluno”, repete Joaquim, valorizando todos os profissionais com os quais cruzou caminho ao longo da trajetória.

Na UFPE, só encerrou a carreira com a aposentadoria, depois de 45 anos dedicados ao ensino de várias disciplinas (construção civil, organização de obras, controle tecnológico, projeto de construção civil). Foi paraninfo durante seis anos consecutivos nas turmas da UFPE, sendo a primeira delas especialmente significativa: quando se formou seu filho Tibério. Como mestre, Joaquim não se importava em mudar o rumo programado da aula para se debruçar sobre algum problema prático trazido pelos alunos.

Página ao lado, ampliação do Metrô do Recife · 2a etapa.





Ampliação do Metrô do Recife - 2a etapa.

A troca era mútua: ora Joaquim colocava em pauta alguma experiência sua advinda dos sítios de obras, ora eram os alunos, em alguns casos estagiários, que lhe traziam dúvidas na esperança de serem esclarecidas. Assim como havia aprendido em seus anos como estudante, como tutor ele auxiliava a aquisição do conhecimento em sistema colaborativo, sem entregar respostas de mão beijada.

Não foram poucos os ex-alunos que, ao se tornarem donos de suas próprias firmas de engenharia, ou funcionários graduados em outras empresas, lembravam do ex-professor quando chegava a hora de contratar uma consultoria. Para ele, fonte permanente de gratificação era encontrar ex-alunos e perceber o carinho que eles lhe devotavam, mesmo anos depois da interferência exercida em suas vidas. “Nunca imaginei que me esforçar para me tornar um bom professor seria a maior propaganda que poderia ter feito das minhas qualidades como profissional”, concorda.

Em seus discursos como padrinho eleito pelas turmas, o professor Joaquim ajustava seu foco para a realidade brasileira e o papel que cabia à engenharia dentro desse contexto. “Quando um país tem uma economia mais desenvolvida, a iniciativa privada é aquela que mais emprega engenheiros, mas quando prevalece o desequilíbrio que leva a um subdesenvolvimento, o poder público se torna o principal empregador”.

Em 1985, logo após o fim de sua participação na obra do Metrorec, Joaquim Correia começou a atuar como consultor independente nas áreas de tecnologia de concreto, processos construtivos em habitação popular e programação de obra, sendo que essas duas últimas especialidades foram adquiridas em seu tempo de Hadan. Entretanto, ele não tinha empresa, muito menos um espaço físico para apoio às suas atividades de consultor que se iniciavam. Naquela época, o engenheiro electricista Maximino Viana, um amigo dos tempos de faculdade, possuía uma empresa

de projeto e execução no ramo de eletricidade, a PEC Engenharia, e necessitava de um apoio na área de construção civil em um contrato grande com a Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (Chesf). Chegaram a um acordo: a consultoria seria dada e, em contrapartida, a PEC cederia uma sala em seu escritório, situado na Praça Eça de Queiroz, no bairro da Madalena.

Nessa sala Joaquim começou a sua carreira “solo” como consultor, amplificando sua rede de conhecimentos através dos contatos profissionais travados com uma gama de empresas que também prestavam seus serviços à obra pública. Ato contínuo, a Odebrecht recorreu à sua experiência para servir de apoio na construção do viaduto Tancredo Neves, que começava a ser erguido com o propósito de facilitar a passagem dos moradores de Boa Viagem para a Av. Marechal Mascarenhas de Moraes, no vizinho bairro da Imbiribeira.

Era a primeira de muitas colaborações que se seguiriam: a barragem de Gramame–Mamuaba (PB), principal reserva de água para a Grande João Pessoa, com capacidade para 56,4 milhões de metros cúbicos; a barragem de Pão de Açúcar (PE), que armazena 41,1 milhão de metros cúbicos destinados ao abastecimento dos municípios de Pesqueira e Sanharó; a barragem de Algodões, em Ouricuri (PE), que pode reter até 54,4 milhões de metros cúbicos de água; a barragem Zabumbão, no município baiano de Parnamirim; a barragem do Escondidinho, em Mucugê, na Chapada Diamantina (BA).

O extraordinário trabalho em concreto realizado para o Metrorec passava a servir a Joaquim Correia como um importante cartão de visitas e, a partir daí, os convites para que atuasse como consultor autônomo, como havia planejado em 1982, não paravam de surgir por parte de várias empreiteiras.

O engenheiro Urbano Andrade Lima, da Queiroz Galvão, requisiou o apoio de Joaquim, pela primeira vez, para a construção da

ponte Igapó, na saída de Natal, em direção ao município Ceará-Mirim, no Rio Grande do Norte. Distante 318 km do Recife (pouco mais de quatro horas), a obra cobrava sua presença uma vez por semana. Poucos meses depois, o engenheiro carioca Marcos Porto, experiente em construções com itens pré-moldados, repetia o convite, oferecendo ao consultor Joaquim Correia de Andrade um novo desafio.

O segundo convite demandava um esforço maior. O município de Bom Jesus da Lapa, na Bahia, exigia 19 horas de deslocamento para que fossem percorridos os 1.454 km que o separavam do Recife. “Muito longe”, pensou Joaquim, quase desistindo. A tarefa que pedia a presença do pernambucano era a construção de uma ponte sobre o Rio São Francisco.

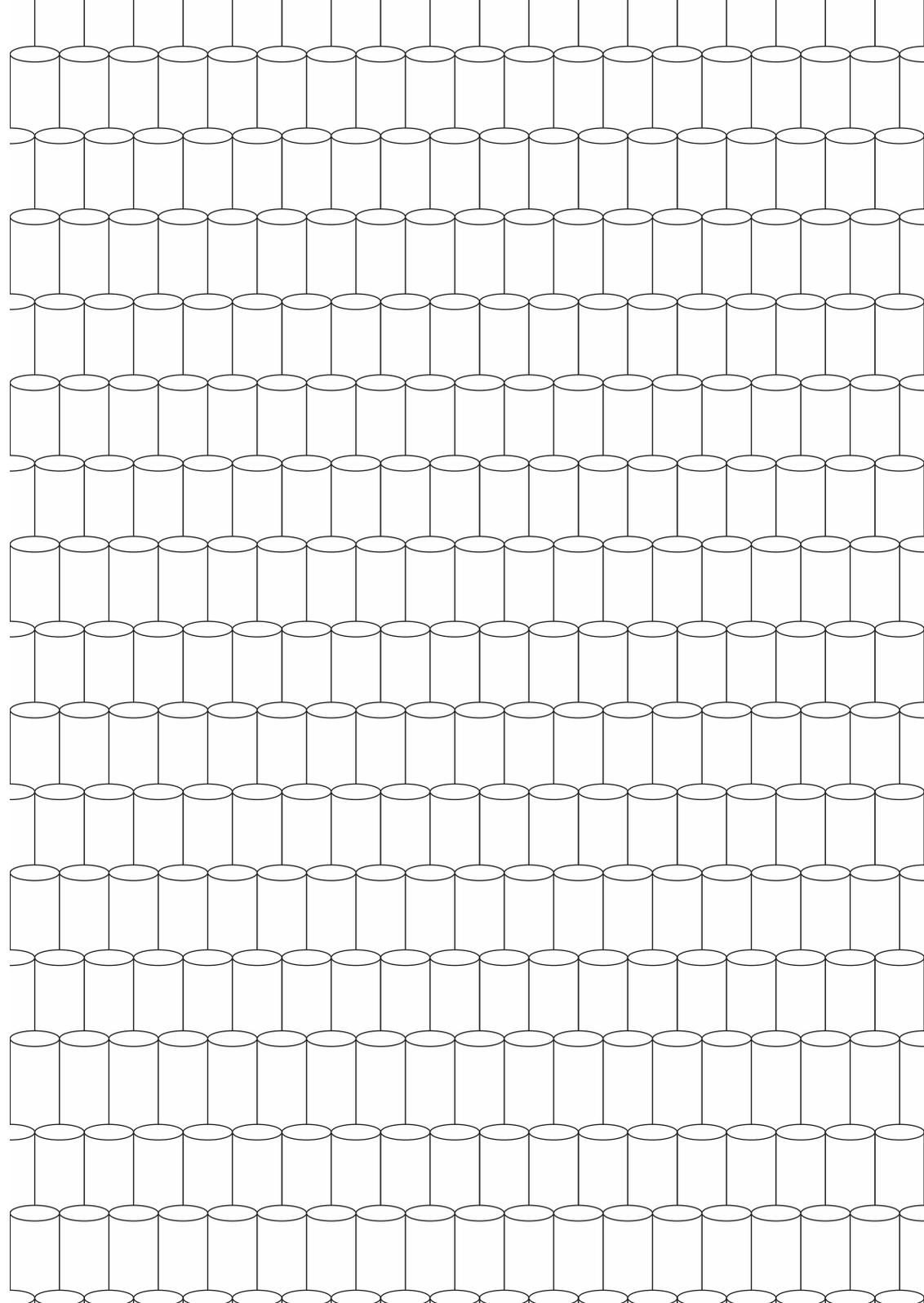
Marcos Porto havia apreciado particularmente a forma como Joaquim abordava os desafios que se apresentavam à medida que o trabalho avançava. “Quero você porque você resolve sem complicar”, havia-lhe explicado, terminando por vencer a resistência do consultor, que concordou em visitar o local quinzenalmente.

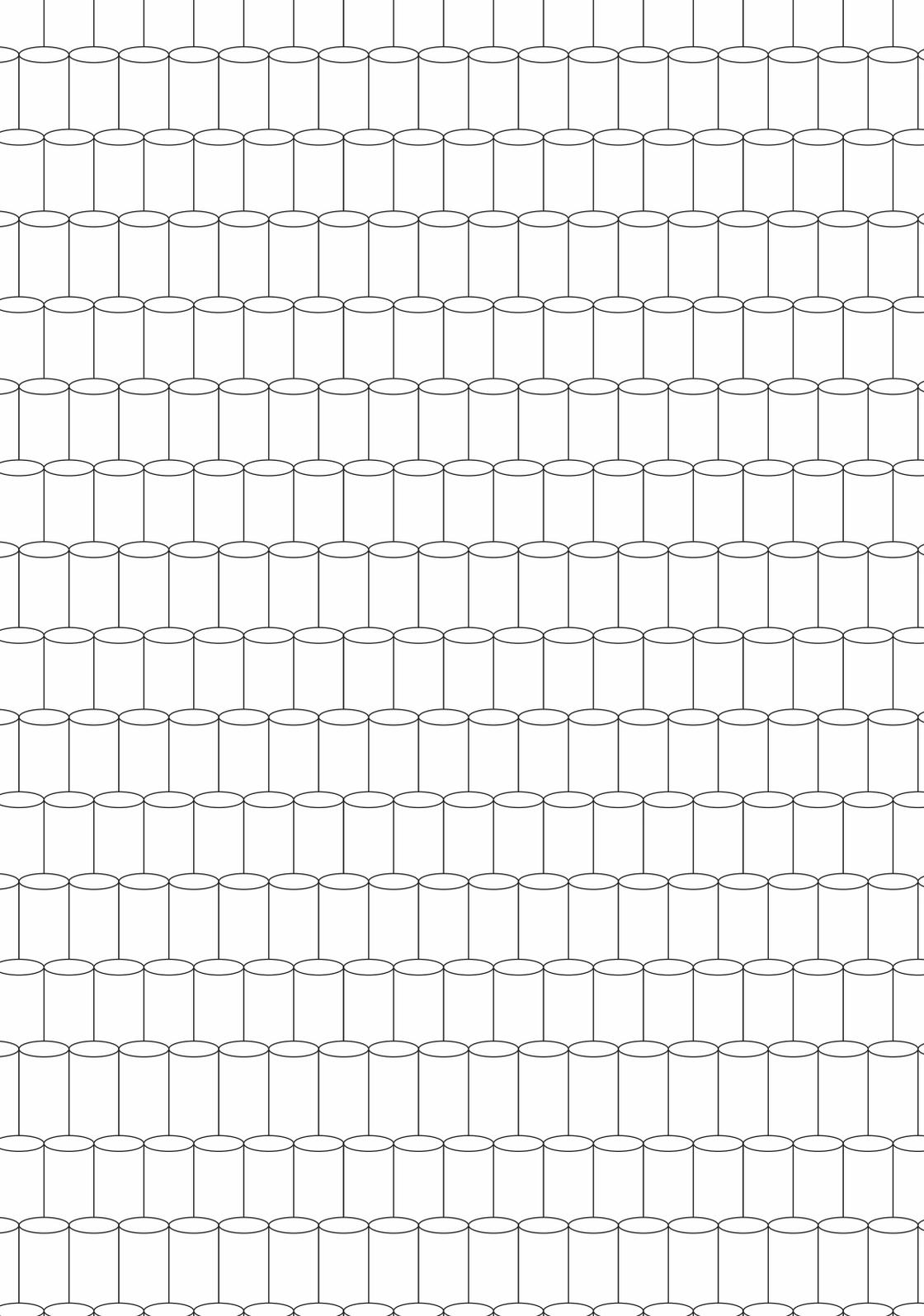
Na sua carreira como consultor independente, viagens longas eram uma constante, mas estar em campo era o que o engenheiro mais apreciava. Seus caminhos eram ditados pela necessidade. Lá aonde o concreto chamava. E o concreto sempre foi, desde a época faculdade, sua grande paixão e foco profissional.

Com a ampliação da atividade de consultor, Joaquim Correia teve a necessidade de incorporar colaboradores. Nessa fase, com a crescente demanda de trabalho, foram absorvidos dois engenheiros recém-formados, que foram seus alunos na UFPE, fazia poucos anos, Flávio Matos e Gaspar, este segundo em regime parcial de trabalho. Além desses dois profissionais, foi introduzido um estudante de escola técnica, José Carlos Sampaio de Oliveira.

Flávio Matos permaneceu prestando serviço até abril de 1988 quando teve de se afastar das atividades de consultoria por problema de saúde, enquanto Gaspar continuou por mais algum tempo. Já José Carlos terminou o curso de nível médio e continuou auxiliando Joaquim em suas atividades de consultoria sendo incorporado, posteriormente, à Tecomat.

No final do ano de 1990, antes do término de sua fase de consultor independente, dois outros profissionais foram incorporados à equipe. Em primeiro lugar, o seu filho, Tibério Andrade, que tinha passado os seus primeiros anos como engenheiro em uma empresa de engenharia, no ramo de construção imobiliária. O segundo profissional engajado, já em 1991, foi a estudante de engenharia civil Sandra Maria Carneiro Leão, também pupila de Joaquim na UFPE e que entrou para dar apoio na elaboração de orçamentos, atividade bastante requisitada pelos clientes de empresas imobiliárias. Ainda nesse pequeno espaço de tempo, a consultoria teve uma participação ativa do professor José Orlando Viera Filho, ex-aluno e colega de docência de Joaquim na UFPE, que contribuiu em uma atividade que estava em efervescência no escritório à época: a elaboração de propostas técnicas para empresas de engenharia em licitações públicas.





A CARREIRA COMO CONSULTOR INDEPENDENTE ia de vento em popa no início dos anos 1990, mas sua condição como pessoa física começava a trazer dificuldades de ordem contábil para as empresas que recorriam a Joaquim Correia. Muitos contratos não aceitavam fornecedor apenas com CPF; as transações precisavam ser feitas de empresa para empresa, daí ser cada vez mais requisitado o CNPJ.

Ainda como pessoa física, Joaquim recorria ao laboratório da empresa Geogrupo, do qual também era consultor, quando as demandas profissionais requeriam controle de concreto. Trabalhando como freelancer, tendo a sala na Praça Eça de Queiroz como escritório, Joaquim não dispunha de espaço para montar seu próprio laboratório. Ao disputar importante concorrência para construção de fábrica em Aracaju, Joaquim precisou recorrer também ao CNPJ da Geogrupo. A crescente demanda por especialistas em concreto indicava que estava mais do que na hora de caminhar com as próprias pernas. Nascia, então, em agosto de 1992, a Tecomat, que, anos depois, adotou como slogan uma das frases favoritas do engenheiro e professor Joaquim Correia: “Saber e saber fazer”.

A sigla Tecomat deriva do nome que traz embutida a proposta oferecida pelo novo negócio: oferecer conhecimento em torno da tecnologia da construção e seus materiais, área na qual Joaquim depositou todos os seus esforços profissionais. A sociedade teve início com a participação, além do próprio Joaquim e do seu filho, Tibério, do engenheiro José Orlando Vieira Filho, que havia se engajado na equipe em trabalhos específicos de consultoria, pouco tempo antes da fundação da Tecomat. A passagem de José Orlando pela Tecomat foi breve porque, sendo funcionário da Prefeitura do Recife, ele temia que seu vínculo com o órgão de administração municipal terminasse por prejudicar a recém-constituída empresa nas concorrências que inevitavelmente

iriam surgir. Ficaram, então, Joaquim e Tibério, pai e filho, para tocar o barco.

Primeiro filho de Joaquim e Fernanda, Tibério inaugurou a linhagem Wanderley Correia de Andrade no dia 9 de janeiro de 1962, antecedendo a chegada das irmãs Fernanda e Tatiana e quebrando a tradição da família Correia de Andrade de sempre nomear um dos filhos homens como Joaquim ou Manuel. As filhas derivaram para carreiras em outras áreas, distanciadas da engenharia civil. Fernanda tornou-se psicóloga e Tatiana, fonoaudióloga.

Tibério enfrentou o primeiro vestibular dividindo-se entre os estudos e a carreira bem-sucedida como jogador de hóquei. Naquele ano de 1979, ele havia, inclusive, passado um mês inteirinho no Rio de Janeiro treinando para o campeonato sul-americano juvenil, que seria realizado no Chile.

O hóquei surgiu na vida de Tibério como uma atividade terapêutica, mas terminou por se tornar uma parte importante de sua história. Aos sete anos de idade, o primogênito, único menino entre duas meninas, já dava os primeiros sinais de hiperatividade, típicos de um futuro adolescente esportista. Os pais foram aconselhados pela psicóloga a introduzi-lo em algum esporte coletivo, de modo que pudesse desenvolver o espírito de equipe e colaboração. E assim ele foi matriculado na escolinha de hóquei sobre patins do Sport Club do Recife.

Já um torcedor rubro-negro praticante e diretor de engenharia do clube, Joaquim Filho construía mais essa ponte com o time da Ilha do Retiro. Ao acompanhar a prática de Tibério na até então desconhecida modalidade esportiva, terminou por ser designado como diretor de hóquei em 1970, cargo que ocupou durante dez anos. No biênio 1981/1982 tornou-se presidente da Federação Pernambucana de Patinagem e, em 1983/1984, a convite de Aluísio Monteiro, assumiu a posição de vice-presidente de esportes amadores, divisão que envolvia, além do hóquei, basquete, vôlei,

atletismo, handebol, taekwondo e handebol, na gestão de Arsênio Meira de Vasconcelos como presidente do Sport.

O que seria um passatempo terminou por alcançar um nível de competição. Tibério não apenas se mostrou extremamente habilidoso no jogo sobre rodas como evoluiu a ponto de fazer parte da seleção pernambucana e se sagrar campeão brasileiro em 1974, quando a disputa nacional foi realizada em Teresópolis (RJ). Como acontecia com todos os esportes amadores, pais e atletas davam o sangue para verem as atividades em torno da prática prosperarem, muitas vezes colocando dinheiro do próprio bolso quando o clube não podia arcar com as despesas necessárias, especialmente quando envolviam viagens. Competições locais, regionais e nacionais fazem parte do dia a dia de quem se dedica a um esporte amador. Elas são fundamentais para o intercâmbio entre equipes e o aprimoramento dos atletas envolvidos.

A despeito dos compromissos assumidos como atleta, Tibério fez vestibular em 1979 e passou, em engenharia, na Universidade Federal de Pernambuco, como havia feito o pai dele em 1955. Já no início do curso, desanimou, colecionando algumas notas ruins e querendo desistir, alegando que passaria o ano estudando para tentar outra vaga, desta vez em medicina, como a mãe. Quando saiu o resultado do segundo vestibular prestado por ele, qual não foi a surpresa dos parentes ao ver que ele havia sido aprovado, de novo, em engenharia. Um pequeno ato de autoafirmação: no primeiro teste ele havia cedido a uma expectativa do pai; no segundo, prevaleceria a sua própria vontade. Ambas apontavam na mesma direção. A formatura aconteceu no segundo semestre de 1986.

Tão logo conseguiu o diploma, Tibério começou a trabalhar como contratado da empresa de engenharia Construplan, ao mesmo tempo em que dava prosseguimento à sua vida acadêmica. Seguindo os passos do pai também nessa área, começou a ensinar no curso de

engenharia civil da Universidade Católica de Pernambuco, em 1988, e lá permaneceu até 1992, quando foi selecionado no concurso de professor da UFPE. Em 1998 iniciou o mestrado interinstitucional na Universidade de São Paulo (USP), junto com a Universidade de Pernambuco, que foi concluído em 2001, e o doutorado está, atualmente, em andamento na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Na Construplan permaneceu de 1987 até 1990 e foi lá que começou a travar o contato corpo a corpo com as idiossincrasias de um canteiro de obras.

A construção dos edifícios Chateau de Villandry e Clóvis Peixoto, ambos no bairro de Piedade, em Jaboatão dos Guararapes, na Região Metropolitana do Recife, foi o palco da estreia de Tibério na profissão que, coincidentemente, também recebeu outra novata, cujo nome, futuramente, seria de grande importância na consolidação da Tecomat que, àquela altura, ainda não passava de um projeto a ser realizado em algum ponto distante no tempo.

Sandra Maria Carneiro Leão era uma estudante de 18 anos, iniciando a escola de engenharia civil na UFPE e, como concluinte do curso de edificações na Escola Técnica Federal de Pernambuco (ETFPE), buscava um estágio técnico com o qual concluísse os créditos requisitados. Conseguiu-o na Construplan, sob a supervisão de Tibério. Sandra reconheceu de imediato no tutor, apenas seis anos mais velho que ela, as qualidades de um professor nato, dotado de um compromisso inabalável com a excelência técnica.

Durante o estágio, teve a oportunidade de conhecer seu futuro professor, o engenheiro Joaquim Correia que era consultor de concreto e de orçamento na mesma obra. “O que primeiro me impressionou foi sua altura e a voz grave, pausada. Falava pouco, de modo tranquilo, e era um professor nato (assim como o filho). Uma enciclopédia ambulante, um homem generoso ao compartilhar seu conhecimento, tanto na teoria quanto na prática”, rememora

Sandra. Ela mal via a hora de absorver seus conhecimentos nos bancos da UFPE.

As aulas com Joaquim Correia iniciaram no terceiro ano e prosseguiram durante praticamente todos os outros períodos do curso, por conta do afastamento de diversos professores para especializações. No último período, embora a grade curricular não previsse qualquer disciplina obrigatória com Joaquim, os alunos o convenceram a lecionar a eletiva “Projeto de Construção Civil”. Era uma época de muita evasão nos cursos de engenharia, motivada pela recessão que atingia com grande força a engenharia civil. A turma de Sandra resumia-se a cerca de 15 alunos, o que permitia uma maior aproximação com os professores. “Nunca ouvi um colega tecer qualquer comentário negativo sobre o professor Joaquim. Sempre houve respeito, carinho e muita admiração em relação a ele”, registra Sandra.

Já no fim do curso, em 1991, após ter contato com os diversos ramos da engenharia e tendo especial interesse pelas áreas de planejamento e custos de obras, Sandra procurou o querido professor para se aconselhar sobre os rumos a trilhar. Foi quando recebeu o convite irrecusável feito por Joaquim, para estagiar com ele, ainda como consultor independente, auxiliando nos orçamentos de obras demandados pelos seus clientes. Após sua formatura, Sandra foi incorporada à Tecomat, tendo uma participação chave no desenvolvimento da empresa até hoje.

JÁ COM CNPJ e espaço alugado na Av. Engenheiro Abdias de Carvalho, a Tecomat estava pronta para esperar os clientes chegarem. Como havia trabalhado em proximidade com a empresa Geogrupo, era ponto de honra para a recém-montada equipe que eles não fossem prospectados a partir do portfólio do antigo parceiro. A Tecomat precisaria se impor pela credibilidade de seus sócios. Paciência e perseverança eram fundamentais naquele momento.

O imóvel era, como lembra Sandra, um pouco soturno: uma espécie de armazém que servia a uma distribuidora de alimentos. No entanto, do ponto de vista de área disponível, e localização (bem próximo à UFPE), parecia perfeito. O laboratório, que era a alma da nova empresa, ficaria embaixo e, na parte de cima, seriam instalados os escritórios dos gestores de cada setor. Os ajustes necessários seriam feitos aos poucos, com calma.

“Além da arrumação do imóvel, tínhamos que adquirir os equipamentos para montagem do laboratório de concreto da sede, para prestação de serviço ao mercado imobiliário em geral. Não tínhamos recursos. Compramos algumas formas cilíndricas para moldagem de corpos de prova, outras pedimos emprestado à Geogrupo. A prensa, equipamento essencial para o laboratório, alugamos da Astep. Essa prensa foi a mesma na obra do Metrô, aonde Joaquim tinha trabalho de 1983 até 1985. Entretanto, antes de utilizá-la tivemos de fazer uma grande manutenção, pois estava parada desde o final da obra do metrô e em uma condição péssima de armazenamento”, relembra Tibério.

Um outro desafio foi a montagem do laboratório de campo para o controle tecnológico da obra do Shopping Center Guararapes, em Piedade, que coincidiu praticamente com a fundação da Tecomat, elevando ainda mais as despesas. Foi uma obra com certo volume

de concreto em que foi acertada com o cliente a montagem de um pequeno laboratório para ensaio de resistência à compressão.

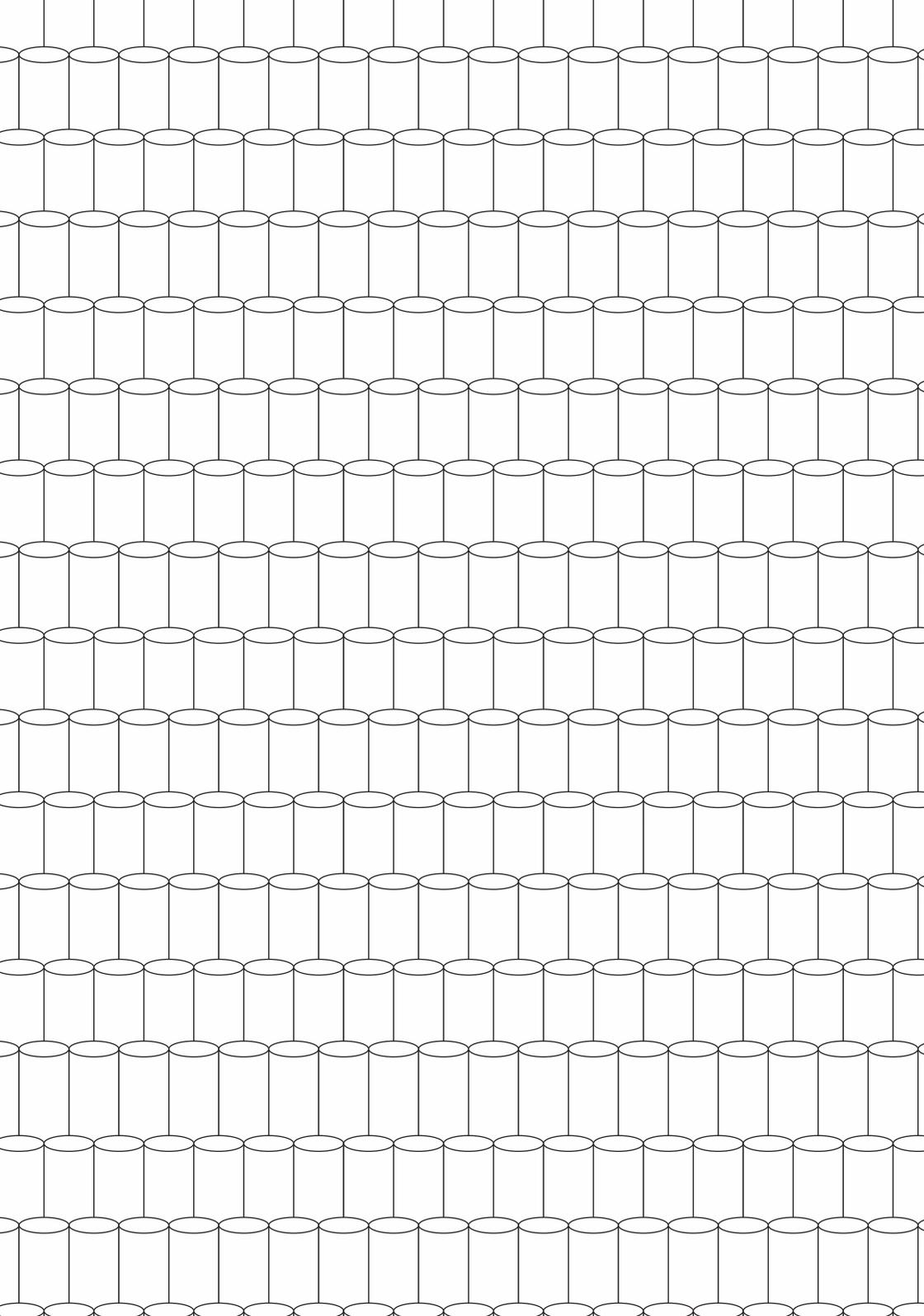
Foi nessa obra do Shopping Guararapes que Cláudio, laboratorista recém-contratado, sabendo da dificuldade financeira da Tecomat para adquirir os equipamentos para o laboratório de campo, procurou o professor Joaquim disposto a ajudar, disponibilizando um empréstimo em dinheiro para a compra das formas. Cláudio não era um laboratorista qualquer, havia trabalhado na obra do Metrorec, onde consolidou com o engenheiro Joaquim uma amizade baseada no respeito mútuo. Pouco tempo depois, Joaquim recomendou sua contratação ao Geogrupo, que havia acabado de implantar seu próprio laboratório. Foi lá que Cláudio permaneceu empregado até a constituição da Tecomat, para onde migrou como funcionário. O dinheiro do empréstimo, que foi aceito com uma certa relutância pelo professor Joaquim, era resultado da rescisão do seu contrato de trabalho com o Geogrupo. Assim que as finanças foram estabilizadas, a dívida financeira foi quitada, mas a dívida de gratidão jamais prescreveu.

Cláudio continuou trabalhando regularmente na Tecomat até 2006, quando sofreu um Acidente Vascular Cerebral (AVC). Após o tratamento e aposentadoria forçada, manteve forte vínculo com a empresa. Infelizmente, a saúde veio a se deteriorar gradativamente, falecendo em 19 de março de 2013. A Tecomat deu todo apoio à família nos estágios finais da doença. Pouco tempo depois da morte de Cláudio, Joana, a viúva, procurou o professor Joaquim desejando saber o quanto ela devia pela assistência prestada ao seu marido. No que Joaquim Correia prontamente respondeu, “A mim você não deve nada”.

A equipe inicial da Tecomat era pequena. Além dos sócios fundadores, contava com os laboratoristas Cláudio José Pereira

de Lima e Sérgio Ricardo da Silva, os auxiliares Cícero Firmino da Silva Filho e Livaldo Carlos Duda, além do técnico em edificações José Carlos Sampaio de Oliveira e da engenheira Sandra Maria Carneiro Leão.

José Carlos Sampaio de Oliveira foi o “braço direito” de Joaquim Correia ao longo de muitos anos, atuando principalmente nas áreas de programação e acompanhamento de obras. Iniciou como auxiliar técnico de edificações em 1988 e, a exemplo de tantos outros “discípulos” que foram formados pela Tecomat, graduou-se em engenharia civil e partiu para outros projetos no ano de 2005.



EMBORA PARA O OLHAR LEIGO a tecnologia do concreto pareça limitada, ela oferece uma infinidade de possibilidades, que continuam surgindo e sendo aperfeiçoadas com o passar do tempo e o avanço do conhecimento. A dosagem do concreto foi a primeira paixão despertada em Joaquim ao se debruçar sobre material tão versátil quanto resistente. Tentem imaginar, nos dias de hoje, uma cidade sem sua presença e verão como ele surge em praticamente todas as estruturas, da mais imponente à mais discreta.

Pode-se dizer que o embrião da Tecomat, sua primeira razão de existir, apoia-se justamente no apreço de seu mentor, Joaquim, pela ciência que existe em encontrar a medida certa para produzir um concreto de alta qualidade, uma vez que a resistência do concreto não depende apenas da qualidade dos elementos que o constituem (isso também), mas também da proporção relativa entre os ingredientes como ponto de partida para garantir a integridade de uma estrutura de concreto armado.

Quando inaugurou a Tecomat, aos 58 anos de idade, Joaquim Correia já havia amalhado uma bagagem considerável de experiência recolhida de estudos e pesquisas e, principalmente, na lida diária das obras, nas conversas com engenheiros de campo e peões de construção. Todos sempre têm algo a ensinar, considerava o idealizador da nova empresa. Mesmo que o conhecimento não tenha sido forjado no ensino superior, ele está presente entre aqueles que, de forma empírica, vivenciaram sua aplicação e aprenderam com as lições práticas. Joaquim Correia gosta de lembrar das respostas simples, mas repletas de conhecimento empírico, que lhe eram dadas por um mestre de obras chamado Amaro Feliciano. Esse profissional, que acalentava o sonho de, um dia, ter uma escultura de Francisco Brennand dedicada a ele, resumia o que era o saber adquirido no fazer: “Já fiz desse jeito e deu isso; já fiz de outro jeito e deu aquilo”.

“O que a experiência traz não está nos livros”, defendia Joaquim que, com o tempo de estrada, havia testemunhado muitos dos problemas apresentados como inéditos se repetirem eventualmente. Uma lição aprendida, portanto, servia como referência para o próximo desafio. A mente de um engenheiro experiente funciona como uma espécie de arquivo, onde vão sendo depositadas e colecionadas as respostas aos enigmas oferecidos no futuro. Essa foi a premissa a orientar o slogan que a Tecomat tomou para si “Saber e saber fazer”, ou seja, a prática aliada à teoria.

O controle do concreto, no laboratório ou dentro da obra, é cercado por minúcias que o público sequer imagina. “Em uma ocasião, precisamos examinar a areia extraída do Rio Ipojuca, a cada 100 metros, para nos certificarmos de que ela seria apropriada para a elaboração do concreto”, lembra Joaquim. Tudo deve ser analisado em ensaios físicos e químicos e, ainda assim, às vezes, é um olhar atento, antes mesmo das máquinas de medição milimétrica, que revelam onde está o ponto fraco. “Certa vez, uma betoneira vazando a água que deveria compor a mistura foi a causa pela qual o concreto não mostrava a resistência esperada. Para perceber isso, é preciso estar na obra, acompanhar o processo e, sobretudo, conseguir ligar um fato ao outro”, recorda-se Joaquim.

Tão importante quanto se certificar que a recém-criada Tecomat dispunha dos requisitos tangíveis para poder existir – tais como a razão social e sua sede –, era fundamental que os preceitos que sempre nortearam a conduta do fundador fossem reiterados: 1) era imperativo encontrar tecnicamente a solução para o cliente que viesse buscar os serviços da Tecomat; 2) a relação entre as duas partes deveria se desenrolar com transparência e responsabilidade; 3) todos os esforços seriam envidados para que o objetivo fosse alcançado.

A qualidade dos serviços oferecidos pela Tecomat estava indissoluvelmente ligada à confiabilidade dos resultados que a empresa oferecia ao seu cliente. Sendo assim, desde o princípio, ficou claro que, além do investimento que naturalmente precisaria ser feito em equipamento e tecnologia avançada para as análises encampadas pela equipe de técnicos e engenheiros, seria necessária uma estruturação igualmente cuidadosa na parte administrativa.

A Tecomat sempre acreditou na chamada “prata da casa”: funcionários que ali eram formados e formatados dentro das normas de conduta estabelecidas a partir de sua fundação. Como empresa familiar, a conduta de acolhimento extrapolava o burocrático para se espalhar pela seara dos afetos. Uma rede de solidariedade parecia estar permanentemente estendida sob aqueles que lá entravam, muitas vezes para aprender do zero uma nova profissão ou para adquirir treinamento num nível nunca alcançado. Essas medidas resultaram numa equipe fiel e longeva: não são poucos os empregados que somam décadas na folha de pagamento da Tecomat.

A equipe de engenheiros contratada pela Tecomat seguia a mesma cartilha aplicada aos técnicos. Começavam como estagiários, muitos deles conhecidos por Joaquim nas salas de aula. Ao se formar, Sandra Carneiro Leão, que já estagiava com Joaquim Correia quando ele ainda era um consultor freelancer, seguiu seu mentor para se juntar à Tecomat.

A capacidade da ex-aluna de planejar a obra e se dedicar a exaustivos relatórios para sistematização de processos fazia dela a pessoa ideal para o trabalho interno de organizar a empresa. Desde o começo, existiu a preocupação de se implantar ferramentas que permitissem um acompanhamento mais rigoroso de todas as etapas que envolviam os serviços da Tecomat. Sem isso, corria-se o risco de comprometer a própria razão de existir da empresa: entregar resultados com garantias, laudos que não pudessem

ser contestados sob nenhum aspecto. Para a implantação do Laboratório de Materiais, foi desenvolvido um software específico.

Ao longo dos anos iniciais de implantação da Tecomat, Sandra, além de atuar na área de orçamento e acompanhamento de obras, exercia o papel de gestora técnica do laboratório, sendo responsável pela organização de todas as atividades operacionais da empresa, o que lhe ajudou demais na sua futura atuação como gerente administrativa e financeira. Com o crescimento natural da empresa, de comum acordo entre todos os sócios, percebeu-se que Sandra precisava se afastar do canteiro de obras para atuar nos bastidores. A ela caberia praticar não a engenharia do tijolo, do concreto, do cimento, mas a engenharia que permitiria a saúde financeira e o padrão de qualidade que a Tecomat almejava.

Aperfeiçoar o funcionamento daquela organização passou a ser, então, o principal foco de Sandra Carneiro Leão. Fazer o levantamento de dados de toda a cadeia produtiva abarcadas pela Tecomat seria o primeiro passo. Além do laboratório que havia sido montado no andar térreo, com o propósito de analisar amostras de concreto e solo, existiam ainda os laboratórios que precisavam ser montados em campo, no canteiro de obras. Cabia a Sandra entender a operação de forma abrangente para que tudo transcorresse satisfatoriamente.

Era preciso, simultaneamente, elaborar e implantar os sistemas administrativos da empresa, ou seja, estabelecer a forma como ela deveria funcionar de modo a obter o melhor resultado possível. Aprimorar métodos de trabalho, agilizar a execução de atividades, evitar duplicidade de atividade, padronizar as operações, melhorar constantemente o controle de qualidade estavam no escopo de suas funções.

O gerenciamento de processos do negócio era outro desafio que se apresentava a Sandra Carneiro Leão. Isso significava que ela deveria prestar particular atenção quando surgissem gargalos nas

atividades do laboratório produção, e isso só era possível quando se tinha conhecimento sobre os fatores cruciais que determinavam o bom funcionamento da Tecomat.

Um dos primeiros investimentos da Tecomat, além dos equipamentos para o laboratório, foi a aquisição de software que a auxiliasse na gestão de processos, no que dizia respeito a aumento de produtividade, redução de burocracia, melhoria da rentabilidade, redução de defeitos e desperdício, tendo como linha de chegada a satisfação do cliente e sua fidelização. Em sintonia com a estrutura familiar daquela empresa, a engenheira e administradora apreciava o fato de que, apesar de cálculos e números estarem no núcleo das operações, apesar de a tecnologia ser de suma importância para os resultados, era mesmo no elemento humano que residia a força motriz da Tecomat. Um modelo de gestão centrado no fator humano era ponto de consenso entre todos que iniciavam aquela jornada.

Como mentor da Tecomat, o professor Joaquim trazia para a vivência empresarial a mesma conduta aprendida desde o berço, com o pai, de quem herdara não apenas o nome, mas convicções tão sólidas quanto suas raízes fincadas no engenho Jundiá, em Vicência, nascedouro dos Correia de Andrade. O engenheiro sabia que precisaria entregar dois produtos ao seu cliente, um tangível e outro intangível, e este último era a palavra empenhada. Seus princípios interioranos o levavam de volta ao lema paterno, de que os acordos mais importantes são firmados no “fio do bigode”, inferindo que, ainda mais importante que o contrato assinado no papel, o que se diz olhando nos olhos deve ser cumprido a qualquer custo.

NUMA OBRA, a responsabilidade do engenheiro calculista anda de braços dados com a chancela de um laboratório confiável, que possa assegurar, com idoneidade, que o concreto, seja ele comprado pronto ou elaborado dentro do canteiro de obras, tenha a resistência exigida pelas dimensões e propósitos da edificação que será erguida.

Essa é uma área de atuação que não admite margem de erro, sob pena de colocar vidas e patrimônio em perigo. As normas que regem um laboratório de análise do concreto precisam ser obedecidas ao pé da letra, sem desvios ou “gambiarras”, aquele famoso jeitinho de se tentar atalhar percursos mais longos, mas, também, mais seguros. “Para garantir a qualidade tem que ficar de olho em todo o processo, desde a moldagem do corpo de prova até seu rompimento. Mais do que nunca, em engenharia, a pressa é inimiga da perfeição. Em alguns casos, a pressão é a maior inimiga do futuro de uma construção”, ensina o professor Joaquim.

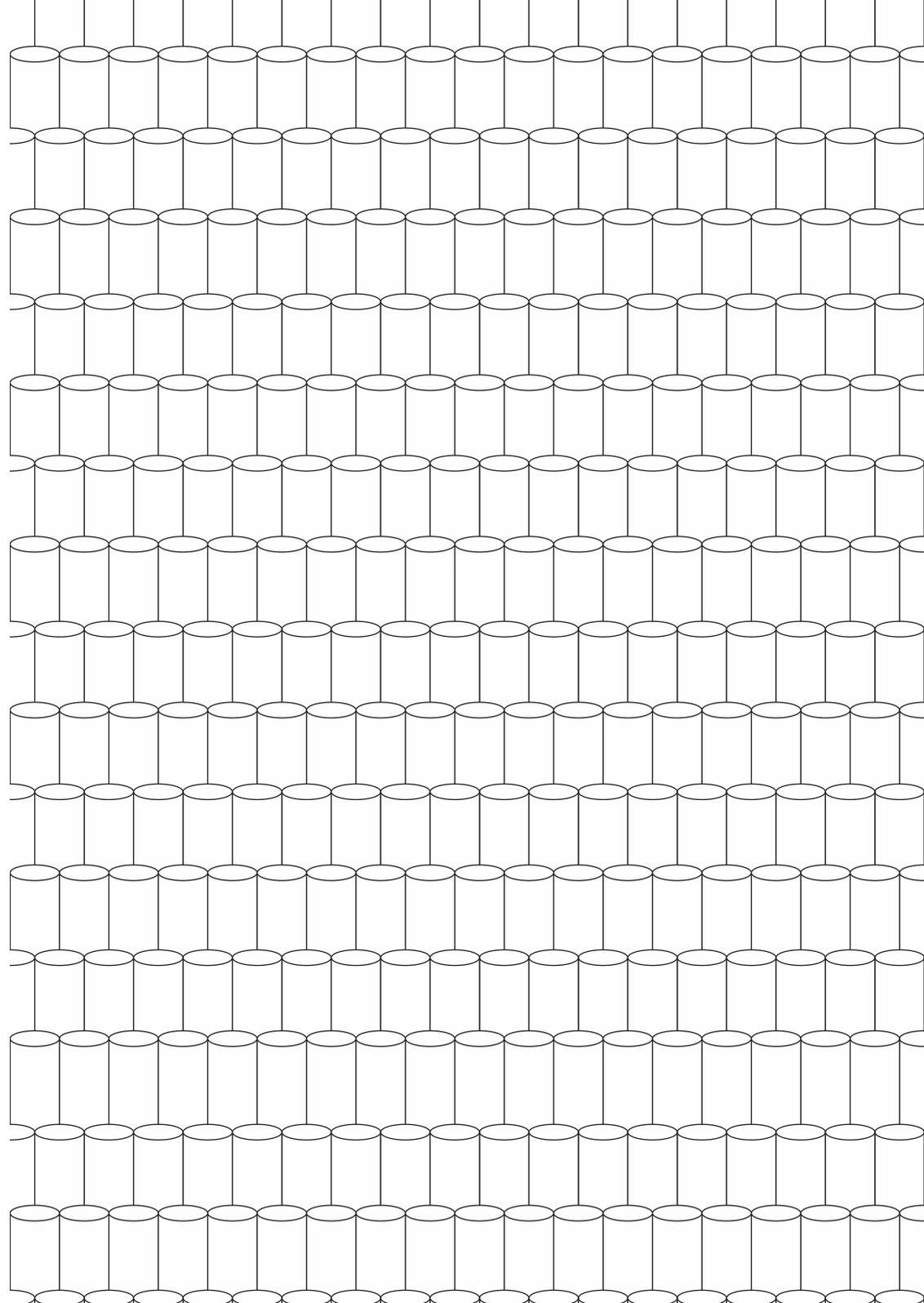
Assim como procedia com seu time de engenheiros, Joaquim preferia formar a sua equipe de técnicos a partir do zero, moldá-los sob sua orientação e requisitos. Depois de abertas as vagas, era feita uma primeira seleção para, a partir daí, escolher aqueles que receberiam treinamento teórico e prático.

Os novos funcionários assimilavam tudo o que era preciso saber para começar a atuar no laboratório, mas seus primeiros meses eram rigorosamente monitorados pelos profissionais mais experientes. Os novatos aprendiam com Joaquim, por exemplo, que era preciso tratar os corpos de prova com o carinho dedicado à mulher amada, pois deles dependia a fidedignidade do resultado que constaria no laudo marcado com a grife Tecomat.

O concreto a ser analisado, fosse recolhido na obra ou entregue na sede da empresa, não era identificado sob o nome de pessoas físicas ou jurídicas, mas codificado de modo que o analista

não pudesse saber sua procedência. A medida visava evitar a contaminação de interesses. Impedir, por exemplo, que algum cliente ávido em ver seu concreto aprovado pensasse que poderia interferir nos resultados. Ali o que valiam eram os números. O concreto era avaliado na realidade de suas propriedades e ponto final.

Nesse ambiente, depois de sua chegada, o material seguiria o criterioso caminho constituído por uma sequência tão rigorosa quanto imutável. Moldado numa forma cilíndrica padronizada, o corpo de prova iria passar pelo processo de cura durante 28 dias, dentro de uma câmara úmida. Após esse período, seria submetido ao teste final chamado de “rompimento”. Nessa fase, uma máquina exerce uma pressão gradual no corpo de prova ali encaixado até que ele se parta. Com os resultados obtidos depois dos cálculos, define-se a resistência daquele concreto específico e emite-se o laudo.





Moinho, Ilhéus - BA.

A TECOMAT cresceu de forma orgânica, sem açodamento, primeiro se preocupando em arrumar a casa e ganhar musculatura. Com isso, quando o volume de clientes começou a crescer exponencialmente, a empresa estava preparada para acolhê-los. Já em 1992, ano de inauguração, embora Joaquim fosse conhecido no meio como um grande consultor de concreto, começaram a chegar demandas do setor imobiliário para que a Tecomat fornecesse orçamento, e esse nicho permaneceu sendo atendido pela década seguinte.

Entre 1998 e 2002, avalia Sandra, a Tecomat era uma empresa de pequeno porte, com um laboratório reduzido e estrutura administrativa enxuta, que foi ganhando corpo aos poucos. Se antes orçava prédios, passou a orçar indústrias. Começou com cinco funcionários e, em 2003, já eram 25.

O primeiro grande desafio para a Tecomat se apresentou logo de saída, em 1992, quando a empresa pernambucana foi contratada pelo empresário Eduardo Henrique de Oliveira Silva para gerenciar as obras do Moinho de Ilhéus, que começou a operar em 1994 e esteve em funcionamento até 2004, quando processava 80 mil toneladas de trigo ao ano. As dimensões eram grandiosas e a responsabilidade equivalente.

Instalado numa área das docas, mais precisamente no Porto Internacional do Malhado, na cidade baiana de Ilhéus, aqueles 11 mil metros quadrados veriam nascer do zero um empreendimento que exigiria muito de quem o assumisse. A Tecomat foi responsável pela condução das diversas etapas da construção do Moinho, desde a contratação dos projetistas até o acompanhamento da obra.

O processo de escolha da empresa construtora foi uma tomada de preços com empresas de atuação nacional, um grande desafio para a recém-formada Sandra Carneiro Leão. Não foi sem medo que ela encarou a empreitada, mas, confessa, esteve sempre tão amparada pelos colegas que o medo se dissipou naturalmente. “A Tecomat é um ambiente onde nunca existiu competição.

O conhecimento flui de um para o outro”. Nessa atmosfera de companheirismo, a opinião do professor Joaquim agia com um farol: “Ele sempre foi um lastro porque, quando emitia uma opinião, só o fazia depois de muita ponderação, justiça e segurança”, declara a discípula e admiradora.

O início foi também um período em que todos se empenharam para conquistar a confiança dos clientes. Começaram a surgir algumas obras que exigiam mais gente e, por isso, quando necessário, convocavam parceiros e formavam uma equipe. A ideia era que a empresa não precisasse inflar desnecessariamente a folha de pagamento fixa. Todos tinham em mente que dar um passo maior do que a perna poderia pôr em risco a estratégia de crescimento.

Em 1992, a Tecomat, conforme já citado, montava seu laboratório dentro do canteiro de obras do nascente Shopping Guararapes, que, atualmente, ocupa mais de 79 mil metros quadrados com área construída, alcançando, em 2013, a sua quinta etapa. “A demanda era maior do que podíamos atender com a estrutura da época”, lembra Tibério Correia de Andrade. Ainda assim, a concentração de esforços, o espírito colaborativo e a gana da equipe prevaleceram sobre o que parecia ser o típico “passo maior do que a perna”. O trabalho não apenas foi realizado, como foi com o selo de qualidade que seria sempre a missão abraçada pela Tecomat.

Sandra localiza nos anos de 1998 e 1999 a fase mais perceptível de consolidação no mercado pretendido pela Tecomat. Àquela altura, a empresa havia firmado alguns contratos relevantes, e isso parecia ter injetado uma dose extra de ânimo rumo ao futuro projetado. As encruzilhadas, todas elas, haviam sido superadas na direção acertada. A fronteira que se apresentava era óbvia: expandir e conquistar mercado, se não quisessem cair na armadilha da estagnação.

Os anos anteriores haviam sido empregados com sucesso no aperfeiçoamento técnico da equipe, mas era imprescindível que, do ponto de vista de gestão, também se envidassem esforços em direção à excelência. Até então, o ponto focal das decisões concentrava-se na figura equilibrada e experiente do fundador da Tecomat.

Por mais confortável que fosse se garantir em sua vivência, Joaquim Correia era necessitado em outra posição. Como afirmara a vida inteira, sua paixão sempre foi “engenheirar”. Era o homem do canteiro de obras. Apesar de ser considerado sério demais, “fechadão”, ou até por isso mesmo, tinha grande facilidade para lidar com os trabalhadores mais simples, aqueles que não tiveram, como ele, o mesmo privilégio da educação superior. Sabia escutar, e dar razão a quem tinha razão. O segredo maior era sua transparência, sem “duas conversas”.

De repente, Joaquim Correia se deu conta de que, desde o ano de fundação da Tecomat, em 1992, a empresa estava crescendo como um fruto que amadurece a bom tempo. As sementes já caíam no solo devidamente preparado, e davam mais frutos. As questões burocráticas aterrissavam em sua mesa numa velocidade maior do que ele conseguia resolver, afastando-o cada vez mais da “mão na massa”, das visitas de campo onde sua experiência era mais necessária.

Nessa fase de terraplanagem, a Tecomat foi configurada, quase que intuitivamente, na base da agregação de experiências que cada uma das partes trazia para o todo. Não foi realizada, por exemplo, nenhuma pesquisa de mercado que investigasse para onde os ventos sopravam, tampouco se investiu em propaganda, acreditando-se que o boca a boca se encarregaria de espalhar as qualidades dos serviços oferecidos pela empresa. “Nós, que lidávamos com a construção de edifícios, pontes, shoppings, indústrias, vimos nascer o primeiro folder publicitário como as dores de um parto”, compara Sandra.

O INGRESSO DO ENGENHEIRO ANGELO JUST na Tecomat se deu, inicialmente, de forma indireta. Just havia sido aluno de Tibério e de Joaquim na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e, como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic), financiado pelo CNPq, cabia ao aluno de graduação preparar aulas para as disciplinas de construção civil 1 e 2. Passou então a frequentar a Tecomat para utilizar os livros que a empresa mantinha em sua pequena, mas bem-abastecida biblioteca. “O professor Joaquim sempre foi muito generoso, especialmente ao compartilhar conhecimento”, diz o ex-aluno.

Angelo Just graduou-se em 1996 e, em 1997, surgiu o primeiro trabalho, proposto pela Tecomat, mas ainda como freelancer. A tarefa era ajudar Sandra Carneiro Leão a preparar o orçamento para a construção de um alojamento para os operários que atuavam na construção do Templo do Recife, operado pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, e que seria o segundo templo mórmon a ser erguido no Brasil, no bairro do Parnamirim, Zona Norte do Recife. Este primeiro serviço seria seguido por outro, que era a construção da igreja propriamente dita, um colosso de 22,6 mil metros quadrados, com capacidade para receber 137.500 fiéis.

O ano seguinte, 1998, encontrou Angelo ocupadíssimo, dividindo seu tempo entre a Tecomat, um mestrado feito simultaneamente entre as instituições de ensino Escola Politécnica de Pernambuco (Poli) e Universidade de São Paulo (USP), além do emprego no Instituto de Tecnologia de Pernambuco (Itep), no qual havia sido aprovado por concurso.

O mestrado, aliás, estava sendo cumprido ao lado de Tibério Correia de Andrade, pois ambos passaram no mesmo momento. Incentivado pelo professor, que viu no ex-aluno um talento promissor e uma ótima aquisição para os quadros permanentes da Tecomat, Angelo decidiu escolher “revestimentos” como tema de sua dissertação de pós-graduação. “Faça isso, porque assim

poderemos abrir uma outra frente de atuação na Tecomat”, teria lhe aconselhado Joaquim Andrade. Essa conversa travada entre Joaquim e Angelo transcorreu num telefonema feito à noite, em janeiro de 1999, e, segundo Angelo, foi a mais importante instrução profissional que ele poderia receber, levando-o a inaugurar formalmente uma nova área a ser explorada pela Tecomat. Consultorias sobre revestimentos de fachadas fornecidas pela empresa viriam a tornar-se referência em seu portfólio, inclusive com alcance nacional.

Já em 1998 surgia o primeiro projeto de fachada encampado pela Tecomat, sob solicitação da construtora ACCruz, para o edifício Villa dos Manguinhos, na Rua Cardeal Arcoverde, no bairro das Graças, Zona Norte do Recife. A nova frente provou ser um nicho promissor: uma vez oferecido mais aquele serviço, os pedidos de laudos não paravam de chegar, tornando a Tecomat a empresa precursora no estado para a prestação desse tipo de serviço, que, anos depois, tornaria-se obrigatório, por norma, em todas as obras nacionais.

No ano de 2000, com Sandra precisando atender uma demanda familiar, Angelo Just foi convidado a chefiar o laboratório da Tecomat, mas para que isso fosse viável, seria necessário que ele se desvinculasse do emprego público no Itep. Decisão difícil, sem dúvida, situação que, no passado, o professor Joaquim Correia precisou também atravessar quando deixou a RFFSA e a Sudene.

Após algumas considerações sobre os prós e contras em abdicar da estabilidade prometida pela administração estadual, Angelo, filho de pais servidores públicos, chegou à conclusão de que a morosidade da máquina pública não combinava com seu ritmo particular de trabalho e aspirações. De mais a mais, havia criado vínculos com a “família Tecomat”, sentindo-se, ele próprio, um membro integrado àquela árvore, além de enxergar no professor Joaquim um exemplo de sucesso e de profissional a ser seguido.

Contava ponto a favor da empresa privada, ainda, o fato de que os desafios constantemente oferecidos eram um manancial inesgotável de aprendizado. O cargo foi aceito e, em paralelo, Angelo seguia investindo na área de revestimentos, culminando com uma tese de doutorado apresentada em agosto de 2008, na qual escreveu agradecimento a todos da Tecomat, em especial ao professor Joaquim, por todo o apoio dado ao longo dos anos necessários para se chegar àquela conquista.

José Maria da Cruz Neto entrou para a Tecomat em 2001. Seu pai, José Luiz, tendo sido amigo de Joaquim na época da Cohab, aproveitou a chance para pedir-lhe uma oportunidade para o filho, que então cursava o terceiro período de engenharia na Universidade de Pernambuco. Na verdade, se dependesse da vontade do pai, a vida profissional de Neto já estaria toda programada. “Ele havia feito um plano de estágios que eu deveria cumprir. O primeiro foi num escritório de cálculo, o segundo seria na Tecomat”, relembra Neto.

Mas Neto ainda não estava muito certo do que ele próprio queria. Ou melhor, sabia que queria chegar muito longe, sempre sonhara alto, e o seu desejo era estar numa empresa que lhe proporcionasse oportunidade de ascensão. Em busca do seu lugar ao sol, chegou a ser aprovado no vestibular para o curso de administração e até estagiou com a mãe numa organização não governamental (ONG). O pai tentava contra argumentar: “Como engenheiro você pode ser administrador, mas como administrador você não pode ser engenheiro”, dizia-lhe em tom de xequê-mate, influenciando-o definitivamente a perseverar no projeto de se tornar um engenheiro.

Coube a Angelo Just entrevistá-lo, mais para atender ao pedido de uma pessoa conhecida do que, propriamente, pela necessidade momentânea de incorporar aquele jovem à empresa, por maior que fosse a sua vontade e disposição para encarar o novo desafio.

Ficou acertado, então, que caberia a Neto acompanhar algumas obras nas quais a Tecomat estava envolvida. Era uma maneira de mapear as habilidades do novato.

A primeira qualidade de Neto a saltar aos olhos de seus chefes foi a disponibilidade. Era notório seu desejo de aprender e entender o funcionamento da firma, a partir de sua base, que era o laboratório de concreto. Àquela altura, os braços da Tecomat estavam estendidos em várias direções. Da duplicação da BR-232 à investigação das causas do desabamento de alguns prédios "caixões" na Região Metropolitana do Recife, a Tecomat surgia como opção de alta credibilidade para emissão de laudos e controle de qualidade.

Quando a construtora Moura Dubeux precisou de um relatório, Neto foi o primeiro a se voluntariar para o trabalho. O mesmo aconteceu quando Tibério necessitou de um estagiário que acompanhasse a obra numa fábrica de dormentes para o Metrorec, localizada num bairro considerado perigoso pelos altos registros de violência. Durante a polêmica surgida por ocasião da reforma do Aeroporto dos Guararapes, a ser descrita no capítulo seguinte, Neto era o agente infiltrado para observar se o controle tecnológico das provas de concreto, feito pela UPE, estava sendo conduzido adequadamente. Capacidade de organização e de comunicação dariam a José Maria da Cruz Neto, posteriormente, uma vaga de sócio na Tecomat.

Obras na BR-232.



COM O CRESCIMENTO DA TECOMAT, veio a necessidade de organizar seu funcionamento e, devido ao fato de ser uma empresa de “engenheiros”, buscou-se apoio externo. Em 2002 foi fechado o primeiro contrato com a TGI, empresa de consultores especializados em gestão estratégica. O primeiro passo para as grandes e pequenas alterações que viriam a partir daí foi a setorização das áreas de negócios abrangidas pela empresa. Havia o laboratório sede, os laboratórios instalados nas obras, a área de consultoria técnica, a de orçamento e acompanhamento de obras, projetos executivos de revestimentos, o administrativo, enfim, todas as partes que formariam um conjunto afinado.

Como já suspeitavam os diretores, era preciso desafogar Joaquim, promovendo a descentralização das decisões. Num segundo momento, Sandra, que já, organicamente, ocupava a função de condutora dos assuntos administrativos e financeiros, foi oficializada no cargo em 2003.

O remanejamento das funções foi satisfatório para Joaquim, que ficou feliz em repassar os encargos para Sandra, uma engenheira talhada para o maçante, mas fundamental, trabalho burocrático de gerenciamento de custos. “Se você administra as contas da empresa, você administra tudo, porque tudo precisa ser pago”, repete, tendo consciência de suas responsabilidades no futuro da Tecomat. Mas a mão que paga é a mesma que nega e, muitas vezes, foi necessário assumir o papel da vilã, no sentido de promover os ajustes necessários à profissionalização dos processos internos, ou seja, manter a empresa sob controle sem, contudo, comprometer a qualidade dos serviços oferecidos.

Não sendo uma administradora por formação, Sandra foi buscar especialização num MBA de Marketing e Vendas, realizado no Cedepe durante um ano (2001), financiado pela Tecomat. “Eu não sou administradora de empresas, eu sou administradora da Tecomat”, resume a engenheira que virou gestora. Ao ser oficialmente

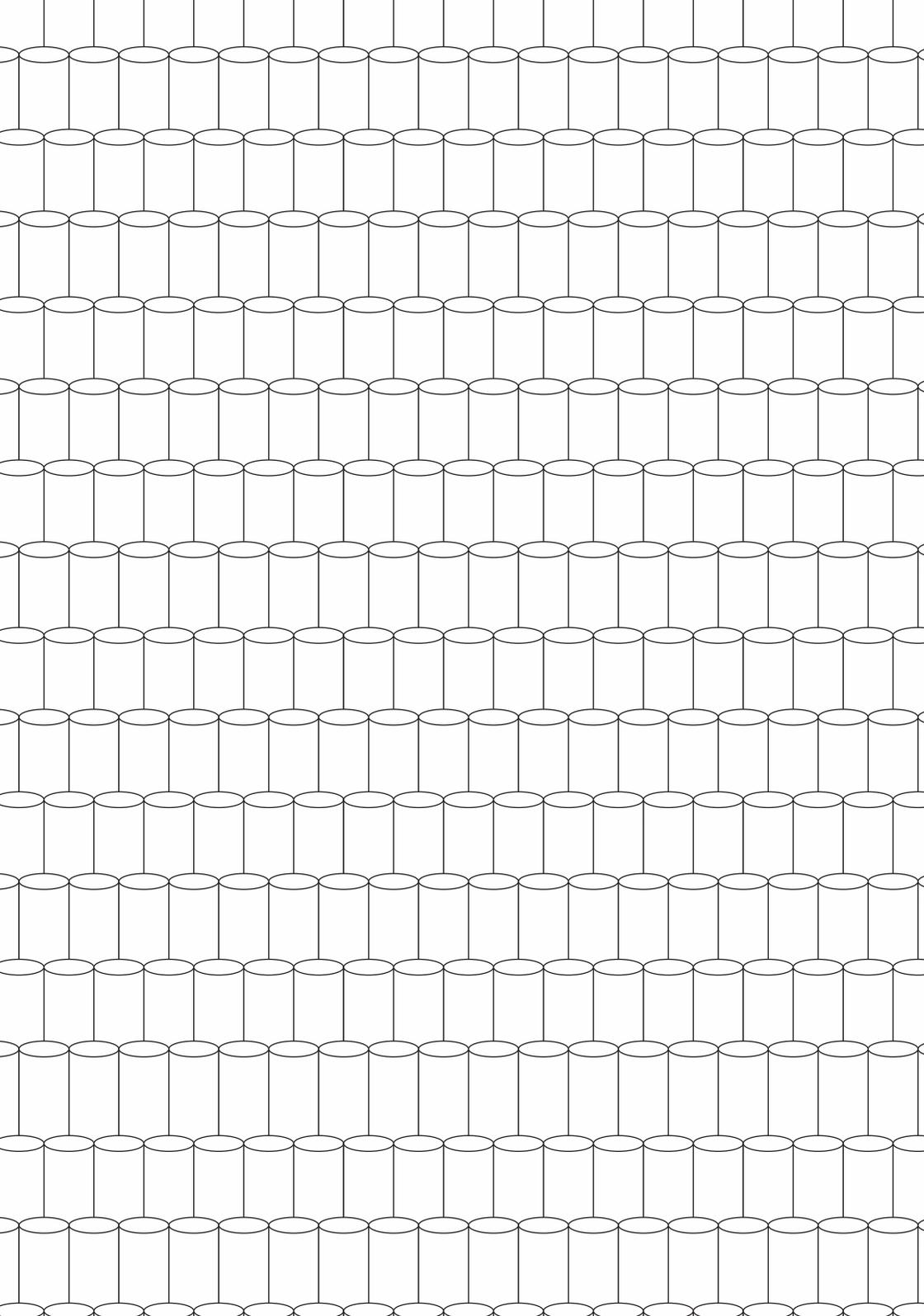
consagrada na função, Sandra via se cumprir a promessa feita por Joaquim quando de seu ingresso na Tecomat: “Vou lhe colocar no carbureto e você vai amadurecer sem envelhecer”, havia dito, meio brincando, meio sério, seu ex-professor da Escola de Engenharia.

Os ajustes na gestão da Tecomat a partir da interferência da TGI foram benéficos em grande e pequena escala, nos detalhes e na macroestrutura. A verdade é que as alterações propostas, de um modo geral, encontraram ambiente acolhedor entre os colaboradores mais comprometidos com os objetivos da empresa. No âmbito da Diretoria, as tomadas de decisão em conjunto já eram uma prática corriqueira numa empresa que, desde o embrião, trazia no DNA a proverbial diplomacia, equilíbrio e transparência do fundador. A Tecomat era formada por um grupo que podia até discordar, mas nunca se desentender.

Quando a TGI entrou na Tecomat deparou-se com uma empresa que, embora intuitivamente, do ponto de vista de gestão, havia tomado várias decisões acertadas. Crescer de forma estruturada, atendendo às necessidades que surgiam no momento, foi uma delas. Não houve pressa em recheiar a carteira de clientes com obras de grande expressão, elas vieram por gravidade, atraídas pela fama granjeada entre vários trabalhos pequenos e de porte médio. Como diz o professor Joaquim: “A melhor propaganda da Tecomat deve ser o serviço bem feito”. Com a setorização demandada pela reestruturação, o que passou a existir foi uma arquitetura organizacional mais transparente, em que as responsabilidades ficavam bem estabelecidas e colocadas às claras.

Os engenheiros-chefes da Tecomat usavam farda porque acreditavam que os diretores deveriam ser os primeiros a darem o exemplo. Além do mais, tinham um real orgulho da marca que criaram e sua representação no mercado, traduzida em solidez e confiabilidade. Os estagiários iam direto para a faculdade com

a camisa usada no trabalho e não cansavam de repetir como o peso daquele nome estampado no peito se fazia sentir de forma positiva. Isso porque, em primeiro lugar, a fama do professor Joaquim Correia – que havia sido mestre de alguns daqueles mestres que então atuavam nas salas de aula – o precedia e, em segundo lugar, por ter sido selecionado para fazer parte daquele time já era uma boa figuração no currículo.



EM 2002, a Tecomat viveu mais uma experiência importante ao ser escolhida como a empresa responsável pela qualidade do concreto na obra da reforma do Aeroporto dos Guararapes/Gilberto Freyre. No dia 7 de dezembro de 2000, o vice-presidente do Brasil Marco Maciel, na gestão de Fernando Henrique Cardoso como presidente, havia assinado convênio para a liberação de uma verba de R\$ 100 milhões destinada à modernização e ampliação do terminal do Recife.

Em junho de 2004, quando da conclusão do contrato, o custo da obra ficou em R\$ 267 milhões, tendo sido realizadas modificações no prédio principal, instalação de 11 pontes de embarque e desembarque, construção do edifício-garagem e ampliação do número de balcões de atendimento. O Consórcio Aeroporto Recife, formado pela Odebrecht e Queiroz Galvão ficou responsável pela operação, com gerenciamento da ATP Engenharia.

Em texto para a revista de arquitetura Techné, Ubiratan Leal descreveu o nível de complexidade que envolveu a reforma do aeroporto na capital pernambucana:

“O elemento mais marcante do edifício do terminal de passageiros é a cobertura zenital do saguão principal. O formato arquitetonicamente incomum obrigou o uso de vigas e pórticos treliçados com seção retangular, vencendo um vão de 15 m. A estrutura da edificação em si é de concreto armado, com lajes nervuradas e steel deck.

Uma exceção foi a sala de desembarque, que deveria ter um vão de 30 m no setor de restituição de bagagem. Nessa parte, foram utilizadas vigas de concreto protendido. Com a dificuldade de levar ao canteiro peças pré-moldadas com tais dimensões e a impossibilidade operacional de manter essa área com escoramentos durante a cura do concreto, a construtora adotou uma solução mista. As peças eram moldadas no canteiro, logo abaixo de onde seriam posicionadas. Quando atingiam a resistência desejada, eram erguidas e integradas à estrutura. As

fundações foram feitas com pré-furo e estacas pré-moldadas de 25 m de profundidade devido ao nível elevado do lençol freático na capital pernambucana”.

A certa altura da construção, surgiu uma divergência entre a Tecomat e alguns engenheiros que atuavam na obra. A discussão decorria da diferença de resultados de resistência do concreto apresentados pela Tecomat, representando a construtora, e os da fiscalização da obra. Alegavam que os resultados dos testes enviados pela Tecomat estavam acima daqueles identificados pela fiscalização, o que poderia favorecer os interesses da construtora em validar o concreto usado na obra.

Logo que o problema veio à tona, todos os esforços foram tomados pela Tecomat no sentido de entender e esclarecer o caso. Inicialmente foram coletadas da obra cerca de 160 amostras de concreto moldadas com uma mesma data e dosagem, a fim de ensaiá-las em quatro laboratórios distintos, da própria Tecomat, para averiguar eventuais divergências. Os testes resultaram em valores muito próximos entre si, indicando a assertividade dos procedimentos e técnicas de ensaio adotados na obra.

Porém, era condição fundamental transmitir segurança e total transparência ao cliente, que, por tabela, também estava sendo questionado pela administração da obra. Na oportunidade, foi marcante a consideração e apreço apresentados pelos gestores da construtora à Tecomat e, em especial, ao professor Joaquim. Várias reuniões foram realizadas a fim de definir as ações a serem tomadas para comprovar os resultados de ensaio apresentados, os quais, em nenhum momento, sequer foram questionados pelo cliente.

Nesse sentido, foi decidido separar novas amostras idênticas de concreto para envio a um dos laboratórios de maior renome e credibilidade do Brasil, na Associação Brasileira de Cimento Portland (ABCP). Acompanhada pelo engenheiro Angelo Just, e

pela própria equipe do laboratório local, metade das amostras foram ensaiadas na ABCP, enquanto a outra metade era ensaiada no laboratório instalado na obra. Os resultados não apenas confirmaram os valores apresentados na obra, mas indicaram resistências ainda superiores, por conta dos procedimentos mais sofisticados de preparação dos corpos de prova adotados na ABCP antes da realização dos ensaios.

Ainda não satisfeitos, o professor Joaquim e a equipe do cliente resolveram repetir a dose, desta vez comparando resultados com ensaios realizados no maior laboratório do Brasil na área de controle tecnológico de concreto, o de Furnas Centrais Elétricas, localizado em Goiânia. Esse laboratório foi responsável pelo controle das obras de construção da Usina de Itaipu.

Novamente acompanhado por Angelo Just, as amostras foram cuidadosamente manuseadas e preparadas antes dos testes. “Todas as faces do corpo de prova (superior e até as laterais) foram retificadas para garantir perfeição geométrica das amostras. Eu nunca tinha visto nada parecido com isso em qualquer laboratório do Brasil”, afirmou Angelo, impressionado com o que acabara de conhecer nas instalações de Furnas. Assim como havia acontecido na ABCP, os resultados comparativos obtidos nessa análise foram coerentes, e até levemente superiores àqueles encontrados na obra, sepultando qualquer tipo de dúvida que pudesse pairar acerca dos dados apresentados ao cliente.

Após todas essas comprovações, o cliente teve o cuidado de emitir uma nota pública de apoio à Tecomat e ao professor Joaquim, em repúdio à posição tecnicamente injustificada e indefensável apresentada pelo órgão fiscalizador. Essa nota foi posteriormente referendada pelos maiores representantes da engenharia pernambucana, entre professores, engenheiros e pesquisadores, o que apenas reforçou a posição de respeito e destaque do fundador da Tecomat junto aos seus pares.

Ainda assim, o episódio abalou de forma profunda o professor Joaquim. Bateu forte no seu orgulho profissional, no valor que ele sempre depositara na palavra empenhada e da qual a Tecomat era a fiel depositária. De alguma forma, a dúvida lançada sobre o laudo emitido pela Tecomat, embora infundada, fez a equipe abrir os olhos para o novo tempo, que sinalizava para práticas que iam além dos valores que foram cultuados – e funcionaram – no passado.



Aeroporto dos Guararapes/Gilberto Freyre.

NESTA NOVA FASE, a Tecomat precisaria ir além da importância e peso do seu fundador. Era fundamental que a empresa fosse buscar, no próprio mercado, garantias de sua qualificação.

Naquela época, era comum as empresas buscarem certificações de qualidade (ISO 9000), mas os gestores da Tecomat já sabiam que o serviço realizado exigia um tipo diferente e específico de acreditação, inédita em laboratórios da região, o que demandaria muito esforço pessoal e organizacional de todos, a ISO/IEC 17025.

A ISO/IEC 17025 – Requisitos Gerais para Competência de Laboratórios de Ensaio e Calibração – é uma norma para sistema de gestão em laboratórios. A norma é publicada internacionalmente pela International Organization of Standardization (ISO) em conjunto com a International Electrotechnical Commission (IEC). No Brasil a publicação é feita pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), e a norma ganha o nome ABNT NBR ISO/IEC 17025. A mais recente edição da norma internacional é de 2005 e a ABNT publicou-a no Brasil em 2006.

Os laboratórios que desejam demonstrar sua competência devem implantar os requisitos da norma e se submeter à auditoria do acreditador. O órgão no Brasil autorizado a dar tal acreditação é o Inmetro, através da Coordenação Geral de Acreditação - CGCRE.

Para obtê-la, o laboratório deve preparar toda a documentação e submetê-la à avaliação do Inmetro. Depois disso, o Inmetro seleciona uma equipe especialista na área de atuação do laboratório para fazer a auditoria. A auditoria vai determinar se o laboratório pode ser acreditado. Os auditores emitem um relatório e o laboratório tem um prazo para resolver as não conformidades (NCs). Caso as NCs sejam muito graves, o processo de acreditação é negado sem a chance para o laboratório se regularizar.

O processo para obtenção da acreditação do laboratório da Tecomat foi iniciado em 2003, tendo à frente a engenheira civil Danielli Neves de Alencar Vidal, profissional de perfil técnico refinado e detalhista,

também ex-aluna de Joaquim Correia na UFPE. “A acreditação representa o reconhecimento formal da competência técnica e é uma maneira segura de identificar aqueles que oferecem a máxima confiança em seus serviços”, explicava Danielli na época. Após 13 anos à frente do laboratório de ensaios da empresa, desvinculou-se da Tecomat para se dedicar à área de Metrologia.

A obtenção da ISO/IEC 17025 demandava tempo para reunir toda a documentação necessária e, principalmente, investimento, em conhecimento e tecnologia. E, na Tecomat, isso foi feito a despeito das oscilações no mercado da construção civil, tornando-a a primeira empresa privada no N/NE acreditada pelo Inmetro para a realização de serviços de controle tecnológico de concreto, como explica Sandra Leão: “O ano de 2005 foi muito difícil. Não havia serviço, o setor estagnou. Só não fechamos a empresa porque tínhamos uma forte convicção de que o mercado aqueceria, processo que começou a acontecer quando deram início às obras de Suape, que foram essenciais para nosso crescimento”.

“Nos momentos de maior retração, entre os anos de 2004 e 2007, não deixamos de investir em atualização tecnológica e na modernização da estrutura administrativa. Foi nesse período que houve mudanças significativas na gestão da empresa, com a divisão em unidades de negócio e implantação do Sistema de Gestão da Qualidade para fins de Acreditação junto ao Inmetro”, afirma Sandra.



Selos e certificados de Acreditação, em Ensaios e Calibração, concedidos pelo Inmetro.

NO DIA 14 DE OUTUBRO DE 2004, o edifício Areia Branca, no bairro de Piedade, município de Jaboatão dos Guararapes, na Região Metropolitana do Recife, desabou. Eram 20h30 de uma quinta-feira e sob seus escombros jaziam quatro mortos. A queda ocorreu horas depois de uma visita feita pela Comissão de Defesa Civil de Pernambuco (Codecipe), convocada pelo condomínio, depois de constatadas fissuras na caixa d'água e rachaduras nas pilastras. Os moradores já haviam deixado o imóvel de 12 andares após ouvirem estalos no dia anterior, mas os funcionários que haviam permanecido no local perderam suas vidas.

Após a tragédia, teve início a fase de investigações, fundamental não apenas para que as causas do desabamento fossem esclarecidas e não mais voltassem a se repetir na construção civil, mas também porque os proprietários dos apartamentos destruídos, com o desaparecimento completo de seus bens materiais e imateriais, pudessem reivindicar ressarcimento por seguradora, o que só veio a acontecer cinco anos depois do ocorrido.

Uma comissão formada pelo Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura de Pernambuco foi encarregada de elaborar o laudo que dirimiria todas as dúvidas, respondendo às questões que cercavam a queda do Areia Branca. O documento foi assinado por cinco engenheiros civis, profissionais de renome do estado, entre eles o professor Joaquim Correia, ao lado de Alexandre Duarte Gusmão, Dílson Corrêa Lima Teixeira, José Afonso Pereira Vitório e Romilde Almeida de Oliveira.

A comissão trabalhou durante nove meses para elucidar os fatores contribuintes para a queda do Areia Branca. O laudo tinha como propósito primeiro fornecer um parecer técnico, mas a intenção do Crea-PE era que o documento possuísse também “um caráter educativo, no sentido de alertar para os procedimentos relacionados ao projeto, aos processos construtivos, ao controle de qualidade e à manutenção de edificações no estado de Pernambuco”.

“Além de concluir sobre as causas do desabamento que tirou a vida de quatro pessoas e privou famílias de seu mais importante patrimônio, este trabalho espera contribuir para a boa prática da engenharia em Pernambuco, na medida em que os ensinamentos tirados deste episódio possam contribuir para a melhoria dos procedimentos dos projetos e execução, de modo a evitar que este tipo de tragédia volte a acontecer”, argumentava o texto endossado pelos cinco engenheiros.

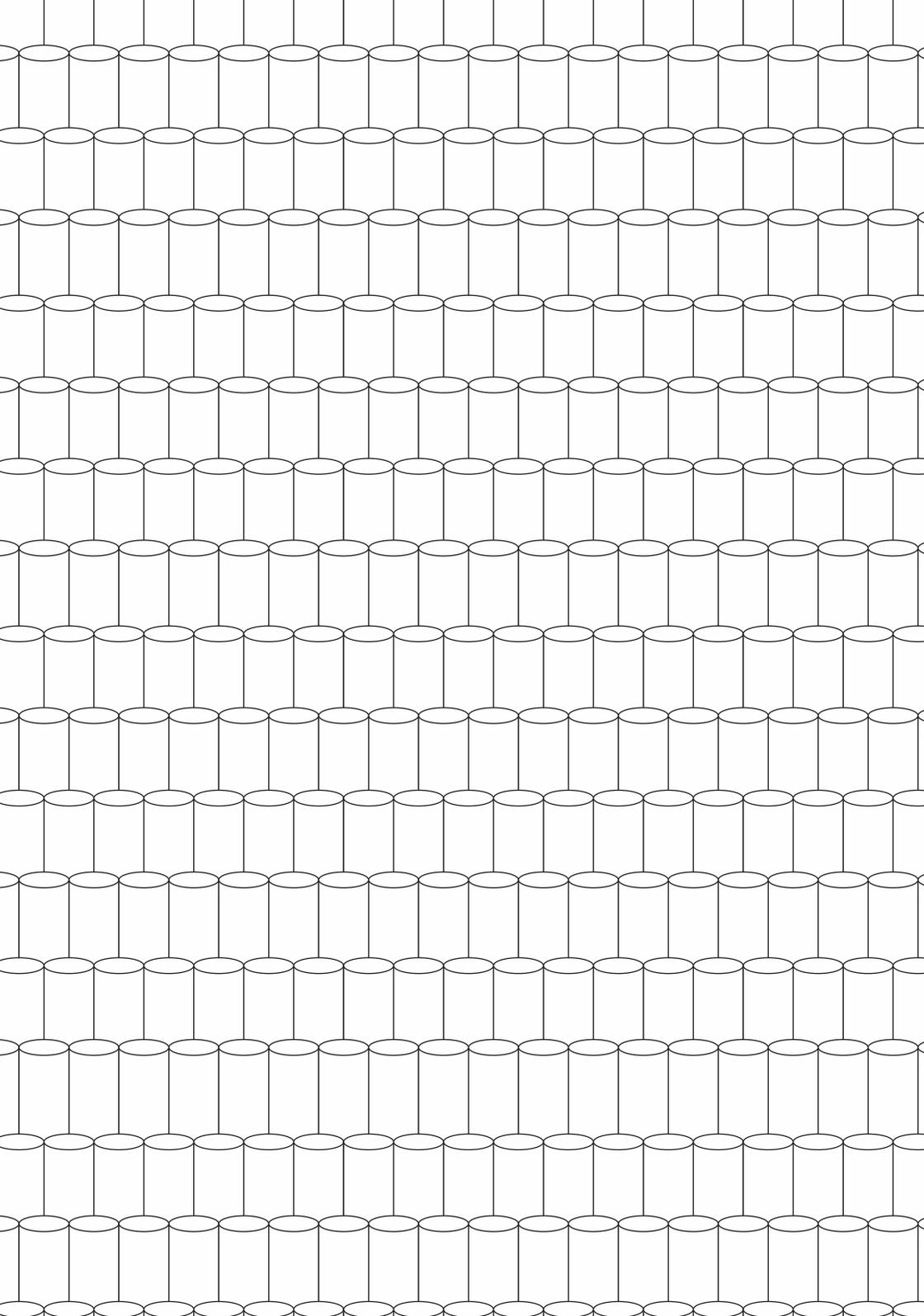
“O desabamento do edifício Areia Branca teve como principal causa a má execução da sua estrutura, havendo indicativos de que tal fato está relacionado à ausência de engenheiros qualificados na condução da obra. Isto aponta para a impossibilidade de obter-se um adequado padrão de segurança e qualidade em uma obra de engenharia, sem que haja a participação de profissionais com adequada formação e treinamento nas diversas áreas do conhecimento que são necessárias para a execução de um empreendimento”, afirmavam em conjunto.

Em paralelo às ações da comissão, surgiam aos montes na Tecomat solicitações para investigação em elementos de fundação de prédios no Recife e Região Metropolitana, em especial próximo ao Areia Branca. E foi durante essas investigações que Tibério teve a brilhante percepção de que muitos dos blocos de fundação vistoriados apresentavam sintomas típicos de uma manifestação patológica chamada de reação álcali-agregado que, até então, era mais conhecida apenas em estruturas de grande volume. Esse tema passou a ser objeto de estudo de vários pesquisadores e mudou a avaliação dos concretos usados em blocos de fundação de edifícios no Brasil, que passaram a ser dotados de medidas preventivas para evitar a ocorrência desse tipo de problema na região.

Esse episódio representa, de forma marcante, o papel da Tecomat como um difusor de conhecimento e de desenvolvimento de tecnologia para a engenharia local e nacional.

O comportamento agregador de Joaquim Correia, professor de várias gerações de engenheiros, levou-o, ao longo dos anos, a ser uma espécie de “biblioteca de conhecimentos práticos e vividos”, onde os profissionais sempre tiveram a certeza de encontrar a solução ou pelo menos o caminho para resolver os mais intrigantes problemas. Muitas vezes os engenheiros até sabiam o que fazer, mas não havia nada mais tranquilizador do que ouvir a palavra do professor Joaquim, que agia como um avalista de alto gabarito.

E esse espírito generoso, acessível, talvez oriundo da sua educação simples e sem muitos melindres, perdura e foi perpetuado como uma marca na Tecomat. São raros os dias em que não aparece alguém na empresa para trocar experiências, conversar com pessoas da equipe, ainda que seja apenas para saber o que já é sabido.



SIMULTANEAMENTE À REFORMA do Aeroporto dos Guararapes/Gilberto Freyre, a Termopernambuco, outra obra de grande importância, absorvia os serviços da Tecomat. Isso fazia com que o próximo grande passo profissional a ser dado pela empresa fosse considerado ponto de honra. Não caberia à Tecomat o papel tímido de um fornecedor local que, hesitante, sente-se agraciado com a entrada numa empreitada de vulto. A Tecomat já havia provado o seu potencial, agora restava consolidá-lo, ainda mais, nacionalmente. A Termopernambuco chegou na hora exata, em 2002. Errar estava fora de questão.

Dois anos antes, o grupo Neoenergia vencera o leilão de privatização da Companhia Energética de Pernambuco e, como contrapartida, comprometera-se a construir uma usina termelétrica no estado. As obras se iniciaram em 2001 com um orçamento de R\$ 400 milhões e, quando chegou a sua vez de participar do projeto, a Tecomat deslocou para a obra, durante 12 meses, um time de estrelas, laboratoristas que possuíam absoluto domínio sobre o controle do concreto – área de referência na empresa criada por Joaquim Correia de Andrade –, além do todo o apoio técnico e logístico do jovem Neto.

A participação da Tecomat na Termopernambuco coincidiu com outra demanda importante: o Cais 4, em Suape. A construção do Cais 4 foi iniciada no final de 2001 e paralisada por três vezes, sendo a última delas em 2003. Sob a responsabilidade das construtoras Odebrecht e OAS, a obra pôde ser finalmente tocada com a liberação da verba restante de R\$ 15 milhões por parte do Ministério dos Transportes. O Cais 4 foi o primeiro terminal de granéis sólidos do Complexo de Suape e se anunciava como de importância estratégica para a logística regional, uma vez que receberia boa parte das cargas transportadas pela Ferrovia Transnordestina.



Ponte da Redinha - RN.

Os anos de 2003 e 2004 foram particularmente árdios para a engenharia civil no Brasil, e em Pernambuco o cenário não era diferente. Neto se impacientava. Como o mais jovem do grupo e querendo começar a ascensão que planejara para si, inquietava-se sobre seu futuro e nutria esperança de contratação por parte da Tecomat. Angelo, seu superior, colocava água fria, não querendo que o jovem, diante do panorama nada animador de retração do mercado, tivesse uma decepção.

Mas Neto parecia ter, realmente, características que o qualificavam como uma peça fundamental naquela engrenagem. Em primeiro lugar, ele vestia como poucos a camisa da Tecomat, acreditava de verdade que poderia ajudar a empresa a crescer, possuía uma grande afinidade com a filosofia do lutar e, sobretudo, reverenciava a figura do professor Joaquim com tal fervor que não



Cais do Porto de Suape.

raras vezes o tomavam por neto, e não estagiário, do fundador da empresa.

O fato era que Neto detinha uma capacidade surpreendente de prospectar clientes e oportunidades, antes mesmo que eles se apresentassem à porta da empresa. Com essa vantagem ao seu lado, o estudante de engenharia provava ser um colaborador importante para ser acrescido ao quadro já existente. Durante muitos anos, a empresa havia recebido suas demandas por gravidade, ou seja, atraídas pelo peso do nome de Joaquim Correia, como engenheiro e como professor. O momento econômico exigia uma mudança de postura para uma, digamos, mais agressiva na busca por um nicho que se interessasse pelo portfólio de serviços oferecidos pelos vários especialistas que se abrigavam sob a marca Tecomat.

Foi exatamente o que aconteceu em 2004, quando da grande obra da ponte da Redinha, em Natal, no Rio Grande do Norte. A oportunidade foi farejada por Neto e repassada à empresa, que terminou por ser envolvida no projeto. A Newton Navarro, que ficou conhecida como “Redinha”, é uma ponte estaiada, que cruza o Rio Potengi e que, graças à sua altura e design, virou atração turística. Sua funcionalidade era a desobstrução do tráfego sobre a já existente ponte Igapó e a facilitação do acesso ao Aeroporto Internacional de São Gonçalo do Amarante. Ao ligar os bairros da Zona Norte de Natal e os municípios do Litoral Norte do estado aos bairros da Zona Leste de Natal e Litoral Sul do Rio Grande do Norte, a ponte da Redinha desempenhou também um importante papel no turismo potiguar. Projetada pelo arquiteto italiano Mario de Miranda, ela possui 2.713 km de extensão e utilizou 62.930 m³ de concreto, dos quais 70% foram protendidos. Essa obra representou a “maioridade” técnica e profissional de Neto, que abraçou todos os seus desafios, desde o começo até a sua inauguração.

Neto era pau para toda obra. Por ocasião da duplicação da BR-101, que liga a capital pernambucana ao Litoral Sul do estado, foi pessoalmente cobrar a um tal capitão Pavão, responsável pelo canteiro da obra, o dinheiro que era devido pelos serviços prestados. Era um momento histórico para a Tecomat. Com aquele contrato, pela primeira vez em sua história, a empresa não precisaria recorrer a empréstimo bancário para pagar o 13º salário dos seus funcionários.

Em 2007, a construtora Queiroz Galvão convidou Neto para se juntar ao grupo. O contato entre o engenheiro da Tecomat e a construtora de alcance internacional se deu, justamente, durante as obras da ponte da Redinha, quando houve um estreitamento das relações de trabalho. Recém-casado, Neto diz que se viu entre

a cruz e a espada. O aceno da Queiroz Galvão era, ao mesmo tempo, um afago em seu ego e a garantia de uma carreira prestes a decolar. Por outro, era lendária sua devoção ao professor Joaquim. O mestre ouviu da boca do discípulo o convite que suscitou a dúvida, mas preferiu não opinar, deixando que Neto decidisse por si o seu próximo passo. Neto procurou conselhos. A mãe lhe disse: “Não esqueça suas origens”; a esposa, Micaelly, determinou: “Fica, você sabe que quer ficar”. Estava decidida a continuidade de Neto na empresa que primeiro lhe acolheu.

EM 2007, quando foram consolidados os acordos para a construção da Refinaria Abreu e Lima, dentro do Complexo Industrial Portuário de Suape, ela se anunciava como uma obra que alavancaria como nunca a engenharia no estado de Pernambuco. Era a primeira refinaria a ser inteiramente construída com tecnologia nacional, com pretensões de ser também a mais moderna do país, apta a processar 100% do petróleo pesado com o mínimo de impacto ambiental.

Dentro da política de gestão social da Petrobras, uma das sócias no empreendimento ao lado da venezuelana PDVSA, estava a prioridade de contratação de mão de obra local para tocar as obras, de modo que, na fase inicial, que durou de 2007 até 2009, 95% dos 2.800 contratados eram de Pernambuco.

Os escândalos políticos e financeiros posteriormente associados à obra trouxeram grande tristeza e lamentação ao professor Joaquim e toda a sua equipe, que, ao longo de toda a trajetória do serviço, sempre estiveram à margem de qualquer tipo de atitude que estivesse fora dos seus padrões éticos e de responsabilidade.

Mas, depois dessa obra, a Tecomat estava pronta para atender ao chamado e disposta a suprir qualquer lacuna que porventura existisse na sua capacidade de fornecer os seus serviços técnicos. Quando não dominava a área de atuação, acercava-se de quem entendia do assunto. Ainda sem experiência em solos, necessária para lidar com os trabalhos de terraplanagem, buscou o apoio do engenheiro e professor Dilson Teixeira, um dos nomes de maior destaque nessa área, para que, como seu contratado, formasse uma equipe com capacidade para desbravar mais essa fronteira.

Com o cobiçado certificado do Inmetro em mãos, a Tecomat passou a ser, também, certificadora de mão de obra qualificada. Mas a estrada para o aperfeiçoamento estava longe de ser concluída. Na verdade, era um processo evolutivo constante que não poderia nem deveria ser detido. A concessão da acreditação

do Inmetro pela Tecomat aconteceu pela primeira vez em setembro de 2006 e, desde então, passa por renovações periódicas, conforme as regras normativas. Nas auditorias, o laboratório era avaliado quanto aos requisitos gerenciais e técnicos para a competência de laboratórios de ensaio, conforme apresentados na NBR ISO IEC 17025. “A renovação da acreditação era um orgulho para toda a equipe Tecomat, que demonstrou mais uma vez a sua competência. Para chegar a esse patamar, contamos com a participação e o envolvimento de toda a organização. Foi um excelente trabalho de equipe, pois todos estavam cientes da sua importância e trabalharam para sua obtenção”, afirmou, na época, o diretor da Tecomat, Joaquim Correia de Andrade.

O ano de 2009 trouxe uma alegria extra com a aprovação dos laboratoristas Marcos Aurélio e Melquisedeque Chagas na prova de qualificação do Ibracon/Inmetro, realizada no mês de novembro daquele ano, em São Paulo. O título demonstrava a alta qualificação desses profissionais, que foram os primeiros do Norte/Nordeste a obtê-lo. “Viajamos para São Paulo carregando uma enorme responsabilidade nos ombros. Mais do que tudo, eu e Marcos Aurélio tínhamos receio de decepcionar o professor Joaquim, que apostou tanto em nossa formação. Mas, no dia da prova, reunimos coragem e conseguimos nos tranquilizar, confiando na preparação que havíamos recebido. Voltamos para o Recife orgulhosos e com a missão cumprida”, relembra Melquisedeque, emocionado.

Graças à estratégia de criar teias de conhecimento que lhe permitissem atuar em diversas frentes, a Tecomat cruzou os anos numa expansão crescente e ordenada, até chegar ao final da primeira década do século 21, em 2010, podendo atender não apenas aqueles clientes que precisavam de assistência em concreto, o pilar da empresa fundada por Joaquim Correia, mas a vários outros segmentos.

A diversificação levou a empresa a crescer sob demanda, ampliando o seu raio de ação: consultoria nas áreas de concreto, alvenaria, revestimentos, técnicas construtivas, inspeções e patologias; acompanhamento técnico de obras de manutenção em condomínios; laboratórios de ensaios de materiais (incluindo solos, asfalto, revestimento, agregados, blocos cerâmicos etc.); montagem de laboratório em obras; gerenciamento de obras, estando, ainda, habilitada a dar cursos e treinamentos.

O encerramento da década, em 2009, também foi comemorado pelo fechamento de um importante contrato. Em dezembro daquele ano, os serviços da Tecomat foram incorporados a uma aliança formada entre a Transnordestina Logística S/A e a Odebrecht. A empresa pernambucana fazia todo o controle tecnológico do concreto e da terraplanagem dos dez lotes que já haviam sido liberados para que a Odebrecht executasse a obra da ferrovia. Cinco dessas áreas ficavam em Pernambuco; e as demais, no Piauí.

O contrato foi um dos frutos colhidos pela Tecomat a partir do cuidadoso trabalho semeado pelo seu fundador, Joaquim Correia, lá nos anos 1980, quando se iniciaram as consultorias prestadas à Odebrecht, consolidando sua reputação de profissional rigoroso, preciso e confiável. Um dos pontos de maior contribuição da Tecomat para o projeto da Transnordestina seria o gerenciamento da fabricação dos dormentes que serviriam de base para os trilhos. A mesma tecnologia que seria empregada nessa obra moderna já havia sido utilizada por Joaquim Correia, em 1984, quando ele participara do início da construção do metrô do Recife (que, posteriormente, seria o tema da dissertação de mestrado de Tibério na USP) e, em 2001, na ampliação do Metrorec junto à Odebrecht.



Obras na BR-101.



Estaleiro Atlântico Sul.

Aquele seria um dos empreendimentos mais importantes que a Tecomat protagonizaria nos últimos anos; um grande desafio devido ao porte e à logística envolvidos na obra. Sem dúvida, uma ação que consolidaria a marca como uma liderança do setor no Norte e Nordeste Brasil. No período inicial a empresa teria um acréscimo de 40% no número de profissionais envolvidos no setor de laboratório de obras.

Esse contrato, fechado no apagar das luzes de 2009, apenas coroou uma década bastante produtiva, na qual a Tecomat marcou presença em relevantes trabalhos como a expansão dos serviços em Manaus, dando continuidade ao acompanhamento técnico da construção de uma ponte de 3.800 m sobre o Rio Negro.

“A obra da ponte de Manaus foi outro marco na empresa, pois foi o primeiro projeto de grande porte que realizamos fora do Nordeste. Tínhamos uma equipe de aproximadamente 15 colaboradores e dois engenheiros, e a grande dificuldade era a logística. Concorremos com marcas de grande representatividade em todo Brasil, de maneira que conquistar o projeto já foi um grande desafio. A capacidade da equipe em fazer acontecer, o ‘Saber e o Saber Fazer’, lema do professor Joaquim, fez com que a Tecomat aumentasse sua credibilidade nacionalmente”, testemunha Neto.

Os contratos não paravam de surgir: consultorias técnicas em obras de irrigação em Alagoas, no Piauí e no Ceará, além da continuação da obra do Metrô de Fortaleza (Metrofor). A empresa estava envolvida, também, na Estação de Tratamento de Esgotos de Natal; na duplicação da BR-101 (em seis dos oito lotes da obra); na construção do Estaleiro Atlântico Sul; na Refinaria Abreu e Lima e no Sistema Produtor Pirapama.

O ano de 2009 marcou também a estreia da Tecomat no mercado externo, com um contrato em Angola, no continente africano. Naquele período, a Tecomat esteve presente nas maiores

e mais importantes obras estruturadoras do Nordeste, tais como transposição do São Francisco, Petroquímica Suape, Refinaria Premium I, duplicação da estrada de ferro de Carajás e Pier IV. Obras de mobilidade tais como a Via Mangue, Mobilidade Natal, Arena de Pernambuco, Fábrica da Jeep e o Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro – COMPERJ tiveram participação da empresa pernambucana fundada pelo professor e engenheiro Joaquim Correia.

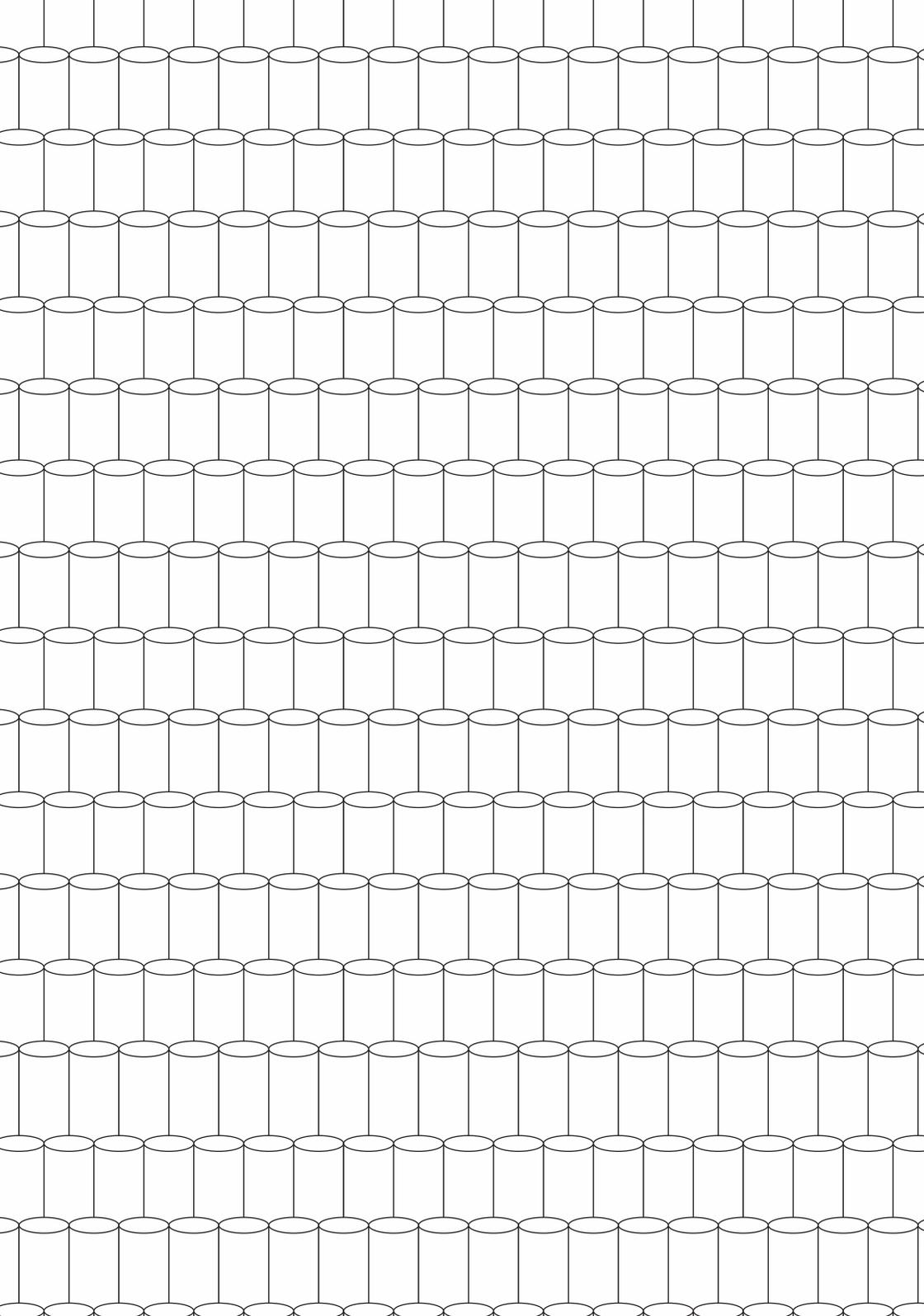
Junto com as grandes obras, o mercado imobiliário também vivenciou uma década de crescimento marcante, e a Tecomat mantinha o seu importante papel de difusor de conhecimentos, fazendo uma ponte entre os conceitos acadêmicos e a prática reconhecida nos canteiros de obras.

Nesse período, eram muitos os convites de associações, entidades de classe e empresas para os integrantes da equipe técnica da Tecomat participarem de eventos diversos como palestrantes, debatedores, instrutores de cursos e desenvolvedores de processos construtivos dentro das obras.

Ação marcante desenvolvida especialmente por Angelo e Tibério era na coordenação técnica da Comunidade da Construção, atividade de caráter nacional capitaneada pela ABCP com o objetivo de fomentar o uso de produtos e artefatos de cimento, e que contava com a maciça participação de construtores, fornecedores de materiais, projetistas e universidades. Inúmeras foram as participações na coordenação de cursos, seminários, viagens técnicas, nas quais a Tecomat exercia o papel de protagonista regional junto à cadeia construtiva.



Ponte Rio Negro, Manaus - AM.



TENDO ATRAVESSADO com equilíbrio os tempos difíceis, sem jamais se deixar contagiar pelo entusiasmo excessivo nos anos em que a engenharia brasileira experimentou momentos de euforia, a Tecomat entrou na década de 2010, completando 18 anos com suas bases firmemente plantadas no solo. “Em um mercado que durante décadas enfrentou fortes crises no setor da construção civil, fazer 18 anos de atividades trazia à Tecomat um sentimento gostoso de quem ganha o primeiro automóvel e está prestes a conquistar o mundo. A maioria vinha coroar uma das melhores fases da empresa, que colhia os frutos do trabalho sério e competente realizado por sua equipe ao longo dos anos”, declarava o professor Joaquim à época.

“Desde sua fundação até os dias atuais, a empresa se ajustou às mais diversificadas demandas de mercado, tais como o aumento no volume de serviços, ampliação do escopo de serviços prestados, certificações de qualidade, qualificação de mão de obra, modernização de equipamentos, dentre outras”, enumera Tibério Andrade.

O planejamento estratégico é citado por Sandra Leão como o leme que permitiu a navegação segura da empresa. Já em 2011, a Tecomat previa a ampliação do espaço físico, a contratação de novos profissionais e mais investimentos em capacitação para atender às demandas. Em 2010, o quadro de funcionários havia dobrado, chegando a mais de 200 colaboradores. Nos anos que se seguiram, esse número foi sendo ajustado ao sabor dos ventos do mercado, tendo sempre em vista a sustentabilidade da estrutura que havia sido erguida. “O objetivo perseguido era manter a liderança, com a melhoria constante de processos”, explica Sandra Leão.

O ano de 2011 foi marcado pelo início das obras do RioMar Shopping, empreendimento inovador do grupo JCPM, comandado pelo empresário João Carlos Paes Mendonça, que vinha impor

novos desafios à Tecomat. Quem passava pela ponte Governador Paulo Guerra, conhecida como ponte do Pina, avistando o canteiro de obras instalado no terreno da antiga fábrica da Bacardi, já tinha ideia da grandiosidade do projeto.

A Tecomat foi responsável pelo controle tecnológico do solo e do concreto da obra que abarcaria 293 mil metros quadrados e cujo volume de pré-fabricados chegaria a 44.550 metros cúbicos. A Tecomat acompanhou a produção das peças dentro das instalações da fábrica da T&A Pré-Fabricados em Igarassu (PE). Também foram realizados ensaios nos materiais provenientes dos resíduos das estacas-hélices, que foram utilizados na pavimentação. Além disso, foi feito o controle dimensional e de resistência nos blocos de concreto da alvenaria de vedação. No RioMar Shopping, a Tecomat ainda apoiou o projeto de fachada das alvenarias de periferia da obra.

“Um dos cuidados desse empreendimento foi com a questão ambiental. Tentamos aproveitar, ao máximo, os resíduos da construção. Houve, por exemplo, uma central de britagem no canteiro para que fosse possível dar uso aos resíduos provenientes da antiga fábrica da Bacardi”, explica o engenheiro e diretor da Tecomat José Neto.

Segundo ele, desde o princípio, o grupo JCPM, responsável pelo projeto do RioMar, demonstrou grande preocupação com a inclusão social. “Existia um programa de treinamento e capacitação profissional, realizado em parceria com o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), por meio do qual se tornava possível contratar funcionários para as obras. Na época, esta era uma alternativa muito oportuna, uma vez que havia uma carência de mão de obra em decorrência do aquecimento do setor da construção civil no estado”, afirma Neto. O RioMar Shopping foi inaugurado em outubro de 2012 com 476 lojas, incluindo cinemas, teatro, praça de alimentação, restaurantes e área de diversão eletrônica, além de 6.900 vagas de estacionamento.

O envolvimento com os recursos humanos era algo com que a Tecomat, particularmente, estava familiarizada. Desde o investimento na formação, “do zero”, dos seus profissionais, capacitando-os a galgar postos em suas carreiras, a empresa fundada por Joaquim Correia abraçava com resolução a responsabilidade social.

Em 2011, a Tecomat apoiou o projeto de educação e capacitação desenvolvido pelo Ponto Cidadão, absorvendo quatro jovens do programa para atuarem em seus departamentos administrativo e de processamento de dados. O Ponto Cidadão tinha a grande missão de apoiar a formação de jovens em situação social e econômica vulnerável, visando a ampliar a condição de empregabilidade deles por meio da educação e da capacitação profissional.

Outro indicativo de que a empresa estava no caminho certo ao investir em conhecimento foi a homologação da Tecomat, pelo Ministério das Cidades, como uma Instituição Técnica de Avaliação (ITA) para sistemas construtivos convencionais e inovadores, ocorrida em julho de 2011. O processo de avaliação e credenciamento junto ao Sistema Nacional de Avaliação Técnica de Produtos Inovadores (Sinat) demorou meses, mas valeu a pena: a Tecomat foi a primeira empresa fora de São Paulo a obter a distinção.

“Com o surgimento do programa Minha Casa, Minha Vida, do Governo Federal, era previsível que as moradias não fossem construídas com sistemas construtivos convencionais de blocos cerâmicos e de concreto. Para atender aos curtos prazos das construções, novas tecnologias passaram a figurar no setor, como as de paredes pré-fabricadas de concreto ou moldadas in loco, de isopor, PVC, dentre outras. O Ministério das Cidades decidiu implantar, então, o Sinat, que tem como uma das incumbências avaliar o desempenho desses sistemas construtivos que, embora não fossem exatamente inovadores, não tinham sido ainda

disseminados no mercado. Não dispondo de corpo técnico para avaliar essas ‘novas’ tecnologias, o Ministério começou a credenciar órgãos e empresas como Instituições Técnicas Avaliadoras autorizando-os a analisar as características técnicas desses sistemas”, explica Tibério Andrade.

A Caixa Econômica Federal, responsável pelos financiamentos do programa MCMV, só financiava as habitações construídas com sistemas tradicionais. No caso dos sistemas inovadores, a CEF exigia, para aprovação do financiamento, que o sistema proposto fosse avaliado usando as normas de desempenho e seguindo as diretrizes propostas pelo Sinat. Como os financiamentos somente são liberados com o “Habite-se” da edificação, os construtores precisariam custear a construção do empreendimento com capital próprio. Nas construções em sistemas tradicionais, os prazos para término das obras eram longos, daí a busca por novos sistemas que pudessem viabilizar o fluxo de caixa dos empreendedores.

Ser uma ITA crescia em importância em Pernambuco também pela calamidade que se abatera sobre o estado no ano anterior. Devido às cheias, que destruíram moradias de centenas de famílias, boa parte dos municípios atingidos precisou ser reconstruída. Muitas famílias passaram a viver em condições inadequadas, em barracas improvisadas. Para mudar esse cenário, era preciso maior celeridade. “Lançou-se mão, então, de se construir com essas novas tecnologias, que permitiam construções rápidas e em larga escala. No entanto, ainda não há histórico do comportamento delas a longo prazo. Isso faz com que haja necessidade de uma rigorosa análise para garantir que as habitações venham a ter desempenho satisfatório”, declarou Tibério Andrade.

Aliás, com relação ao desempenho das edificações, cuja norma entrou em vigor em 2013, a Tecomat viu, em 2011, uma nova oportunidade de ampliar seu escopo de serviços, em face da expectativa de grande demanda de serviços. Mesmo 2 anos antes

da entrada em vigor dessa norma, foi efetuado investimento forte na capacitação da equipe técnica e na compra de equipamentos.

Os primeiros investimentos nessa área foram em acústica, com a aquisição de equipamentos para ensaio de campo e a capacitação técnica de engenheiros nessa área. Atualmente é um setor em nossa empresa bastante amadurecido, com a utilização de recursos computacionais para mapeamento de ruídos e projetos de acústica para edificações habitacionais, o que gera importante massa crítica de dados de ensaios com diversos sistemas construtivos e permite estar em pé de igualdade com qualquer empresa no país especializada no setor.

Mais recentemente houve investimento na capacitação técnica de nossa equipe para avaliação computacional de desempenho térmico e lumínico. Também passaram a ser realizados testes estruturais da norma de desempenho, como ensaios de corpo mole e duro e estanqueidade. Há, ainda, ensaios mais complexos, como resistência ao fogo, que são efetuados junto a laboratórios de terceiros, como o IPT, IFBQ etc.

A Tecomat é um dos poucos laboratórios do país a realizar ensaios de desempenho de esquadrias, com laboratório específico, em que um dos equipamentos é uma câmara que simula a ação simultânea de vento e chuva.

Esse setor de desempenho dentro da empresa é estratégico, pois se trata de nicho de mercado com uma demanda ainda bastante reduzida, com a possibilidade de atuação que transcende e muito o Recife e o estado de Pernambuco.

A verdade é que a expansão da Tecomat havia começado quatro anos antes, em 2007, antecipando aquele que seria considerado o período em que a engenharia civil nacional conheceu seu maior impulso, desde os anos do chamado “Milagre Brasileiro”. Até 2014, o país se lançou numa corrida contra o tempo em que esteve estagnado. A demanda acumulada exigia

fornecedores que estivessem preparados para atendê-la. “O setor da construção civil vive momentos cíclicos de ascensão e declínio, pois é uma área que depende totalmente da situação econômica”, explica Sandra Leão.

Há de se acrescentar que a engrenagem que move a engenharia civil é intrinsecamente pesada, o que causa um efeito similar ao da inércia (a resistência que a matéria oferece à aceleração). Em outras palavras, quando o mercado está parado, leva um tempo considerável para pô-lo em marcha e, ao contrário, quando está em aceleração não é algo que se possa deter instantaneamente.

Os investimentos em compra de equipamentos e capacitação de pessoal eram feitos com os recursos disponíveis na empresa, bem à moda conservadora do professor Joaquim, que rejeitava, a priori, qualquer tipo de financiamento. “O resultado é que, quando a crise se instalou, a partir de 2014, não haviam duplicatas a serem pagas”, confirma Sandra Leão.

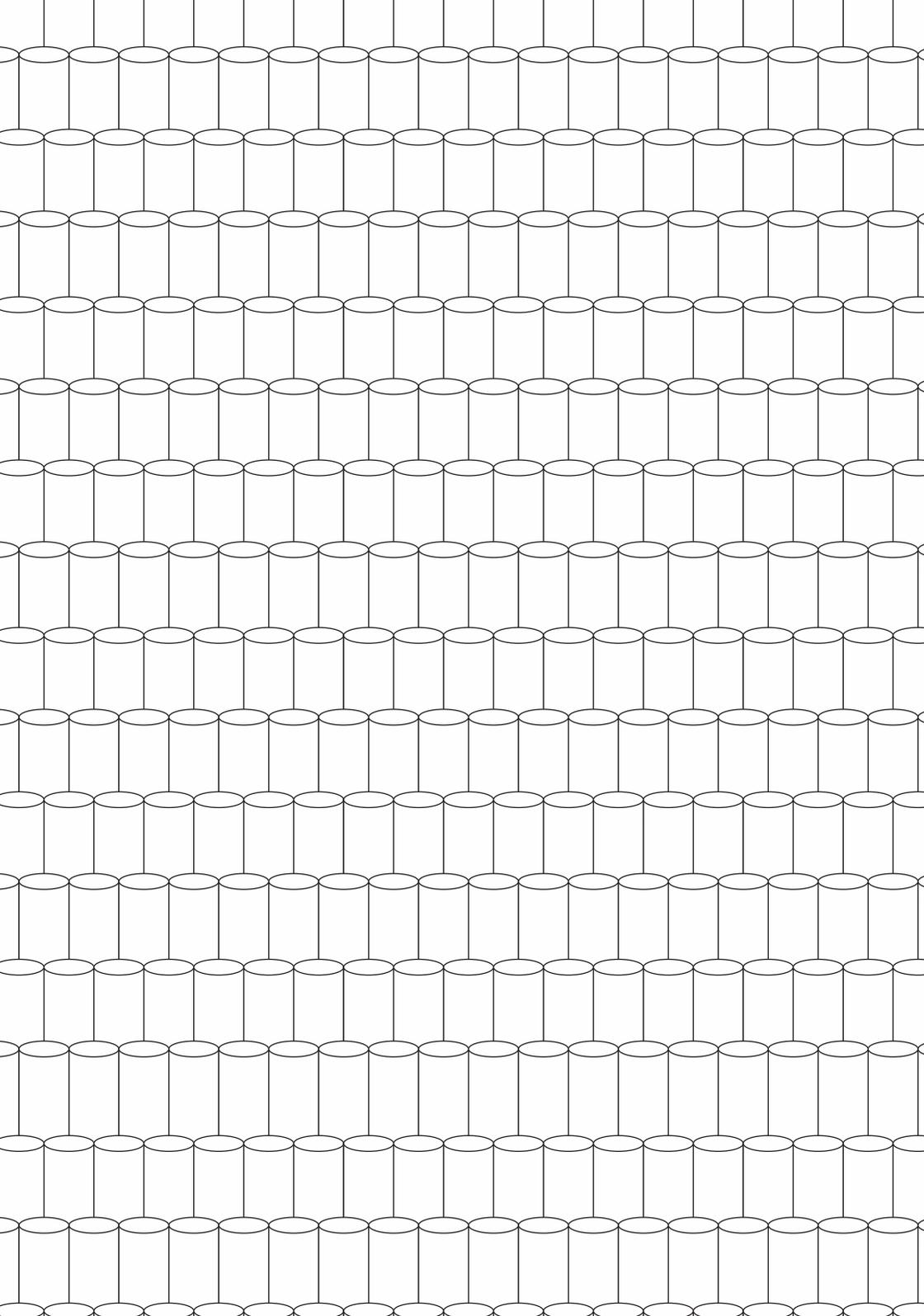
A certeza de que a Tecomat havia colocado suas fichas no lugar certo, na hora certa, aumentava o senso de responsabilidade dos seus gestores. Não era o momento para se deixar deslumbrar pelo sucesso, mas era tempo de se reagrupar para reafirmar os valores que conduziram a empresa até o lugar privilegiado que atingiria. Foi assim que, em dezembro de 2013, como uma grande motivadora para as tradicionais confraternizações de final de ano, foi lançada a primeira campanha de endomarketing da Tecomat. Era uma forma de consolidar as diretrizes para os veteranos e transmiti-las àqueles que haviam acabado de se juntar ao time.

“Somos Tecomat. Somos Mais” era o fio condutor da peça que foi apresentada ao público interno da empresa. A frase era fundamental para destacar a relevância daquele CNPJ dentro do segmento da engenharia civil, mas também para pontificar que as responsabilidades que o acompanhavam eram enormes. Afinal, era o nome que o professor Joaquim Correia construiu tão

diligentemente ao longo dos anos, mas era também a reputação dos seus sucessores e, por conseguinte, da obra de uma vida toda e que se pretendia duradoura.

O ano de 2013 exigiu da Tecomat, ainda, outros reposicionamentos no mercado. Para começar, a marca que a acompanhava desde 1992, o ano de sua inauguração, passou por uma renovação. A mudança da marca da empresa foi sugerida com a proposta de, além de elevar a autoestima dos funcionários, gerar expectativas positivas no mercado, “descolando” a empresa do trabalho técnico dos ensaios de laboratório, levando-a a outro patamar: o da arte e da ciência da engenharia. Foi nesse contexto que foi lançada, no ano de 2014, a TECOMAT ENGENHARIA.

“Percebemos que nossa estratégia de ação tinha sido, até então, muito voltada apenas para as grandes construtoras. O momento econômico indicava uma necessidade de passarmos a atender também a empresas contratantes de obras menores, menos custosas. Passamos a ficar atentos a algumas questões técnicas que são recorrentes nas obras para que pudéssemos expandir nosso leque de serviços oferecidos. Em suma, queríamos enfatizar que a Tecomat não era apenas um Laboratório de Ensaios e, sim, uma empresa que tinha uma atuação muito mais ampla”, analisa Sandra Leão.



DESDE QUANDO, nos anos 1990, iniciou a busca por processos de garantia da qualidade, a Tecomat empenha esforços em se manter atualizada e merecedora das certificações, que são uma segurança extra aos clientes que procuram seus serviços.

A empresa vem sendo auditada regularmente pela Coordenação Geral de Acreditação (CGCRE) do Inmetro, conseguindo renovar o selo dos seus laboratórios de ensaios e de calibração. Com isso, reafirma a sua capacidade técnica de executar os serviços que oferece ao mercado e a qualificação dos seus laboratórios. “O laboratório acreditado tem a competência técnica, credibilidade e capacidade operacional que foi concedida com base na norma internacional ABNT NBR ISO/IEC 17025, o que o diferencia de outro não acreditado. Sendo o CGCRE/INMETRO um organismo acreditado brasileiro junto ao European Co-operation for Accreditation (EA) e a Cooperação Internacional de Acreditação de Laboratórios (ILAC), significa dizer que o laboratório Tecomat tem o padrão de qualidade equivalente ao de países desenvolvidos”, afirma o auditor João Carlos Marques.

A Tecomat está acreditada em blocos vazados de concreto, prismas de blocos de concreto, cimento Portland, blocos cerâmicos, peças de concreto para pavimentação, concreto endurecido e fresco, e revestimento de argamassas, além da calibração de instrumentos de pressão e força.

A acreditação é um método de avaliação voluntária, confidencial e periódica dos serviços realizados no laboratório. No processo, são analisados todos os documentos da empresa e do Sistema de Gestão da Qualidade, bem como o funcionamento dos laboratórios, desde os equipamentos até os técnicos envolvidos. Ainda são checados os serviços feitos nas instalações dos clientes e os relatórios de ensaios e certificados de calibração emitidos pela Tecomat.

O engenheiro e auditor João Carlos Marques, que acompanha a Tecomat desde a primeira vistoria, alega que ter qualidade e

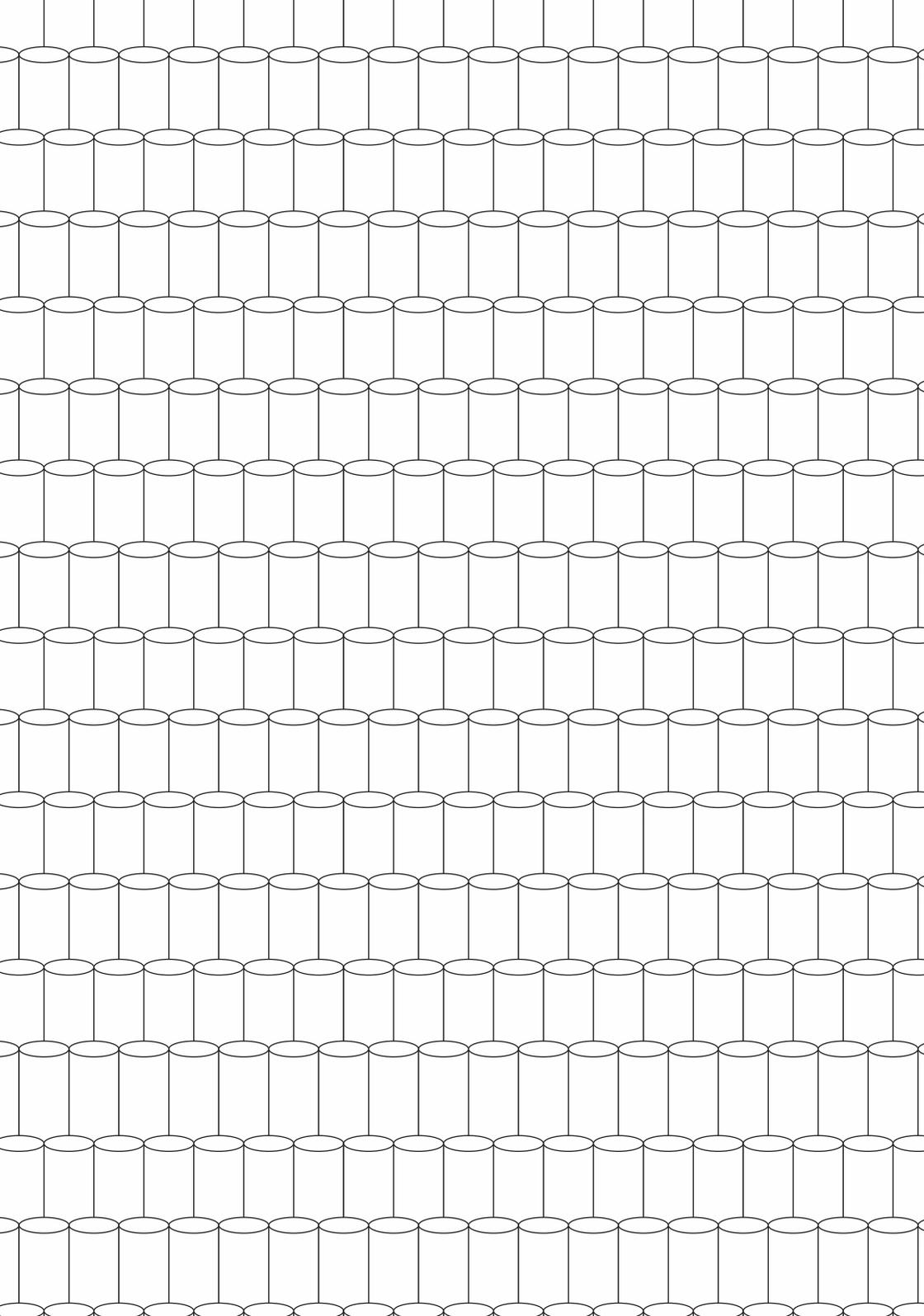
atender rigorosamente aos requisitos das normas técnicas da ABNT significa investir em mão de obra treinada, qualificada e habilitada, bem como em equipamentos identificados, com funcionamento documentado e calibrados. Com isso, obtêm-se resultados confiáveis, que beneficiam os clientes.

Outra semente plantada ainda nos primórdios da empresa transformou-se numa árvore robusta que rendeu generosos frutos. Instado pelo professor Joaquim a focar sua especialização em revestimentos, Angelo Just comanda um dos mais sólidos setores da empresa, responsável por mais de 800 projetos de fachadas elaborados pela Tecomat, o que faz dela uma das mais experientes do Brasil nesse ramo (Dados de 2017).

“Os projetos executivos de revestimentos de fachada representam um típico exemplo de atividade que vem sendo desenvolvida por diversos profissionais em todo o Brasil, tanto para o caso dos sistemas aderidos (como cerâmicas e pinturas) quanto para os não aderidos (ACM, placas de rocha, vidros). A Tecomat é uma das empresas pioneiras na prestação desse tipo de serviço no Brasil, mais precisamente no Nordeste, tendo o seu primeiro projeto elaborado em 1998, no bairro do Espinheiro (Edif. Solar dos Manguinhos). De lá para cá, já foram projetadas mais de 800 fachadas de edifícios em diversos estados do Brasil, o que totaliza cerca de 5 milhões de metros quadrados, com os mais diferentes tipos de concepções e complexidades”, situa Just.

Inicialmente executados somente a partir de desenhos efetuados diretamente em grandes folhas de papel, os projetos de arquitetura e estrutura passaram rapidamente a contar com programas de softwares específicos, compatibilizados com as demais disciplinas, a partir do aprimoramento da equipe Tecomat. Atualmente, os projetos envolvem análises e orientações quanto ao atendimento aos principais requisitos de desempenho estabelecidos pela Norma de Desempenho – NBR 15575/2013.

No que se refere à equipe, o ano de 2015 também marcou a entrada da terceira geração de engenheiros da família Correia Andrade na Tecomat, representada por Tiago, filho de Tibério, apesar de ele já participar da empresa como estagiário desde 2012. Com jeito simples, amigo de todos, mas muito seguro nas suas ações, ele conserva nessa essência alguma das melhores qualidades herdadas pelo pai e pelos avós e, certamente, será mais um dos pilares para a manutenção e consolidação dos padrões e do DNA da empresa nos próximos anos. Sua atuação na área de laudos e manutenção de estruturas, em conjunto com o mestrado acadêmico em desenvolvimento nessa área, fortalece a ideia da busca constante da atualização de conceitos técnicos, essenciais para a Tecomat.



“APESAR DE NÃO SE CONSIDERAR UM GESTOR, professor Joaquim é um grande observador, e sua convivência próxima com várias situações empresariais o torna, na prática, um administrador cauteloso”, explica Sandra Leão. Os números falam por si, como sempre acontece quando o assunto é engenharia: mais de 11 milhões de metros cúbicos controlados; mais de 900 projetos executivos; mais de 100 análises de desempenho de edificações; mais de 500 laudos técnicos de inspeção. Nos últimos cinco anos, a Tecomat estendeu o seu alcance participando de obras nos estados do Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Alagoas, Sergipe, Bahia, Distrito Federal, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo (Dados de 2017).

Ao acompanhar os movimentos cíclicos da economia do país, a Tecomat desenvolveu um mecanismo de adaptação altamente eficiente que, nos anos de fartura, podia pulverizar suas atividades para tantas áreas quanto fossem os especialistas contratados pela empresa, ou envidar esforços na concentração de serviços quando a economia dava sinais de desaceleração.

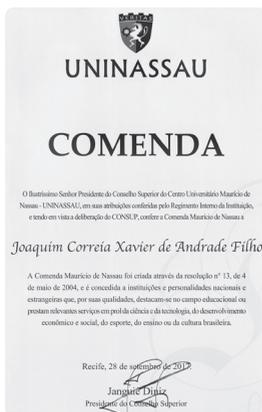
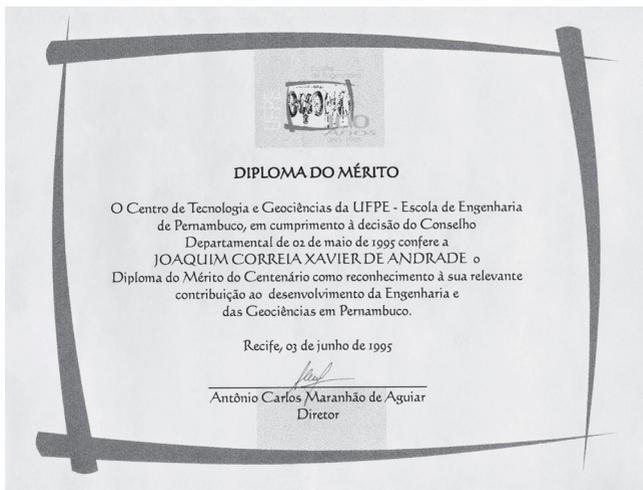
Os anos em que a força do nome do professor Joaquim era o único passaporte para conquistar bons contratos também foram sendo deixados para trás. Sem dúvida que a aura de respeitabilidade e confiança evocada por sua figura ainda é um dos mais poderosos lastros de sustentação da empresa por ele fundada. Mas a Tecomat ultrapassou a barreira da década de 2010, rumo à década seguinte, confiando também na sua capacidade de gestão, que permitiu tecer uma teia eficiente de profissionais capacitados para atendimento ao longo de todo processo de construção, quando ele ainda era uma ideia sendo esboçada por quem a contratava.

Hoje, menos atuante na profissão, professor Joaquim se diz realizado com o quadro técnico que conseguiu formar. “Nossos colaboradores têm esses princípios e isso se deve, em grande

parte, ao fato de eles terem sido, antes, estagiários da empresa. São alunos que vão adquirindo experiência comigo e com os mais antigos e que aprendem a minha forma de trabalhar”, revela.

“Outro aspecto que acho importante em nossa trajetória é que fazemos questão de tratar as pessoas com igualdade, desde o mais operacional até os maiores clientes. Isso é importante para a interação, para a troca de experiência, sobretudo entre os funcionários e estagiários, que se sentem à vontade para tirar dúvidas”, explica o professor. Treinamentos constantes, investimentos em maquinário de ponta e na gestão corporativa também ajudaram o crescimento da Tecomat nesses 25 anos.

Para o futuro, apesar da situação econômica que o setor da construção civil e todo o Brasil enfrentam, o engenheiro é otimista. “A Tecomat está em boas mãos, e o meu desejo é que daqui a 25 anos ela esteja celebrando meio século de atividade. É o legado que deixarei para a engenharia pernambucana, sempre dentro dos meus princípios”. O Saber e o Saber Fazer, slogan da Tecomat, agora passa a caminhar com o “Querer Fazer”. “Já dizia um paraibano que conheci: quem tem vontade já tem metade. Sigamos em frente com confiança e seriedade”, finaliza Joaquim Correia.



Medalha de Mérito no Centenário da Escola de Engenharia pelos serviços prestados à engenharia pernambucana e nacional.

Em 2001, recebeu a Medalha do Mérito do Crea-PE.

Foi também o primeiro homenageado do Prêmio Odebrecht de Engenharia, em 2004.

No ano de 2005, recebeu o prêmio Francisco de Assis Basílio, do Instituto Brasileiro do Concreto (Ibracon).

Em 2013, foi homenageado como o *Top of The Year*, da Construtora Queiroz Galvão Desenvolvimento Imobiliário, na categoria Projetos e Engenharia.

Em 2014, foi matéria da revista *Negócios PE*, 34ª edição com a matéria *Homem de Obras*.

Em 2014, Joaquim Correia recebeu duas homenagens de destaque no setor da construção civil de Pernambuco. a Medalha do Mérito Pelópidas Silveira. Uma iniciativa para estimular inovações tecnológicas nas profissões vinculadas ao Sistema Confea/Crea, Crea-PE criou a Medalha do Mérito Tecnológico Pelópidas Silveira. A premiação foi instituída pelo Ato Normativo nº050, de 12 de novembro de 2012, com o objetivo de enaltecer os profissionais que tiveram desempenho relevante em ações tecnológicas de grande impacto social. A segunda homenagem foi a edição do Prêmio Construir Nordeste, pertencente à revista *Construir Nordeste*, prestigiou o engenheiro pelos seus 80 anos e pelo importante papel que desempenha na engenharia civil do estado.

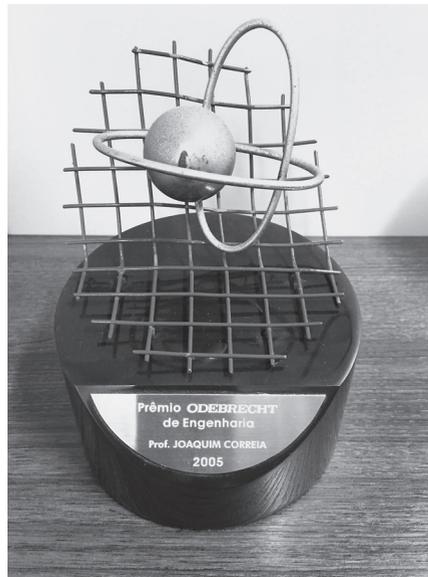
De cima para baixo:

- Diploma do Mérito conferido a Joaquim pelo Centro de Tecnologia e Geociências da UFPE em 1995;
- Diploma de Membro Titular Fundador da Academia Pernambucana de Engenharia.
- Comenda Maurício de Nassau;
- 47º Congresso Brasileiro do Concreto.

Prêmio Francisco de Assis Basílio
Instituto Brasileiro do Concreto, 2005



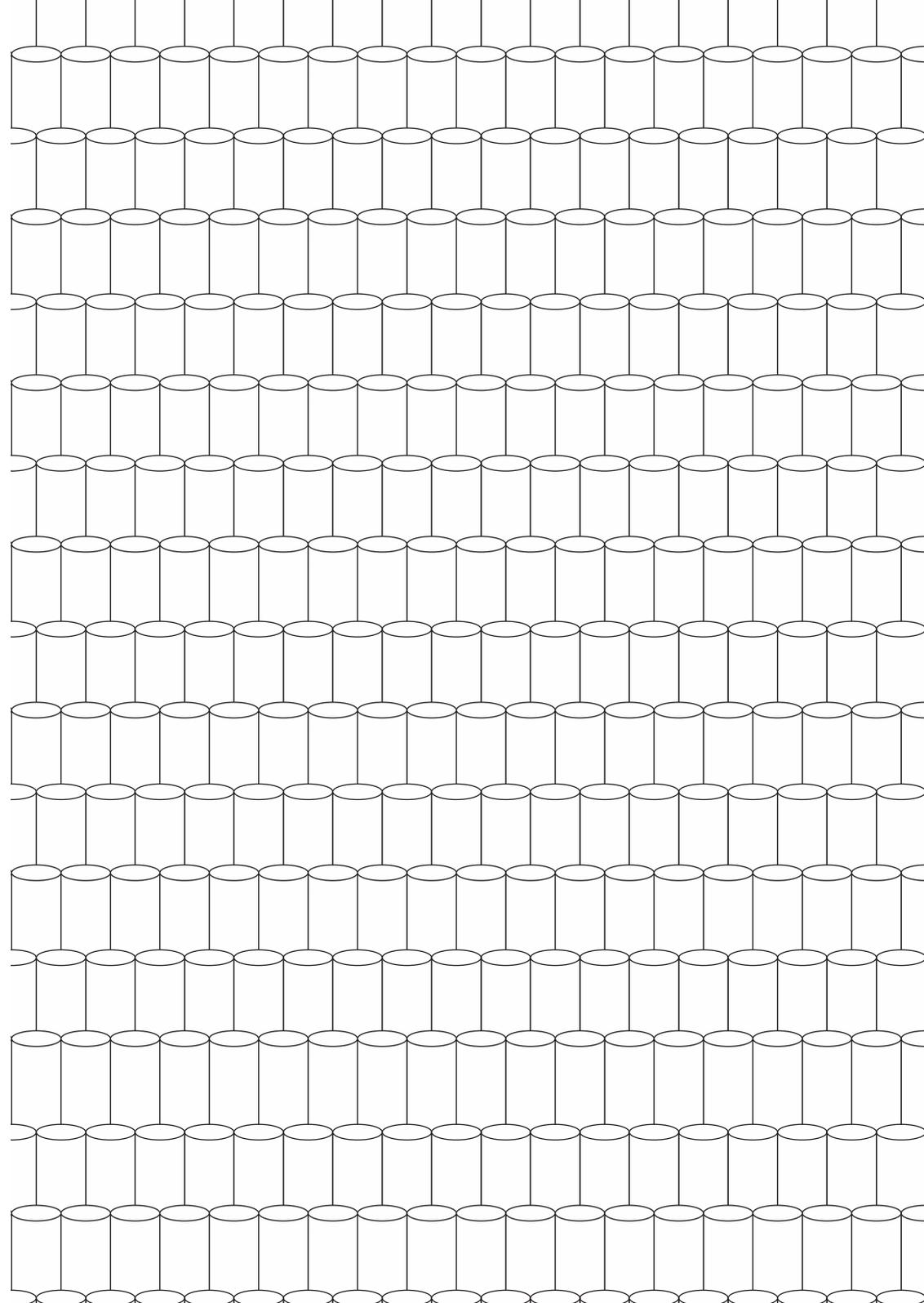
Prêmio Odebrecht de Engenharia,
2005



Homenagem Especial
ADEMI-PE, 2007



Projetista Homenageado
Queiroz Galvão, 2013



DEPOIMENTOS

Joaquim Correia tem qualidades que encarnam muito bem o espírito da nossa profissão: simplicidade, responsabilidade e retidão. Só isso já seria suficiente para estar na história da engenharia nacional. Mas isso foi pouco, pois ele ainda conseguiu transformar seu exercício profissional em motivação para várias gerações de engenheiros. Parabéns pela bela trajetória.

ALEXANDRE GUSMÃO · ENGENHEIRO CIVIL, PROFESSOR DA UPE

A Tecomat é uma grande parceira nossa, não somente por ter à frente uma pessoa como Doutor Joaquim, mas também porque é uma ferramenta essencial para fazer a nossa rastreabilidade. Ela desempenha um papel importantíssimo para a Moura Dubeux e para todas as construtoras que querem construir empreendimentos bons e dentro das normas técnicas.

ALUÍSIO DUBEUX · ENGENHEIRO CIVIL, DIRETOR DA MOURA DUBEUX

Não tive oportunidade e o prazer de ter sido aluno do professor Joaquim. Ele foi professor da UFPE; eu, aluno UPE. Mas ouvia falar dele como referência na área de Materiais de Construção e Tecnologia do Concreto. A definição mais comum: ele é "O Papa do Concreto!" Nosso primeiro contato foi numa palestra na Poli em 1997. Hoje ele relembra dizendo que nunca viu um aluno perguntar tanto em sala de aula! Era eu! Tentando tirar dele o máximo de conhecimento possível. E, SEMPRE, prontamente atendido. Desde então, muitas foram as palestras, as dúvidas tiradas e os ensinamentos sobre concreto, vacas e café, coisas que ele aprecia. Mas nada se compara aos ensinamentos de vida. Depois de certo tempo de convivência, tive coragem de confessar-lhe uma frustração: nunca havia sido formalmente seu aluno. De imediato emendei um pedido: poderia dizer que havia sido seu aluno? Prontamente respondeu com sua voz grossa e firme: pode dizer! Se alguém perguntar, assino embaixo e referendo! Esse é professor, grande no tamanho, no conhecimento e na generosidade...

ALUIZIO CALDAS · ENGENHEIRO CIVIL, CHESF

Compartilhar mais de 20 anos com o professor Joaquim tem sido um privilégio para mim. Escrevi nos meus agradecimentos da dissertação de mestrado, no já longínquo ano de 2001, que, na Tecomat, não trabalhamos para o professor Joaquim, mas com o professor Joaquim, por conta da forma humana e carinhosa dele tratar as pessoas, característica nata dos grandes líderes. Agradeço cada momento. E fique certo de que os seus ensinamentos estão muito bem guardados e, no que depender de mim, serão perpetuados por várias gerações.

ANGELO JUST • ENGENHEIRO CIVIL E SÓCIO DA TECOMAT

Prof. Joaquim Correia.

Falar sobre o professor Joaquim é uma tarefa para lá de prazerosa, mas torna-se difícil quando você tem que exercitar a síntese, pois na encomenda fui orientado a não ultrapassar um determinado limite de linhas, mas são inúmeras as virtudes deste ilustre amigo, e que de certo daria para compor uma vasta descrição.

Aprendi a admirá-lo desde a década de 80, na labuta das obras da primeira etapa de implantação do Metrô do Recife. Ao longo da minha jornada de trabalho, também estivemos juntos em várias outras empreitadas, das quais poderia citar, dentre outras; Obras das Agrovilas e Irrigação para os reassentados da barragem de Itaparica, no sertão pernambucano; Obras da modernização e ampliação do Aeroporto Internacional dos Guararapes, em Recife -PE e Obras de Implantação e Construção da Arena Pernambuco, em São Lourenço da Mata - PE.

Destas experiências, orgulho-me das reminiscências do nosso trabalho no Aeroporto, obra onde, ele bem sabe, confrontamos enormes desafios e obstáculos, entretanto tive a oportunidade de ampliar meu conhecimento não só do profissional, mas do humanismo, do caráter e da integridade deste ícone da engenharia nacional.

Ao professor Joaquim, o meu irrestrito reconhecimento e gratidão pelo conhecimento compartilhado.

BRUNO DOURADO • ENGENHEIRO CIVIL

Quando conheci o Mestre Joaquim Correia, ainda como meu professor, sempre solícito às nossas questões de estudantes, sempre com boa vontade e sempre com um caso técnico para contar, cativava a todos pelo seu conhecimento e, ao mesmo tempo, pela simplicidade, que é sua marca registrada até hoje. Naquela época, havia uma pergunta que não queria calar: por que esse Mestre historiador não criava uma empresa para dispor sua experiência a serviço da engenharia? Aliás, era a opinião dos demais colegas. Experiência que só adquirem aqueles que praticam a engenharia. Enfim diplomado, não tinha com o Mestre diálogos frequentes, mas sabia da sua atuação crescente no mercado. Não foi surpresa quando tomei conhecimento da Tecomat. A minha pergunta encontrava a resposta. A Tecomat cresceu, passou a ser referência em qualidade. Agregou técnicos capazes e bem treinados.

DILSON TEIXEIRA • ENGENHEIRO CIVIL, DIRETOR DA ENSOLO ENGENHARIA

O engenheiro civil e professor Joaquim Correia é daquelas pessoas que galgou não apenas o sucesso profissional, mas também uma trajetória exemplar, como engenheiro e ser humano, de bagagem intelectual invejável e que leva dois lemas consigo: "Ser mais é mais importante que Ter mais" e "Todos merecem respeito e devem ser bem tratados, ouvidos e valorizados". Por conta disso conseguiu adquirir a confiança de centenas de alunos, que até hoje o homenageiam ou o procuram para tirar dúvidas técnicas; e de empresas que o contratam, através da Tecomat, onde quer que estejam. Ele é, sem dúvida, um dos maiores defensores atuais da aplicação de valores como qualidade, seriedade e competência técnica na engenharia civil pernambucana.

DIRETORIA DO CREA-PE, quando da defesa do nome de Joaquim Correia para outorga da Medalha do Mérito Tecnológico Pelópidas Silveira, que lhe foi concedida em 2015.

Na qualidade de sobrinho e colega de profissão, quero testemunhar a admiração que todos nós temos, tanto no seio familiar, como no meio técnico, pela maneira simples, correta de levar a vida, como também pela notória capacidade profissional.

EDUARDO CYRENO · ENGENHEIRO CIVIL

O professor Joaquim Correia é um daqueles valiosos e raros presentes que a vida às vezes nos dá. Exemplar homem, marido, pai, amigo e um baluarte da engenharia pernambucana e nacional. Tenho a honra de ter tido a oportunidade de apreciá-lo como meu mestre na escola de engenharia da UFPE, convivido como discípulo e admirador de sua notoriedade e excelência na engenharia e, não bastasse isso, sendo abençoado por Deus com a sua amizade e convivência, sempre me alimentando da sua sabedoria, bom senso e doação desinteressada no ajudar aos amigos tal qual tantas vezes para mim o fez. Costumo dizer, quando das inúmeras vezes que o cito semanalmente junto aos colegas e amigos, que Joaquim Correia é um paradigma para mim, ser humano a ser seguido e imitado por todas suas incontáveis qualidades e talentos e cultuado e comemorado pelo imenso bem que proporcionou à engenharia nacional com sua atuação impecável e exemplar.

EUGÊNIO NOVAES · ENGENHEIRO CIVIL

Em meados do ano de 1991, eu era responsável pela área de produção de uma obra na Paraíba. Após a execução, o concreto não assumiu sua resistência de projeto e estava "desmanchando" ao simples toque manual. Solicitei um especialista, e chega à obra Dr. Joaquim Correia. Foi uma enorme honra e alegria, pois eu o conhecia de nome. Naquela época, o Dr. Joaquim já era uma referência na área de concreto, e eu sabia que o problema logo seria resolvido, como de fato aconteceu. Mas ocorre que, naquele momento, eu estava com um problema pessoal. Havia iniciado um relacionamento com um rapaz da cidade vizinha e, passadas duas semanas de namoro, eu ganhei uma aliança de noivado. O concreto se desmanchando

e a aliança de noivado, com duas semanas de namoro, era muito para mim. Ao relatar meu desespero pela aliança de brilhantes, ele começou a rir e me contou que havia feito algo semelhante com sua amada Fernanda, com quem foi casado por muitos anos. Quando ele conheceu a jovem Fernanda, com poucos dias de namoro, deu uma aliança de noivado, casaram, constituíram uma linda família e foram muito felizes. No meu caso, eu devolvi a aliança, meu pretendente não ficou satisfeito, e terminamos rompendo. Enfim, a vida nos leva a muitos caminhos. E, hoje, permaneço com minha amizade com Joaquim Correia.

FÁTIMA ALVES · ENGENHEIRA CIVIL, ODEBRECHT

Tive o imenso privilégio de conhecer o professor Joaquim Correia, em 2007 na obra "Eixão das Águas" no Ceará. Ele... o consultor da obra, de reputação incontestável, admirado e respeitado por todos os líderes daquele projeto, assim como em todos os projetos por onde passa. Eu era um laboratorista recém promovido, que não tinha muito reconhecimento, mas com muita sede de crescer profissionalmente.

Fui escalado pelo meu superior para grudar no homem e tentar absorver tudo! Quando o professor Joaquim chegou no laboratório, cumprimentou todo mundo, começou a conversar de forma bem-humorada e mandou todos colocarem a mão na massa. Não abriu computador, não pegou nenhum livro, simplesmente pediu uma folha de papel em branco, os ensaios dos materiais que nós tínhamos adiantado, pegou sua calculadora em sua pasta e começou a mágica! Eu comecei a ver ele de forma diferente, já me sentia muito bem à vontade por conta da simplicidade e humildade daquele homem tão importante.

Não demorou muito e eu fui trabalhar na Tecomat, empresa do professor Joaquim, onde aprendi muito, trabalhando em algumas das maiores obras no nosso país. Em algumas oportunidades em que eu visitava a sede, sempre era convidado a tomar um cafezinho acompanhado de um bate-papo (ou seria uma aula?), na sala do

presidente da empresa. Nas obras, eu sempre ouvia que o professor Joaquim perguntava por mim. Ele deixava claro que eu era uma pessoa de total confiança, o que me deixava orgulhoso e ciente da responsabilidade.

O meu ídolo não é o Neymar, Ayrton Senna, Luan Santana... o meu ídolo é o professor Joaquim Correia Xavier de Andrade Filho, por quem eu tenho muita admiração, respeito, amizade e gratidão.

FLÁVIO RANGEL · LABORATORISTA

Desde a minha época de estudante, o nosso professor Joaquim já se destacava por sua notória inteligência. Era professor no curso de Engenharia Civil do Centro de Tecnologia da Universidade de Pernambuco, onde ministrava a cadeira de materiais de construção e Metalurgia na turma de 1975, da qual fiz parte.

De natureza dócil e gentil, procurava um convívio harmônico com os alunos. Ministrava sua aula com clareza e competência, de forma simples, segura e de fácil compreensão. Proporcionou a todos um grande aprendizado, contribuindo para a formação de excelentes profissionais da engenharia civil.

Logo depois, quando eu já era um profissional atuante no mercado, como se fosse um destino previamente traçado, convivemos profissionalmente em diversas obras de concreto nesse nosso Nordeste do Brasil.

Onde existissem obras especiais e desafiadoras, o doutor Joaquim estava presente, dando sua consultoria com maestria na área da tecnologia do concreto, novamente nos brindando com seu conhecimento e trazendo soluções tecnológicas de ponta, sempre se antecipando ao mercado.

Agora vamos falar do homem Joaquim Correia. Homem honrado e pai exemplar, venho o acompanhando em sua vida pessoal e vendo de perto sua natureza calma, sua paciência e o amor para com os membros de sua família. Antes meu professor, hoje meu grande amigo, ajudou e continua me ajudando muito. Até o momento,

aprendo com esse ser humano ímpar e profissional excepcional que muito me engrandece com esse convite para dar meu depoimento em seu livro que certamente será de grande enriquecimento para nossa engenharia. Forte abraço, meu grande amigo, Joaquim.

GASTON NEUENSCHWANDER NETO · ENGENHEIRO CIVIL

Conheci Dr. Joaquim em 1975, na Universidade Federal de Pernambuco, quando tive o privilégio de ser seu aluno. Em 1979, trabalhamos juntos na Hadan Engenharia e, desde então, firmamos uma parceria profissional que se transformou em uma amizade pessoal. Os serviços da Tecomat são de grande importância para a engenharia de construção de Pernambuco. Na minha visão, a Tecomat é sinônimo de competência, qualidade, destemor e sono tranquilo, pois sei que nossas obras passaram por um rigoroso controle tecnológico. A competência, a confiança e a presteza dos que fazem a Tecomat são responsáveis pelo desenvolvimento de um laço profissional que se confunde ou que leva necessariamente ao surgimento de uma grande amizade, sincera e respeitosa.

HENRIQUE SUASSUNA · ENGENHEIRO CIVIL,
DIRETOR DA CONSTRUTORA SUASSUNA FERNANDES

Ao Professor Joaquim,

Dedico algumas singelas e humildes palavras, no intuito de externar a gratidão e honra de ter sido aluno desse grande mestre e excelente profissional da Engenharia Brasileira. Durante a convivência de algumas décadas, desde à Academia e durante a vida profissional, pude aprender e compartilhar experiências com esse grande expoente de nossa profissão. Concluo esse depoimento agradecendo pelo tempo, presença, experiência e exemplo dedicados ao longo de todo esse tempo, que serviram para nortear minha formação profissional e de valores, inclusive para a vida. Ao grande professor, um forte abraço do seu eterno aluno.

JASIEL MENDES DA SILVA · ENGENHEIRO CIVIL

Muito difícil comentar sobre o ilustre professor Joaquim. Um nobre que sempre era solidário para com todos, emitindo suas reflexões com o brilhantismo tecnológico e a doçura de um pai. Pessoalmente, um dia o procurei para conversar sobre edifícios de alvenarias portantes, ocasião em que apresentei amplamente minhas considerações técnicas. Ele, após respirar profundamente, devolveu-me o sol dizendo: "Só um homem de Vicência para estudar academicamente o que eu já identifiquei precisamente". Saí da conversa com diversos exemplos de casos sobre suas constatações adquiridas sobre o assunto e que estavam absolutamente alinhados, ao final dos estudos, com os resultados encontrados no mestrado. Sem palavras para agradecer a integral ajuda. Sempre!

JOÃO MANOEL DE FREITAS MOTA · ENGENHEIRO CIVIL, PROFESSOR IFPE

Joaquim é objeto da admiração de todos, sejam seus alunos, colegas engenheiros ou colegas professores. Aliás, é tido como mestre de todos nós. Soma à excelência técnica as mais caras qualidades pessoais: simplicidade, correção, confiabilidade, honestidade, humanidade.

JOÃO RECENA · ENGENHEIRO CIVIL

Parabenizo a todos que fazem a equipe da Tecomat. Cada vez mais inovando e ajudando no desenvolvimento de todas atividades na área da Construção Civil. Tudo iniciou através do Prof. Joaquim Correia, com quem tenho orgulho de ter convivido, ter sido ensinado e me tornado um profissional melhor. Com ele foi criada uma empresa que cada dia cresce, com novos profissionais atuando na área de maior valorização. PROFESSOR, meus sinceros agradecimentos a todos e mais uma vez PARABÉNS E SUCESSO!

JOSÉ CARLOS SAMPAIO DE OLIVEIRA · ENGENHEIRO CIVIL,
EX-FUNCIONÁRIO DA TECOMAT

Durante os muitos anos de convivência com o engenheiro e professor Joaquim Correia, nas nossas discussões e troca de opinião sobre os problemas técnicos que aparecem no dia a dia, relativos à

execução e projetos de obras de engenharia, o traço mais marcante de sua atuação sempre foi a sua obstinação em defender e exigir o comprometimento do engenheiro no sentido de agregar o máximo de qualidade a toda e qualquer construção sob sua responsabilidade.

A sua longa trajetória profissional sempre foi regida pela ética, pela competência e dedicação no trato dos problemas de engenharia, à frente da Tecomat, empresa que ele criou e que carrega o seu DNA através da excelência dos seus profissionais.

Some-se a tudo isso o seu caráter extraordinário como figura humana, sempre humilde, tolerante, sem vaidades e sempre gentil na relação com as pessoas que tiveram o privilégio de conhecê-lo ou conviver com ele.

A dimensão de um Joaquim Correia naturalmente não cabe num único livro, mas posso afirmar com certeza que todos que dele participaram sentem-se gratificados com tamanha honraria, pois têm o real sentimento de seu extraordinário valor para a engenharia pernambucana e nacional.

JOSÉ DO PATROCÍNIO FIGUEIRÔA · ENGENHEIRO, PROFESSOR APOSENTADO DO
DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA CIVIL DA UFPE, MSC. PELA COPPE/ UFRJ
MEMBRO DA ACADEMIA PERNAMBUCANA DE ENGENHARIA

Ao longo de mais de aproximadamente 18 anos, quase metade da minha experiência de vida, sinto-me um privilegiado de poder contar diariamente com os conselhos e orientações do professor Joaquim, um exemplo de ser humano íntegro, generoso e correto. Prática a simplicidade e humildade, não deixa que a vaidade o domine, mesmo tendo todos os pré-requisitos para se envaidecer em certos momentos. É um Líder nato. Soube formar um belo time e, ao seu estilo de poucas palavras, comemora as grandes conquistas. Seus ensinamentos jamais serão esquecidos por mim. E uma das maiores lições que tive assim que ingressei na família Tecomat foi escutar uma frase que repito até hoje para toda nossa equipe, "Meu filho, eu levei a vida toda para construir o meu nome e você pode desconstruir tudo em apenas poucos minutos. Abra seu olho!"

JOSÉ MARIA DA CRUZ NETO · ENGENHEIRO CIVIL E SÓCIO DA TECOMAT

Na obra da barragem Sistema Pirapama no ano 1992 na cidade de Cabo (PE) executando um serviço de concretagem nas torres das tomadas de água onde conheci, o Dr. Joaquim Correia a serviço de consultoria como engenheiro Tecomat para o consórcio Queiroz Galvão / Odebrecht / OAS onde era responsável pelo centro de qualidade do concreto onde a parceria continuou durante anos.

Em um caso especial na obra da barragem do Zumbão Paramirim (BA) onde houve um problema no concreto em que vários outros técnicos foram chamados e não conseguiram resolver o problema foi quando chamaram o Dr. Joaquim assumindo a responsabilidade com um curto período do tempo foi solucionando a questão do concreto.

Dito isso com o tempo deu seguimento em sua vida profissional atuando em várias obras, e a amizade até hoje obrigado Dr. Joaquim por termos nos conhecido.

JOSÉ MIRANDA · LABORATORISTA

Tenho Joaquim Correia como patrimônio vivo da engenharia de Pernambuco!

Posso afirmar que a medicina perdeu um grande médico e a engenharia ganhou um grande engenheiro quando ele assumiu sua vocação ao invés de atender aos apelos familiares.

É um humanista, trata todos com o mesmo critério e é desprovido de vaidades. É um grande amigo com quem convivi durante 15 anos na Hadan Engenharia e me sinto privilegiado por isso.

JUAREZ ALVES DE SOUZA · AMIGO DA HADAN ENGENHARIA

Sou do tempo do 'ao mestre com carinho' e ao professor Joaquim sou muito grata. Tive o privilégio de ter excelentes mestres durante a minha formação acadêmica em engenharia. Quem conviveu comigo profissionalmente com certeza me ouviu fazer referência a alguns deles, em especial ao professor Joaquim. Em minha primeira obra, anos atrás, o recepcionei como consultor e desde então,

por ser presença garantida em todas as nossas obras, continuou a participar da minha formação profissional. Além de ser um profissional de grande conhecimento, é referência como ser humano e, principalmente, como amigo. Agradeço sempre pela oportunidade da convivência e pelos ensinamentos compartilhados.

LETICIANA MATTOS · ENGENHEIRA CIVIL

O professor Joaquim e a sua missão de formar engenheiros e pessoas.

Eu conheci o Professor Joaquim Correia há 20 anos, já na Faculdade de Engenharia Civil da UFPE. Ele é um daqueles professores em que a fama de excelência chega antes de conhecermos a pessoa e que, por assim ser, imaginávamos que ele seria uma pessoa já indiferente aos alunos e até a academia, mas qual seria a nossa surpresa em descobrirmos que ,além de ser aquela sumidade que merecia os comentários e admiração de todos na universidade de engenharia, também era uma pessoa super humana e com o coração imenso.

Dessa forma, dentre tantas lembranças boas que guardo sobre o meu período universitário estão as aulas com o professor Joaquim, que se assemelhavam mais a um bate papo entre amigos sobre o material que mais usamos na Construção Civil, o concreto, como também, estão as longas conversas que compartilhava com o professor, que chegava a me fazer correr ao avistá-lo de modo a compartilhar mais tempo ao seu lado e absorver mais conhecimento e sabedoria do meu professor mais querido.

Obrigada Professor Joaquim Correia pela sua missão e pela sua não omissão com a nossa formação profissional e pessoal, hoje, tenho orgulho de tê-lo não apenas como meu eterno professor, mas também como meu amigo. Você sempre será um dos melhores formadores em Concreto que Pernambuco já teve e será sempre um orgulho para todos os alunos que tiveram a sorte de aprenderem com você sobre Concreto, Engenharia e Sonhos.

MANUELA DANTAS · ENGENHEIRA CIVIL

Ao longo de sua trajetória, Joaquim Correia carrega consigo quatro características marcantes: simplicidade, credibilidade, seriedade no que faz e elevada competência técnica. Por essas e outras qualidades, em 1995, recebeu a Medalha de Mérito no Centenário da Escola de Engenharia pelos serviços prestados à engenharia pernambucana e nacional. Em 2001, recebeu a Medalha do Mérito do Crea-PE. Foi também o primeiro homenageado do Prêmio Odebrecht de Engenharia, em 2004, e recebeu, no ano de 2005, o prêmio Francisco de Assis Basílio, do Instituto Brasileiro do Concreto (Ibracon). Em 2013, foi homenageado como o Top of The Year, da Construtora Queiroz Galvão Desenvolvimento Imobiliário, na categoria Projetos e Engenharia. Durante a vida acadêmica, foi que o engenheiro mais brilhou, tendo sido paraninфо de turmas de graduação da UFPE por seis vezes seguidas. Dono de uma memória fabulosa, Joaquim Correia atribui seu espírito jovem às mais de quatro décadas em que lecionou e conviveu com jovens universitários, o que lhe proporcionou acompanhar as mudanças sociais e adaptar-se facilmente a elas.

MAURÍCIO PINA · ENGENHEIRO CIVIL, PROFESSOR DA UFPE E DA UNICAP

O professor Joaquim é muito mais que um professor para mim. Além de um ídolo profissional é um exemplo de pessoa. Seu conhecimento, sua retidão de caráter, sua simplicidade em tratar a todos e a todas as coisas sempre o tornaram minha fonte de inspiração de vida. Tenho profunda admiração e me orgulho de feito parte de sua vida.

PATRÍCIA NEVES · ENGENHEIRA CIVIL, CHESF

Desde meados da década de 70, conheci o professor Joaquim como seu aluno. Eram aulas maravilhosas, dadas aos sábados, mas que não podia faltar e deixar de me alimentar do bálsamo que representavam. Faziam-me projetar o que seria desempenhar a profissão de engenheiro. Não bastassem os conhecimentos técnicos e intelectuais, estávamos diante de um homem que nos tratava como

amigos, de uma reserva moral inigualável. Logo após me formar, tive a oportunidade de trabalhar com ele na Hadan, onde muitos sonhos se materializaram. Com a crise econômica que se abateu sobre o país, experimentamos o desemprego e novos desafios; e o nosso professor sempre estava ali para nos ensinar a conduzir o leme. Numa frase: o mestre Quinca é, para mim, inesquecível!

RONALD VASCONCELOS · ENGENHEIRO CIVIL

Tenho muito a agradecer, pois me sinto privilegiada em desfrutar sua convivência ao longo de mais de 25 anos. Primeiro, tive acesso ao consultor Joaquim Correia, durante um estágio em obra. Depois, ao professor, que logo me contagiou com seu amor pela engenharia e pelo ensino. Virei fã de carteirinha, não perdia uma só aula e tive a sorte de tê-lo como mestre durante muitos semestres do curso de engenharia. Certamente por isso que, no ano em que ia me formar, só passava pela minha cabeça trabalhar na mesma área que o meu professor predileto e não titubeei em procurá-lo para me aconselhar. Depois de alguns dias, recebi uma ligação sua, chamando-me para um estágio. Eu não fazia ideia de que, além de ser colocada no 'carbureto' para amadurecer sem envelhecer, segundo suas palavras, estava iniciando uma jornada junto a um sábio que sempre enfrentou os maiores obstáculos que a vida lhe impôs, com franqueza e simplicidade. Na verdade, ganhei um segundo pai, que educa pelo exemplo, com quem tenho aprendido muito ao longo de todos esses anos e que, a cada dia, me surpreende com novos ensinamentos.

SANDRA CARNEIRO LEÃO · EX-ALUNA, ENGENHEIRA CIVIL, ADMINISTRADORA E SÓCIA NA TECOMAT

Mais que um professor, o senhor tornou-se um amigo, um conselheiro e um exemplo que, com suas sábias e experientes palavras, faz-nos sentir orgulho de nossa profissão e orgulhosos de termos sido seus alunos. Sabemos que a referência que o senhor é e o respeito que

seu nome desperta não surgiram do acaso e não foram gratuitos, são o resultado de um longo processo de ensino, aprendizagem, ética e muitos outros requisitos necessários ao homem para ser considerado digno do papel que lhe é destinado.

SEBASTIÃO NETO · ENGENHEIRO CIVIL

Conheço o professor Joaquim Correia desde 1982, quando tive o prazer de ser seu aluno no curso de graduação da Escola de Engenharia da UFPE. Desde então, tornou-se o meu eterno mestre, mestre da engenharia, mestre da ética, mestre da amizade. Mostrou a mim, em uma ocasião muito desgastante na minha vida profissional, que um professor não se resume à sala de aula, não se resume a um tempo determinado. Naquela ocasião, ele me telefonava todos os dias, mas todos os dias mesmo, e simplesmente perguntava: "Como está você? Tudo vai se resolver porque você está correto". Essas palavras ainda estão vivas em minha mente, ensinando-me que vale a pena ser correto e ético. A minha dívida com o senhor é impagável.

SÉRGIO PRIORI · ENGENHEIRO CIVIL, PROFESSOR DA UPE

O Mestre Quinca, como sempre o chamamos (desde a Escola de Engenharia, nos idos de 1977), ensinou-nos materiais de construção. Na Hadan, foi nosso supervisor na mais ousada obra que a engenharia pernambucana realizou – Maranguape I – a construção industrial de habitações populares com painéis pré-fabricados em concreto armado, que permitiu um recorde de 110 unidades montadas em um único dia de serviço, do qual todos sempre nos orgulhamos muito. Nesses 40 anos, fomos alunos, estagiários, engenheiros, parceiros, consultores, admiradores, amigos e fiéis seguidores dos princípios de ética, trabalho como forma de superar desafios, competência, dedicação e reconhecimento que o mestre representa.

STÊNIO CUENTRO · ENGENHEIRO CIVIL

Aprendi a admirar o professor Joaquim quando tive o privilégio de ser seu aluno na disciplina de materiais de construção 1, no primeiro semestre de 1987, no curso de engenharia civil da UFPE. Nós, formandos de dezembro de 1989, elegemos, por unanimidade, o professor Joaquim Correia Xavier de Andrade Filho para dar nome à turma. Na colação de grau, como orador, destaquei a maneira simples, dedicada e amiga com que sempre exercia a função de mestre. Mencionei a forma honesta, coerente e competente da sua vida profissional e enfatizei nossa admiração pela sua principal característica: a humildade. Hoje, após 30 anos de intensa convivência no exercício da profissão, posso afirmar que sua excelência técnica e qualidades pessoais continuam presentes, servindo de exemplo para várias gerações.

TARCÍSIO SOLANO DE MORAIS MAGALHÃES · ENGENHEIRO CIVIL

Carregar o sobrenome Correia Andrade é motivo de responsabilidade e orgulho. Responsabilidade por manter o respeito conquistado, e orgulho de poder contar com a companhia diária do meu pai e do meu avô Joaquim, que desde o berço me ensina, da forma mais afetuosa que ele pode, a ter atitudes serenas, sensatas e corretas, não apenas como profissional, mas principalmente como homem. Sigo e seguirei, com satisfação, os legados do meu avô Joaquim.

TIAGO ANDRADE · ENGENHEIRO CIVIL, NETO

Este livro foi escrito por Flávia de Gusmão entre 2017 e 2018.
Foi impresso pela Gráfica e Editora Provisual em papel pólem 80gr/m², com projeto gráfico de Zabad Design, que utilizou as fontes Blogger Sans, desenhada por Sergiy Tkachenko, e TechnicBold.

Terminou-se de imprimir em novembro de 2018, ano em que Joaquim Correia Xavier de Andrade Filho completa 6 décadas de engenharia; e a Tecomat, 26 anos de atuação.

Poema da quarta capa publicado no livro O engenheiro (1945).

In: MELO NETO, João Cabral de. Obra completa: volume único. Org. Marly de Oliveira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p.69-70. Biblioteca luso-brasileira. Série brasileira

Flávia de Gusmão é jornalista, editora assistente do caderno de cultura do Jornal do Commercio e autora dos seguintes livros:
Otoniel Abílio da Costa - Arte e desejo, uma breve introdução à alta gastronomia no Brasil;
Cesar Santos - Chef;
Cordeiros e cabritos à moda dos grandes chefs;
Sexo@Cidade - 101 Crônicas Escolhidas,
Fernanda Dias: Uma Vida para Construir uma Marca;
Fernanda Wanderley: Uma Lição de Vida.

O ENGENHEIRO

A LUZ, O SOL, O AR LIVRE
ENVOLVEM O SONHO DO ENGENHEIRO.
O ENGENHEIRO SONHA COISAS CLARAS:
SUPERFÍCIES, TÊNIS, UM COPO DE ÁGUA.

O LÁPIS, O ESQUADRO, O PAPEL;
O DESENHO, O PROJETO, O NÚMERO:
O ENGENHEIRO PENSA O MUNDO JUSTO,
MUNDO QUE NENHUM VÉU ENCOBRE.

(EM CERTAS TARDES NÓS SUBÍAMOS
AO EDIFÍCIO. A CIDADE DIÁRIA,
COMO UM JORNAL QUE TODOS LIAM,
GANHAVA UM PULMÃO DE CIMENTO E VIDRO).

A ÁGUA, O VENTO, A CLARIDADE
DE UM LADO O RIO, NO ALTO AS NUVENS,
SITUAVAM NA NATUREZA O EDIFÍCIO
CRESCENDO DE SUAS FORÇAS SIMPLES.

JOÃO CABRAL DE MELO NETO

